



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS (FCS)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

**As performances das Folias de Reis e suas clivagens no  
campo e na cidade no município de Morrinhos/GO**

GOIÂNIA  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### 2. Nome completo do autor

José Henrique Rodrigues Machado

### 3. Título do trabalho

As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e na cidade no município de Morrinhos/GO

### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

**[1]** Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Geórgia Cynara Coelho de Souza, Usuário Externo**, em 16/10/2023, às 14:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Henrique Rodrigues Machado, Discente**, em 16/10/2023, às 21:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4122954** e o código CRC **965C11F3**.

---

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

**As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e na cidade no município de Morrinhos/GO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais (FCS), da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Doutor em Performances Culturais.

Área de concentração: Performances Culturais

Linha de pesquisa: Espaços Materialidades e Teatralidades

Orientadora: Professora Doutora: Geórgia Cynara Coelho de Souza

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

MACHADO, José Henrique Rodrigues

As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e  
na cidade no município de Morrinhos/GO [manuscrito] / José  
Henrique Rodrigues MACHADO. - 2023.

CCXIV, 214 f.

Orientador: Prof. Geórgia Cynara Coelho de SOUZA.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Performances  
Culturais, Goiânia, 2023.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico,  
tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Folias de Reis. 2. Clivagens. 3. Sociabilidade Moderna. 4.  
Capitalismo tardio. 5. Campo e Cidade.. I. SOUZA, Geórgia Cynara  
Coelho de, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

### ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 08 da sessão de Defesa de Tese de José Henrique Rodrigues Machado, que confere o título de Doutor em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos onze dias do mês de outubro de dois mil e vinte e três a partir das quatorze horas, por meio de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa da Tese intitulada "As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e na cidade no município de Morrinhos/GO". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Geórgia Cynara Coelho Souza (UEG e PPGPC/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Maria Idelma Vieira D'Abadia (UEG), membro titular externo, Professor Doutor Julierme Sebastião Morais Souza (UEG), membro titular externo, Professor Doutor Roberto Antônio Penêdo do Amaral (UFT e PPGPC/UFG), membro titular interno, Professor Doutor Rodrigo Cássio Oliveira (UFG), membro titular interno, cujas participações ocorreram por meio de videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Após as arguições, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da tese, tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Geórgia Cynara Coelho Souza, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

#### TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Geórgia Cynara Coelho de Souza, Usuário Externo**, em 11/10/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROBERTO ANTÔNIO PENEDO DO AMARAL, Usuário Externo**, em 16/10/2023, às 07:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Cassio Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 16/10/2023, às 13:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA IDELMA VIEIRA D'ABADIA, Usuário Externo**, em 20/10/2023, às 07:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JULIERME SEBASTIÃO MORAIS SOUZA, Usuário Externo**, em 30/10/2023, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4109612** e o código CRC **18868E53**.

Dedico esta tese aos meus pais, D. Olga e *Seu* Zé Miguel, que, mesmo não compreendendo algumas das importâncias deste título, precisam receber a força e a energia desse momento: o incentivo da senhora e suas lutas conseguiram atingir a promessa de meu nascituro, mãe! A senhora terá um filho doutor. Em igual intensidade, reporto-me ao meu pai que, do outro lado da vida, me acompanha. Essa dedicatória é para uma saudade!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores, desde minha formação inicial na Escola Estadual Antônio Correia Bueno, com a professora Miriam nas primeiras letras, até a Universidade Estadual de Goiás e Universidade Federal de Goiás. De forma especial aos professores do Programa de Performances Culturais da FCS/UFG. Aos membros de minha banca de qualificação e defesa: Professores Doutores Rodrigo Cássio, Julierme Morais, Maria Idelma Vieira D'Abadia, Roberto Antônio Penedo, André Caes e Lisandro Magalhães. Ainda, agradeço à coordenação do PPGPC/UFG, num primeiro momento exercida pela professora Luciene Dias e agora pelo professor Cleomar de Sousa Rocha, e, também à eficiente Ana Maria, secretária do programa. Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Geórgia Cynara, que, com sua capacidade intelectual e humanística, deu formato e se fez uma oleira na condução dessa pesquisa: mãos firmes e atentas a orientar. Uma gratidão imorredoura a vocês! O seu “sim” nos momentos de tanta incerteza me fez acreditar em mim mesmo e ter força para seguir e chegar à conclusão desta tese.

Agradeço aos queridos amigos que sempre estão comigo nos momentos de crescimento e busca: Thyago Madeira França, por ler meu projeto e oferecer suas contribuições e apoio; Paula Chagas, de igual lugar; Arlete de Falco, que me emprestou horas valiosas de seu tempo para ler documentos e me ajudar na organização de ideias, assim como para dar correções da minha carta memorial.

Aos meus grandes amigos e incentivadores: Túlio, Tércio e Graça, minha comadre Wornecy. Em igual ternura Marcelo, Lêda, Renato e Mariana. Fernandino, do outro lado do caminho. Belzinha com a família. Amo vocês.

À amiga-irmã-mãe Lia de Amorim, os meus respeitos por tanta contribuição a essa pesquisa, e agradecer a ela só faz justiça a quem tanto se importa com o crescimento de uma pesquisa como a minha: popular.

Agradeço às minhas colegas de doutorado pelas leituras e bate-papos, lamentações e incentivo: Tatiane, Mariana, Onira e Viviane. Valeu ter vivido essa etapa da vida com vocês!

Agradeço aos Foliões e Folioas que emprestam sua vida para fazer com que as folias sejam perenes. A todos que participam dessa tradição, meus respeitos e gratidão. A todos os núcleos das folias que pesquisei: decoradores, arrecadadores, cozinheiros e cozinheiras, o meu muito obrigado. Homenageio aqui, com esse agradecimento, a tantos foliões que faleceram no percurso dessa pesquisa.

À professora Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto, para mim, Verinha, que me ofereceu luz e conforto nos dias de aflição e incertezas.

Aos foliões falecidos e que foram muito importantes na produção dessa pesquisa: Miguelim e Biela. Ambos estavam ansiosos por ver as folias, nessa pesquisa, de forma respeitosa e vigorosa. Que os Reis do Oriente possam entoar versos lindos ao recepcioná-los! Ao meu mentor e incentivador Fernandino Barbosa, em memória.

Aos amigos Jarbas e Helcimar e seu filho Dr. Túlio Nogueira, meu ex-aluno, médico humanista que me devolveu a vida.

Agradeço à minha irmã, Michelle, e aos meus sobrinhos Matheus e Gustavo, por tanta atenção e zelo comigo pela vida afora. À minha mãe, Olga, mulher de lutas e garra!

Agradeço ao meu companheiro de vida, Ygor Eduardo, por tanta parceria e cuidado, por entender minha pesquisa e por dividir tantos dias e horas comigo, e, para além disso, dividir nosso início de vida com essa investigação.

Por fim, agradeço a Deus, e aos Três Reis Santos, pela dádiva da vida!  
Obrigado.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

Não poderia deixar de agradecer aqui às Instituições Públicas de Educação, das quais fui um usuário. Participante de políticas afirmativas, seja na educação, saúde ou assistência social, fiz-me professor e hoje, na condição de pesquisador, só consigo olhar para trás e agradecer ao incentivo de um governante, dentre todos: Luiz Inácio Lula da Silva, que quis Deus, estivesse na presidência desse meu amado país nesse momento de júbilo para mim. Sou uma resposta afirmativa das políticas públicas para pobres, periféricos e da diversidade de gênero. Gratidão, presidente Lula! Seu discurso, assistido por mim, pela televisão, quando de sua primeira posse no governo do Brasil, ecoou em minha mente e pulsou forte em meu coração. À época um sonhador acadêmico de Letras, que também já era um trabalhador-professor, se preparando, em início de carreira. A pouca idade e minha localização geográfica não me faziam vislumbrar um crescimento na carreira, até aquele momento. Era tudo muito distante para aquele jovem. Sua força ao chegar na Presidência da República, àquela época, me fez acreditar. E sim, haverá um doutor filho de lavadeira de roupas e peão de fazenda. O discurso do senhor, Presidente Lula, me fez ter a certeza de que eu poderia realizar algo dessa grandeza: chegar diante de uma banca e defender uma tese de doutorado. Fui bolsista na graduação e também no mestrado. E quero devolver com meu trabalho esse incentivo. Meu agradecimento ao senhor, presidente Lula: um presidente-operário-plantador. Plantador de sonhos!

“Nossa deformação cultural nos faz pensar que cabe a um segmento da sociedade levar cultura a outro. Nós temos é que buscar a cultura no povo, dando condições para que ela brote. Só assim torna-se possível criar uma real identidade cultural”.

(Fernanda Montenegro, atriz)

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

**AS PERFORMANCES DAS FOLIAS DE REIS E SUAS CLIVAGENS NO CAMPO E  
NA CIDADE NO MUNICÍPIO DE MORRINHOS/GO.**

Tese apresentada à Universidade Federal de Goiás, como parte das exigências para a obtenção do título de doutor em Performances Culturais.

Goiânia, Goiás, 11 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Geórgia Cynara Coelho Souza (Orientadora)  
PPGPC/UFG

---

Prof. Dr. Rodrigo Cássio Oliveira (Arguidor Interno)  
PPGPC/UFG

---

Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral (Arguidor Interno)  
PPGPC/UFG

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia (Arguidora Externa)  
TECCER/UEG

---

Prof. Dr. Julierme Sebastião Morais Souza (Arguidor Externa)  
PPGHIS/UEG

---

Prof. Dr. Lisandro Nogueira (Arguidor Suplente Interno)  
PPGPC/UFG

---

Prof. Dr. André Luiz Caes (Arguidor Suplente Externo)  
PPGHIS/UEG

MACHADO, José Henrique Rodrigues. 203f. **As performances das Folias de Reis e suas clivagens no campo e na cidade no município de Morrinhos/GO.** Tese (Doutorado em Performances Culturais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, 2023.

## RESUMO

Esta pesquisa vincula-se a reflexões sobre as Folias de Reis na cidade de Morrinhos/GO. Com o problema levantado sobre de que modo, e, em que termos e clivagens, se apresentam o capitalismo tardio e a sociabilidade moderna nas/das folias do campo e da cidade, apresentamos como objetivo geral compreender as possíveis diferenças, coincidências e determinações no ritual, nos corpos performáticos dos foliões e seu ritual, considerando a modernidade tardia e sociabilidade moderna como influenciadoras da (des) continuidade e transformação da tradição. Isso posto, será feito um levantamento etnográfico das folias da cidade e do campo, e verificar seus ritos/atos comuns, discrepantes e convergentes. Com a necessidade de também captar indícios marcadores singulares das performances das folias, do campo e da cidade, para assim compreender campo e cidade como transformadores de uma tradição inventada. A intenção ainda é documentar a simbologia fundante existente no ritual das folias e suas imbricações na tradição inventada no campo e na cidade e suas possíveis variantes, no município Morrinhos/GO. Lançaremos mão das teorias de Raymond Williams que irão demonstrar as relações que necessitamos, com a finalidade de compreender como o capitalismo tardio e a sociabilidade moderna, teorias trazidas por João Emanuel Cardoso de Melo, objeto dessa pesquisa, se perfazem numa linha de sentido. Pesquisaremos aqui as Folias de Reis, os rituais, a ambiência, e para tanto utilizaremos, para iluminar essa pesquisa, os conceitos trazidos sobre cultura por Peter Burke e sua carga de sentido sobre a amplitude do tema; Circularidade Cultural de Mikhail Bakhtin; Representação, de Roger Chartier; Identidade, de Stuart Hall; Memória, de Boaventura de Souza Santos; Tradição Inventada, de Eric Hobsbawm. A metodologia utilizada foi a de uma Pesquisa qualitativa, de nível exploratório. Depreendida de método etnográfico, de caráter interdisciplinar, de cunho bibliográfico, com pesquisa de campo, em que foram visitadas 59 companhias de folia, cujo denodo entre as relações sociais entre a devoção, os agentes (devotos) e todas as comunidades que recebem as folias estão descritas de modo a evidenciar um cenário dinâmico entre Campo e Cidade e suas clivagens, sempre buscando realizar maximamente as descrições a partir do ponto de vista visual, e enquadrar o que se via nas teorias, tendo em vista a força das festividades das folias em Morrinhos/Go.

**Palavras-chave:** Folias de Reis; Clivagens; Sociabilidade Moderna; Capitalismo tardio; Campo e Cidade.

MACHADO, José Henrique Rodrigues. 203f. **The performances of the Folias de Reis and their cleavages in the countryside and in the city in the municipality of Morrinhos/GO.** Doctoral thesis (Doctorate Program in Cultural Performances) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, 2023

This research is linked to reflections on the Folias de Reis in the city of Morrinhos/GO. With the problem raised about this mode, and in what terms and cleavages, late capitalism and modern sociability are presented in/from the festivities of the countryside and the city, presented as a general objective to understand the possible differences, coincidences and determinations in the ritual, in the performance of the folios and their ritual, considering late modernity and modern sociability as influenced by the (dis)continuity and transformation of tradition. That said, an ethnographic survey of city and country leaves will be carried out, and their common, discrepant and convergent rites/acts will be verified. With the need to also capture unique markers of the performances of the festivities, the countryside and the city, in order to understand the countryside and the city as transformers of an invented tradition. The intention is still to document the founding symbolism existing in the ritual of the festivities and its imbrications in the tradition invented in the countryside and in the city and its possible variants, in the municipality of Morrinhos/GO. We will use Raymond Williams' theories that will demonstrate the relationships we need, with the purpose of understanding how late capitalism and modern sociability, theories brought by João Emanuel Cardoso de Melo, the object of this research, form a line of meaning. Here we will research the Folias de Reis, the rituals, the ambience, and to do so we will use, to illuminate this research, the concepts brought about culture by Peter Burke and his load of meaning on the breadth of the theme; Cultural Circularity by Mikhail Bakhtin; Representation, by Roger Chartier; Identity, by Stuart Hall; Memory, by Boaventura de Souza Santos; Invented Tradition, by Eric Hobsbawm. The methodology used was qualitative research, at an exploratory level. Derived from an ethnographic method, of an interdisciplinary nature, of a bibliographic nature, with field research, in which 59 festivities were visited, whose focus is on the social relations between devotion, the agents (devotees) and all the communities that receive the festivities described in order to highlight a dynamic scenario between Country and City and their divisions, always seeking to achieve maximum security from a visual point of view, and to frame what was seen in theories, taking into account the strength of the festivities of the festivities in Morrinhos/Go.

Keywords: Folias de Reis; Cleavages; Modern Sociability; Late capitalism; Country and City.

## LISTA DE MAPAS

<b>Número</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
<b>Mapa 1</b>	Mapa de Folias na Cidade.	<b>74</b>
<b>Mapa 2</b>	Mapa de Folias no Campo.	<b>75</b>

## LISTA DE VÍDEOS

<b>Número</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
<b>Vídeo 1*</b>	Reza do Terço, na cidade.	<b>81</b>
<b>Vídeo 2*</b>	Folia de Nossa Senhora D'Abadia	<b>109</b>
<b>Vídeo 3 *</b>	Palhaço da Folia em performance	<b>113</b>
<b>Vídeo 4*</b>	Roda do Palhaço	<b>116</b>
<b>Vídeo 5*</b>	Atuação do palhaço em folia no campo	<b>124</b>
<b>Vídeo 6*</b>	Arcos da Folia	<b>126</b>
<b>Vídeo 7*</b>	Reza do Terço, no campo	<b>131</b>
<b>Vídeo 8 *</b>	Benzeção da comida na mesa dos foliões	<b>138</b>

\*Todos os vídeos podem ser assistidos via *Qr-code*.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Nº da Figura</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
<b>Figura 1</b>	Foliões Patrões segurando a bandeira de Santos Reis durante o giro.	<b>79</b>
<b>Figura 2</b>	Máscara e Indumentária do Palhaço.	<b>80</b>
<b>Figura 3</b>	Guia de Folia na Reza do Terço	<b>81</b>
<b>Figura 4</b>	Transformação do espaço em ambiente ritual.	<b>88</b>
<b>Figura 5</b>	Altar de uma folia na Cidade	<b>89</b>
<b>Figura 6</b>	Altar de uma folia no Campo	<b>89</b>
<b>Figura 7</b>	Vista Geral do ambiente preparado para receber a Folia na cidade.	<b>90</b>
<b>Figura 8</b>	Flores usadas para a ornamentação dos ambientes da folia no campo.	<b>92</b>
<b>Figura 9</b>	Construção da Torda para receber os visitantes da folia no campo.	<b>95</b>
<b>Figura 10</b>	Vista da Chegada da Folia na Cidade.	<b>95</b>
<b>Figura 11</b>	Instrumentos colocados em cima da cama.	<b>101</b>
<b>Figura 12</b>	Cravinhos (divisas entre foliões).	<b>101</b>
<b>Figura 13</b>	Foliões Patrões, guardiões da bandeira, como Alferes, segurando a bandeira para os foliões passarem por baixo.	<b>102</b>
<b>Figura 14</b>	Algumas Bandeiras de folias do município de Morrinhos.	<b>103</b>
<b>Figura 15</b>	Devotos benzendo suas casas e terreiros.	<b>104</b>
<b>Figura 16</b>	Altars de Folias.	<b>103</b>
<b>Figura 17</b>	Vista parcial do altar com 365 santos, cada um com uma vela.	<b>107</b>
<b>Figura 18</b>	Folia de Nossa Senhora D'Abadia – Comunidade Araras, Morrinhos – GO	<b>109</b>
<b>Figura 19</b>	Palhaço da Folia de Reis (lado esquerdo da imagem) na Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>110</b>
<b>Figura 20</b>	Palhaços guardando a bandeira na Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>112</b>
<b>Figura 21</b>	Bastião (palhaço/mascarado);	<b>113</b>

<b>Figura 22</b>	A figura do palhaço aponta célebre em todas as situações do giro. Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>115</b>
<b>Figura 23</b>	Roda do palhaço na página Folia de Reis no <i>Facebook</i> ;	<b>116</b>
<b>Figura 24</b>	Palhaço sem máscara devido luto da proprietária do local.	<b>117</b>
<b>Figura 25</b>	Guarda da bandeira, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>118</b>
<b>Figura 26</b>	Atuação do palhaço ao chegar no pouso da folia, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>118</b>
<b>Figura 27</b>	Brincadeira do palhaço, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.	<b>119</b>
<b>Figura 28</b>	Palhaço chamando a atenção para a bandeira passar.	<b>120</b>
<b>Figura 29</b>	Chula do Palhaço, município de Morrinhos, GO.	<b>121</b>
<b>Figura 30</b>	Máscaras de palhaço: couro cru recortado e tingido. Município de Morrinhos, GO.	<b>121</b>
<b>Figura 31</b>	Chicote ou Pinhola de couro cru. Município de Morrinhos, GO.	<b>122</b>
<b>Figura 32</b>	Embornal a tiracolo dos Palhaços.	<b>122</b>
<b>Figura 33</b>	Atuação do Palhaço da folia no campo;	<b>124</b>
<b>Figura 34</b>	Arcos de Folia, Comunidade Serrinha, município de Morrinhos, GO	<b>126</b>
<b>Figura 35</b>	Presentes dados aos Foliões.	<b>128</b>
<b>Figura 36</b>	Presentes dados aos Foliões: Ouro, Incenso e Mirra.	<b>129</b>
<b>Figura 37</b>	Presentes da Chegada da Folia.	<b>130</b>
<b>Figura 38</b>	Reza do Terço, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO	<b>131</b>
<b>Figura 39</b>	Kit para a reza do Terço: vela, rosário e lenço. Ao lado, velas eletrônicas para cada santo do altar.	<b>132</b>
<b>Figura 40</b>	Preparação das Refeições.	<b>133</b>
<b>Figura 41</b>	Mesas dos Foliões.	<b>137</b>
<b>Figura 42</b>	Benzeção da Comida na Mesa dos Foliões	<b>138</b>
<b>Figura 43</b>	Mesa servida em Folia na Cidade.	<b>139</b>
<b>Figura 44</b>	Antes, Casa de Engenho e Serraria, adaptadas, ambiente para servir refeições aos foliões e convidados.	<b>141</b>
<b>Figura 45</b>	Mesa servida, festa de Folia de Reis, no campo.	<b>142</b>
<b>Figura 46</b>	Sobremesa, folia do campo.	<b>143</b>
<b>Figura 47</b>	Sobremesa, folia da cidade	<b>143</b>

## LISTAS DE QUADROS

<b>Número</b>	<b>Descrição</b>	<b>Página</b>
<b>Quadro 1</b>	Definições de Campo e Cidade.	<b>54</b>
<b>Quadro 2</b>	Participação nas festas de 2021 a 2023.	<b>76</b>
<b>Quadro 3</b>	Formato da cantoria.	<b>98</b>
<b>Quadro 4</b>	Verso de Folia.	<b>107</b>
<b>Quadro 5</b>	Cardápio, quantidades de refeições servidas, Folia da Cidade.	<b>143</b>
<b>Quadro 6</b>	Cardápio, quantidades de refeições servidas, Folia do Campo.	<b>144</b>
<b>Quadro 7</b>	Reconstrução do histórico das Falias de Reis em Morrinhos/GO.	<b>147</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>1 CULTURA, CULTURA POPULAR, REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: CONSTITUINTES DE UMA TRADIÇÃO INVENTADA.....</b>	<b>29</b>
1.1: A Cultura Popular e as Folias de Reis.....	35
1.2: Tradição inventada: representações de uma vontade coletiva.....	49
1.3: Campo e cidade nas festas populares e seus agentes.....	53
1.3.1: Festejos populares no campo e na cidade tradição e modernidade .....	63
1.4: Capitalismo tardio, a sociabilidade moderna e as Folias de Reis .....	65
1.5: Folia de Reis .....	68
<b>2. AS FOLIAS DE REIS PELO BRASIL: DIVERSIDADE E DEVOÇÃO .....</b>	<b>71</b>
2.1: Diversidade de olhares das/nas Folias pelo Brasil .....	77
2.2: Lugares rituais - Performances e clivagens no urbano e no rural .....	86
2.3: Os núcleos constituintes de uma folia .....	96
2.4: Música e toadas: a canção nas folias aceites possíveis para as folias .....	97
2.5: Materialidade do ritual: a bandeira, os cravinhos/divisas e altares, símbolos de uma tradição .....	100
2.6: Os Palhaços .....	109
2.7: Os arcos e amarrios/amarrilhos.....	124
2.8: Os presentes: manutenção da tradição inventada .....	127
2.9: O terço .....	130
2.10: As comidas das Folias: afetividade ao servir .....	132
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>148</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>155</b>
<b>5. MATERIAL AUDIOVISUAL CONSULTADO .....</b>	<b>162</b>
<b>6. APÊNDICES A até N – Fotografias das pesquisas de campo.....</b>	<b>163</b>

## INTRODUÇÃO

*Lá do céu desceu um anjo, ai com seu livrinho nas mão;  
No livrinho estava escrito, viva nossa religião.*  
(Versos cantados de Nicanor Machado – Guia de Folia)

O tema a que se digna essa pesquisa são as Festas Populares Religiosas, cujo objeto é o das Folias de Reis, na busca de compreendê-las, na perspectiva do tempo, na cidade de Morrinhos/GO.

O interesse em pesquisar as Folias de Reis surgiu quando, por exemplo, se descortinam uma cena no mínimo interessante: pessoas peregrinando por casas, cantando e levando uma forma inusitada e alegre de uma presença religiosa. Cheia de rituais. Comida em abundância. Mesas fartas. Cantos, risos e brincadeiras dão um tom muito intrigante a alguém que passa por uma folia. Nunca ninguém sairá sem questionar algum dos porquês de tantas ações numa manifestação - para alguns, artística; para outros, devocional.

Em minha dissertação de Mestrado em História, pesquisei como se deram as tensões e a resistência do Catolicismo Popular ante o poder institucional da Igreja Católica em Morrinhos/GO, com base em investigação realizada por meio de documentos e entrevistas semiestruturadas cuja finalidade foi ouvir de 29 agentes/Guias de folias o porquê de tanta resistência de um festejo do povo.

Nesse processo, pude perceber o quanto o jogo de força se descortinava como claro, e quanto são oportunas reflexões para manifestações populares, que agregam mais adeptos que as institucionais. Percebi então que não se tratou de uma queda de braços entre o fazer do Povo e da Igreja, pelo menos por parte do povo, uma vez que seus cantos faziam alusão ao catolicismo santoral, por exemplo, dogma da Igreja Institucional. Com efeito, as investigações se deram numa perspectiva de entender o alvo que fazia com que as folias permanecessem, mesmo diante de tantas intempéries, muitas vezes conflituosas e conflitantes com o poderio da Igreja. Ao compreender esse ajuste e

Nessa complexa gama cultural, a instituição existe (no sentido sociológico clássico do termo), isto é, as manifestações são grupais e obedecem a uma série de cânones, mas elas não dispõem da rede do poder econômico vinculante, nem de uma força ideológica expansiva como a Universidade e as empresas de comunicação. São micro

instituições, dispersas no espaço nacional, e que guardam boas distâncias da cultura oficial. Servem à expressão de grupos mais fechados, apesar de seus membros estarem também expostos à cultura escolar ou aos meios de comunicação de massa (BOSI, 1992, p. 323).

Chegar a um ponto de equilíbrio em que o povo, em seu credo devocional por meio dos festejos das Folias de Reis, ofereça um entendimento final - o de que as folias, enquanto manifestação devocional do povo, permanecem vigentes e atuantes por conta da circularidade cultural. Isso me fez querer compreender como estão as folias após esse momento: se vivas e atuantes e oferecendo um outro olhar para si - o de como tem acontecido nos dias atuais - e, ainda mais: o que ficou das/nas folias a se observar campo e cidade nos enfrentamentos com a modernidade. Essa multiplicidade dentro das Ciências Sociais é que nos motivou a buscar, agora por outro viés, mais afunilado, alcançar as Folias de Reis, de forma científica, quanto a suas clivagens, esse conceito sociológico que se refere a mudanças, alterações. Conceito que pode ser trazido para essa discussão obedecendo a concepção de separação/diferenciação dos grupos sociais, no caso dos foliões, por razões ideológicas, religiosas, culturais, econômicas, étnicas ou históricas. Em lume, nessa pesquisa, as clivagens serão sob a ótica das razões religiosas quanto ao ato devocional dos agentes culturais, por se tratar de um festejo popular; e histórica, por lidar com um fato histórico pontual.

Assim, ao estabelecer um entendimento que explicaria esse processo visual e sonoro, passar-se-ia a um outro tópico, o aprofundamento na temática das Folias de Reis, para se consolidar o que constatei na pesquisa de mestrado, num amontoado de ações: resistência, resiliência e tradição. As folias estão para uma movimentação sociológica ao verificar que os espaços sociais e seus agentes comunicam-se e deles brota um produto intrigante: um processo mudando a lógica de um espaço e das pessoas que nele convivem.

As investigações sobre Folias de Reis na área das pesquisas de doutoramento na Universidade de São Paulo – USP têm sido importantes para o avanço do conhecimento e a valorização dessa tradição inventada<sup>1</sup> no Brasil. A USP, como uma

---

<sup>1</sup> Trazemos o termo tradição inventada, nesse momento, porém iremos aprofundá-lo no próximo capítulo, pois retomaremos tal discussão com base em Hobsbawm, de forma mais detalhada.

das principais instituições de ensino e pesquisa do país, realiza estudos que buscam compreender e analisar as Folias de Reis sob diferentes perspectivas.

Dentre os estudos de doutoramento, realizados na USP, destacam-se aqueles que exploram a história e as origens das Folias de Reis, investigando suas raízes ancestrais e seu processo de adaptação ao contexto brasileiro, bem como buscam compreender as influências culturais e as transformações que as referidas folias sofreram ao longo do tempo, acompanhando sua trajetória, principalmente, em regiões distintas, ou no campo ou na cidade<sup>2</sup>.

Além disso, as citadas pesquisas têm se debruçado sobre aspectos simbólicos e de significados, presentes nas Folias de Reis, explorando as representações religiosas, as práticas de rituais, os cantos e as danças características em algumas delas - em alguns casos, investigando sua relação com a espiritualidade, a devoção e as crenças populares. Por meio dessas análises, buscam compreender o papel das Folias de Reis como expressões culturais e religiosas no contexto brasileiro.

Outra abordagem vista nas referidas pesquisas é a relação entre a manifestação cultural e a identidade regional, explorando como as Folias de Reis são vivenciadas em diferentes regiões do Brasil, analisando suas particularidades e influências culturais, em quase todos os casos sendo tratada como Folclore.<sup>3</sup> Aqui nessa pesquisa não trataremos das Folias com esse teor, mesmo sabedores de que

---

<sup>2</sup> MACHADO (1998) traz, em sua pesquisa na USP – Universidade de São Paulo, com trabalho intitulado *Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)* uma concepção sobre cultura popular e o desenvolvimento de Minas Gerais, tomando como experiência a cidade de Alto Paranaíba entre os anos de 1950 e 1985, com o foco nas representações e práticas religiosas do lugar e a origem das Folias (<https://repositorio.usp.br/item/000964651> texto na íntegra); MAHFOUD (1996) traz em sua pesquisa de doutorado nomeada como *Folia de reis: festa raiz ou experiência religiosa em comunidades da Estação Ecológica Jureia-Itatins na perspectiva da psicologia social fenomenológica* um relato de como uma região do litoral paulista lida com as questões de representação e a experiência religiosa presentes nas folias. (<https://repositorio.usp.br/item/000747473> texto na íntegra); e REILY (1990) em sua pesquisa intitulada *Renuimo's fuliao: um estudo etnomusicológico das companhias de reis na grande cidade*, traz uma perspectiva de estudo sobre a etnomusicologia das companhias de folias de reis e a grande cidade no ano de 1990 e seus enfrentamentos e resistências, levando-se em conta suas raízes. (<https://repositorio.usp.br/item/000731853> texto na íntegra)

<sup>3</sup> KODAMA, (2009) em sua tese de doutorado intitulada *Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas*, discute as questões de identidade das folias em Ourinhos, interior de São Paulo e como se dão suas relações com a sociedade no processo de alta e baixa cultura, comprovando pontos de serem as folias uma representação de cultura. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-04082009-202926/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

há uma vertente de estudos que se apropriem dessa indumentária teórica para tais estudos.

Ao pesquisar a temática pudemos identificar que Minas Gerais é um dos estados com maior força nessa tradição. Pode-se afirmar isso por conta da série de organizações, movimentos de fortalecimento e legislação. A Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais possui um cadastro específico para as folias, e nele há centenas de grupos que, inclusive, concorrem a fomentos públicos para a manutenção das folias no estado. Uma Lei estadual de reconhecimento e outras inúmeras formas de atendimento aos grupos de folia foram implementados com essa finalidade. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), há no Departamento de Pesquisas Culturais um núcleo específico para a documentação e orientação das companhias de folia. No repositório da UFMG há 102 (cento e dois) trabalhos quando é pesquisado em seu repositório o verbete Folias de Reis.

No estado do Rio de Janeiro a força dessa tradição inventada também pode ser evidenciada. Na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) há pesquisadores que emprestam seus estudos na área, com grande relevância.

Na Universidade Federal de Goiás - UFG, o tema é abordado como uma discussão em suas pesquisas de doutorado, evidenciando o aspecto simbólico e suas manifestações em comunidades específicas em que estão inseridas. As pós-graduações em Geografia e História apresentam número significativo de pesquisas - mesmo que, entendemos, bem distante - da força dessa tradição no estado.<sup>4</sup>

Em nosso programa de Performances Culturais, temos alguns estudos que tratam de apresentar perspectivas diversas atinentes aos estudos sobre a indumentária, dança, jogo e chula do palhaço, ritual, educação estética, memória e práticas tradicionais. Contudo, apesar de serem pesquisas importantes, é válido

---

<sup>4</sup> Vale a pena destacar que os trabalhos encontrados têm múltiplos diálogos dentro de nosso objeto. Encontramos pesquisas nos programas de Geografia e Interdisciplinar no repositório da Universidade Federal de Goiás atinentes ao tema das Folias. CURADO (2011) trata, em sua tese de doutorado nomeada como *Lagolândia — paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas festividades*, as questões da mudança das paisagens do povoado de Lagolândia no período das folias, com especial cuidado em documentar os feitos simbólicos do ritual naquela comunidade.

mencionar que em todo o repositório da UFG não é conseguida nem uma dezena de teses com a temática das Folias de Reis.<sup>5</sup>

No campo das pesquisas mais apuradas sobre o tema das Folias no estado de Goiás, conseguimos dar visibilidade ao que pesquisou o importante intelectual Carlos Rodrigues Brandão, autor de vasta bibliografia sobre o tema, que tratou em seus textos de problematizar as questões sobre rituais das folias em Goiás, evidenciando como elas se manifestam, díspares até de outras regiões do país.

Ao compor entendimentos sobre pesquisadores da temática, localizamos as pesquisas de Jadir de Moraes Pessoa, antropólogo, folião e professor da Faculdade de Educação da UFG, que desenvolveu estudos com a pesquisadora francesa Madeleine Felix e, juntos, escreveram a obra *As Viagens dos Reis Magos* (2007), livro de grande valia, cuja tônica é bem expressiva quanto ao relato científico sobre a origem e o fim que tiveram os partícipes da sacra história narrada nas folias. Todos os objetos ainda não conseguem clarear as necessidades que propusemos nesta pesquisa, por mais que mostrem uma fenda no caminho a ser perseguido.

Buscando por compreensões que colaborassem na elucidação do problema de pesquisa deparei-me com os escritos do memorialista Vigilato, que propõe, num misto de estudos e impressões, um ajuntado de possibilidades que também, por mais que sejam literatura sobre as Folias de Reis<sup>6</sup> em Goiás, não incidem foco nas provocações

---

<sup>5</sup> BITENCOURT (2020), com o texto intitulado *Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruçeres-GO*, demonstra em seus estudos como se deu o processo de transmissão da tradição das folias na comunidade de Uruçeres-GO, abordando para isso em que ponto se deram as aprendizagens do ritual e como isso foi colocado para as outras gerações.

<sup>6</sup> A Folia de Reis foi iniciada pelos portugueses, exatamente o povo no qual somos descendentes e chegou ao Brasil no século XVI. Naquela época, a Folia de Reis foi introduzida no Brasil dos índios por meio da liturgia, isto é, nas cerimônias ligadas à Igreja. Os descobridores precisavam da amizade dos índios e queriam levá-los para a Igreja. [...] A folia foi usada como uma modalidade de catequese, pelos padres jesuítas – da Companhia de Jesus fundada por santo Inácio de Loiola, em 1534, e aprovada pelo Papa João III, em 1540. Naquele tempo, a folia de reis era um arranjo, em chamariz, um jeito de chamar a atenção das pessoas (primeiros dos índios) para a Igreja, utilizando pedagogicamente, da história da visitação dos magos a Jesus. Uma maneira para mover a aproximação das pessoas com Jesus. Procedia a semelhante àquela preliminar que os europeus da Península Ibérica organizavam para, de maneira bem festiva, acompanhar os Reis Magos estampados numa bandeira ou em representações vivas (pessoas vestidas a caráter). De geração em geração, estamos conservando a mesma espiritualidade. A folia é alegria. Como estamos vendo, hoje em 2011, a folia no Brasil é tradicional. Começou na 3ª década do Brasil-Colônia, 1534. Daí para cá, várias gerações já se passaram e, por meio delas, vêm sendo conduzidos, oralmente (e agora em livro) os valores espirituais e culturais através da tradição da fé. A união da tradição e da fé dá bom resultado. A palavra tradição tem um sentido muito importante e que

que necessitamos: falar de campo e cidade sob a perspectiva de uma alteração eminente do capitalismo tardio focado na sociabilidade moderna. Apesar de trazer uma série de informes, muitos deles destoantes do que as comprovações científicas apontam. Porém, entendemos a contribuição de seus escritos realizados em 2011.

Ao se observar pelas lides da História, as folias apresentam uma série de possibilidades aplicáveis: as folias passam pelos anos resistindo às intempéries e movência dos tempos, constituindo-se sempre, adequando-se para atender à proposta de uma festividade popular que se transforma numa manifestação cheia de símbolos e práticas, provocando no espectador uma reflexão em dimensões plurais de serem explicadas na linha do tempo de uma comunidade. Além disso, nessa grandeza expiam-se construções de cultura, tradições inventadas e memória<sup>7</sup>.

Na dimensão da Antropologia é podido observar que as folias nascem da invenção do povo em querer suprir uma inquietude, até metafísica, que os permeia, e justamente aí passam a oferecer suas contribuições em suas relações em suas diversas comunidades e nas diferentes culturas em que se inserem. Uma discussão dessas comunidades está para a Geografia Cultural, que passa a fornecer contribuições sobre espaço, ambiente, campo e cidade. Com efeito, todos entrosamentos que haverão de constituir essa pesquisa.

Ao caminhar mais nesse objeto, o das Folias de Reis, chega-se ao município de Morrinhos/GO, cidade fundada com teor religioso<sup>8</sup>, há 178 anos, localizada no sul

---

devemos compreender: é a transmissão da verdade ou de um fato importante acontecido no passado e que não se pode perder.

<sup>7</sup> A memória é o antimuseu: não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se onde dormitam revoluções antigas... O que mais impressiona aqui é o fato de os lugares vividos serem como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais... os demonstrativos dizem do visível suas indivisíveis identidades (CERTEAU, 1994, p. 189), conceitos que serão aprofundados no Capítulo 1.

<sup>8</sup> Zilda Diniz Fontes (1980) estabelece o início da década de 1830 como o momento em que a família Corrêa Bueno teria se fixado nas terras do atual Município de Morrinhos, tendo doado terras e construído uma capela dedicada à Nossa Senhora do Carmo em 1833, em agradecimento por terem sido protegidos na nova terra (FONTES, 1980, p. 15/16). A capela construída teria sido a origem do povoado. A mesma autora aponta que no ano de 1845 o Capitão Gaspar Martins da Veiga doou 600 alqueires ao redor da capela inicial, constituindo o Patrimônio que deu origem ao arraial, depois vila de Morrinhos. Tanto a doação quanto o estabelecimento do arraial foram confirmados pelo Presidente provincial que, na Lei nº 3, de 31 de julho de 1845, estabeleceu: —Fica desmembrada da Paróquia de Santa Cruz e elevada a freguesia de Natureza Colativa, conservando a mesma marcação a Capela Curada de Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos (FONTES, 1980, p. 16).

do estado de Goiás. As quermesses e festas religiosas, festividades comuns para a cidade desde sua fundação, agregavam na cidade uma enormidade de segmentos religiosos: as Filhas do Sagrado Coração de Maria, Os Marianinhos, Apostolado da Oração dentre outros. No campo, longe dos limites administrativos da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, ficavam à margem os católicos, considerados não-praticantes, por não comungarem semanalmente, cremos que, pelas dificuldades de locomoção para a cidade.

Foi nesse ajuntado de situações que as Folias surgem à época. Como uma forma de evangelização e conagração com a fé católica, inclusive longe do centro urbano, na cidade. As rezas de terço e os terços de coroa eram mecanismos utilizados para que o povo se juntasse e, unidos, pudessem exercer sua fé, inclusive no campo. E é também nesse ajuste que as Folias de Reis começam a despontar em um cenário campesino e inicia aí a força de uma tradição inventada, que é um conjunto de práticas que passam a inculcar numa comunidade valores, normas, regras e práticas por repetição (HOBBSAWM, 1997. p.11). O que consideramos palpável a ser utilizado nas Folias, pois, há mais de um século, repetições dessa prática a cada ano aparecem mais perenes.

A grande questão que nos chama a atenção e que nos motiva nesta pesquisa é: um município - leia-se campo e cidade - de interior, agregando fortemente um número significativo de festejos anualmente, com uma memória impregnada no povo que participa ativamente de suas realizações, mesmo lidando com as mudanças no espaço e no tempo, resiste ao tempo. Essa é a questão que nos motiva a buscar uma resposta, nesse trabalho, sob a perspectiva das Performances Culturais, se inserem ao serem observadas enquanto as concebemos “em termos de interação entre recursos e competência individual, dentro de contexto de determinadas situações” (Bauman & Sherzer, 1989, p.7), passando assim a ser gerais, utilizando outras ciências para seu estabelecimento, por exemplo.

As performances aqui assumem a concepção de rede, cuja necessidade é a de comprovar em que pontos se dão ajuizamentos de comprovação do que aqui é trazido, de forma interdisciplinar, em que as mais diversas contribuições farão alcançar os objetivos elencados. Essa grande concepção sobre as performances culturais faz com que a experiência, os rituais e todos seus desdobramentos em seus

---

agentes, conseguem trazer a discussão interdisciplinar, em que não somente estarão ligadas ao campo das performances artísticas, mas a todo um conjunto de ciências que explicam a ação de determinadas manifestações do homem em sociedade.

Logo, ao constatar as Folias de Reis pelas lides da História, Sociologia, Geografia ou Antropologia, criamos uma dimensão que provoca ponderações secundárias para essa pesquisa. E é nesse sentido que as questões emergem, a se saber: 1). Quais são as clivagens, ou seja, as mudanças essenciais, entre as folias do campo e da cidade? 2). Quais os efeitos históricos que as atravessam? 3). Qual é o produto que causa um efeito histórico numa tradição inventada?

Nossa hipótese é a de que as Folias de Reis em Morrinhos/GO têm uma força, que consegue resistir no tempo, num rearranjo pontual, que aqui iremos nos dedicar a pesquisar, uma vez que essas movimentações provocam questionamentos muito contundentes para as Ciências Sociais, levantando possibilidades numa sociedade cada vez mais voltada para o individualismo, tendo como pano de fundo o sentido inverso nas folias. Os grupos de Folias se inserindo cada vez mais fortemente no campo e na cidade.

Para tanto, lançaremos mão de teóricos, que aqui nos cabe destacar: para os conceitos de cultura<sup>9</sup>, Peter Burke (1989) em sua carga de sentido sobre a amplitude do tema, em que iremos lançar mão aqui para construir um entendimento geral sobre nosso objeto; me apoio ainda no conceito de circularidade cultural, tal como Mikhail Bakhtin discute na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (2008); para a discussão de Representação trazida no texto *A História Cultural entre práticas e representações*, de 1990, da Coleção Memória e Sociedade, em que Roger Chartier problematiza a representação como um conjunto de possibilidades de uma comunidade, e iremos detalhar no decorrer das discussões.

---

<sup>9</sup> O termo “cultura” é ainda mais problemático que o termo “popular”. Como observou Burckhardt em 1882, história cultural é um “conceito vago”. Em geral, é usado para se referir à “alta” cultura. Foi estendido “para baixo”, continuando a metáfora, de modo a incluir a “baixa” cultura, ou cultura popular. Mais recentemente, também se ampliou para os lados. O termo cultura costumava se referir às artes e às ciências. Depois, foi empregado para descrever seus equivalentes populares – a música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar) (p. 42-43)

Apoio-me também em Stuart Hall com seu conceito de identidade, que requer avaliação de uma série de fatores para que se comprove como tal, inclusive, ao se referir a tal dimensão observando o homem na linha do tempo: no estágio antigo, moderno e pós-moderno, em *Cultura e Identidade* (1990); Para a discussão sobre memória, Boaventura de Souza Santos orienta que memória é identificada “por fatos sociais que se explicam por outros fatos sociais, não por fatos individuais ou naturais (SANTOS, 2000, p.34).

Para iluminar ainda mais o nosso objeto de pesquisa, traremos a tradição inventada em Eric Hobsbawm em sua obra *A invenção das tradições*, de 1997, que por certo contribuirá para que os caminhos para as discussões sobre o tema sejam mostrados; como suporte para as discussões sobre campo e cidade, teremos Raymond Williams em sua obra *O Campo e a Cidade na história e na literatura*, 1989, a partir da qual discutiremos como campo-cidade são espaços antagônicos cujas representações díspares apresentam um mesmo processo histórico.

Por fim, trataremos sobre a obra *O capitalismo tardio e a sociabilidade moderna* (2009, 2.ed.), de João Emanuel Cardoso de Melo e Fernando Novais, que impõe reflexão sobre o quanto é importante e pontual verificar as folias no processo do capitalismo tardio com todos os atravessamentos, e de que forma lida com a sociabilidade moderna. Entendo que irei lidar com a perspectiva de reelaboração do ritual tanto no campo quanto na cidade, e isso será abordado de forma mais ampla no decorrer da pesquisa.

A maneira com que lidamos com a documentação em nossa pesquisa será exploratória, bibliográfica e com pesquisa de campo. Sob essas três vertentes, espera-se confirmar a hipótese dessa pesquisa, que trata de observar como se dão as movimentações das Folias na atualidade, com o capitalismo tardio e a sociabilidade moderna interagindo com todos os indivíduos, e em certo ponto, impactando em suas relações. Importamos em comprová-la ou refutá-la, seja total ou parcialmente.

Ainda lançaremos mão da prática da Antropologia no que se refere à etnografia, onde buscaremos mostrar, com fatos, fotografias<sup>10</sup> e vídeos, todos comprovadores de

---

<sup>10</sup>O uso de imagens - e em especial a fotografia - como fonte de conhecimento histórico é prática que acompanha os avanços relativos à análise documental na História, inclusive no Brasil. As fontes imagéticas não devem ser interpretadas como ilustração, nem como reflexo do real, mas como sua representação. Assim, elas devem ser, por meio de uma crítica externa e interna, decifradas, descobertas, de forma a permitir devolver às imagens

uma cultura, seus hábitos, religião e língua. Foram visitadas 58 Folias como pesquisador, sendo 29 no campo e 28 na cidade, durante o período de dezembro de 2021 a julho de 2023 - 19 meses, portanto. Cerca de 1400 fotografias que foram captadas por mim, 102 fotografias expostas nas bandeiras ou disponibilizadas por devotos/agentes de folias, 50 vídeos que totalizam mais de 30 horas de filmagens, que foram devidamente compiladas e arquivadas. Assim se compôs a parte de levantamentos para essa pesquisa.

A tese apresenta-se dividida em três capítulos; o primeiro capítulo trará reflexões teóricas sobre cultura e desembocará no conceito que necessitamos, o de cultura popular, que explicará os pontos que envolvem as folias. Para tanto, os estudos sobre a memória, representação e identidade iluminarão ainda mais o objeto dessa pesquisa: as Folias de Reis em Morrinhos/GO.

O conceito teórico das folias como uma tradição inventada colocará uma narrativa de que necessitam as folias: um enquadramento teórico que consiga explicar a força de uma tradição, ao que essa pesquisa deve para os ajustamentos de seu foco. Esse capítulo será também o local que trará ponderações sobre campo e cidade, as festas em cada um desses espaços, tão necessários para a composição dessa pesquisa. E, por fim, o entendimento sobre capitalismo tardio e a sociabilidade moderna, ambos atores para desvendar como são as clivagens entre campo e cidade desta pesquisa.

O objetivo principal deste estudo é examinar as diferenças e semelhanças entre as performances das folias no campo e na cidade. Para atingir esse objetivo, será realizado um levantamento etnográfico das folias de cidade e campo, examinando os ritos e ações comuns, os que divergem e os que se cruzam. A fim de entender como o campo e a cidade transformam uma tradição inventada. O estudo também busca identificar indícios distintos das performances das folias, cujo objetivo é registrar a simbologia fundamental presente no ritual das folias, bem como suas interações com a tradição criada na cidade e no campo, bem como possíveis

---

congeladas o tempo delas abstraído, bem como apreender os significados nelas contidos (NEVES, 2004, p. 1).

variações. Essas metas são essenciais para as verificações necessárias no município de Morrinhos/GO.

O segundo capítulo funcionará nesta pesquisa com o estado da arte das folias, que constará sobre a diversidade das folias no Brasil e como elas se manifestam em Morrinhos/GO, nosso recorte de lugar, com seus núcleos constituintes, versos e linguagem, bandeira, altar, cravinhos/divisa e altares trazidos como os símbolos-rituais das/nas Folias de Reis. Também constará sobre os Palhaços como agentes efetivos dos rituais, que por sua vez, apresentam riqueza de símbolos: arcos, amarrilhos, presentes, a reza do terço e seu significado, a gastronomia e a comida benzida.

Junto a ele, faremos uma abordagem como a memória - que se faz viva através da representação, por uma tradição inventada como a das folias - consegue, pela prática dos rituais, se compreender no processo da sociabilidade moderna, na qual, estabelecidos no capitalismo tardio, campo e cidade, sofrem o mesmo processo histórico e reelaboram, portanto, seu festejo das folias. A diversidade entre urbano e rural deverá mostrar em que pontos se dão as clivagens das Folias de Reis em toda sua grandeza de existência.

A dicotomia entre urbano e rural intensifica-se quando adentramos no campo das ciências sociais. Julgamos interessante entender o que iremos justificar como “raízes das folias”, com especial cuidado em trazer para o centro do debate as discussões sobre como as performances com fulcro na teatralidade e em seus corpos performáticos e sua expressão aglutinam e fazem emergir a força de uma tradição e é modificada nos cenários em que se estabelecem, seja urbano ou rural.

É importante ressaltar que as reflexões levantadas, por mais que as consigamos trazer sob de articulações das ciências humanas, está para as questões que envolvem a grande rede das Performances Culturais, mobilizando as ciências, de forma interdisciplinar, para elucidar a questão problema desta pesquisa: de que maneira e em quais de seus principais elementos, ocorre a sociabilidade moderna nas Folias de Reis na cidade e no campo no município de Morrinhos.

## 1 CULTURA, CULTURA POPULAR, REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA: CONSTITUINTES DE UMA TRADIÇÃO INVENTADA<sup>11</sup>

Como sua homóloga “cultura” e pelas mesmas razões, “civilização” é um conceito unitário e só é usado então no singular. Ela se libera rapidamente, junto aos filósofos reformistas, de seu sentido original recente (a palavra aparece somente no século XVIII), que designa o afinamento dos costumes, e significa para eles o processo que arranca a humanidade da ignorância e da irracionalidade (CUCHE, 1999, p. 22).

As Folias, em sua atuação, apresentam-se como uma estrutura complexa, fonte de reflexões dessa pesquisa. Porém, para estabelecer diálogos quanto ao objeto desta pesquisa, é necessário, neste capítulo, apresentar o conceito de cultura, que dialogará com a Folia de Reis, nosso objeto central. É relevante conceituar cultura, pois dela emerge o feito das Folias. Quando dialogamos com cultura, conseguimos classificá-la como Cultura Popular. Isto posto, conforme iremos aprofundar mais adiante, ela se manifesta na memória de um povo, que vai revigorando suas atividades, reelaborando-as. A essas atividades, é de real importância colocá-las para a régua da identidade de uma comunidade.

Os conceitos aqui apresentados conseguirão auxiliar nas respostas que necessitam essa pesquisa, uma vez que, enquanto especulação e observação, as Folias de Reis participam de uma compreensão das Ciências Sociais. Numa perspectiva de vida de um grupo social (nesse caso, o grupo social Morrinhos/GO), a cidade contempla as atividades das folias, num calendário de realizações que vem sendo obedecido ano após ano, há mais de um século, o que, a partir daí, possibilita entender a importância de se verificar os ajustes da pesquisa.

Expressamente pontual que o entendimento vindo da captação de informações sobre a cultura passa por inúmeras áreas das ciências: Geografia (quando forem trazidos os entendimentos sobre campo e cidade); Sociologia (quando tratar dos agentes que estão envolvidos com as Folias de Reis, a sociedade e suas desenvolvimento/desafios); Linguística (quando a interpretação dos corpos discursivos dos foliões, seu canto em versos e a interpretação dos mesmos se fizerem

---

<sup>11</sup> Neste capítulo abordaremos a manifestação de cultura, classificada como cultura popular, como representação na perspectiva da identidade, manifestada na memória para a conservação da tradição de uma festividade.

presentes); Antropologia (o homem enquanto agente de transformação de seu meio e a construção de sua convivência com o mesmo) e História (ao refletir que na linha do tempo as Folias de Reis conseguem estabelecer diálogos possíveis sobre como o tempo pode afetar nas atividades humanas, inclusive em sua relação com a cultura). Ocuparemos, aqui, um diálogo com amplo conceito a fim de saber como um conjunto de padrões de comportamento, crenças, valores, normas, arte, linguagem e outros elementos compartilhados atravessam os agentes que vivenciam o fator cultural existente nas Folias de Reis.

Cultura<sup>12</sup> é uma ideia. Abstrata, pois não se pode, muitas vezes, ser tocada. Documentada, quando traz sensações. Identificada, quando representa o indizível. Gesticulada, para uma mostra de ação. Dançada, para expressar um sentimento. Cantada, num repente para uma afetividade, uma ordem. Performada para envolver seu interlocutor. Ao buscar compreender os mecanismos que dão a esse conceito uma materialidade, chega-se a Bakhtin (1895-1975), filósofo e pensador, tido como um dos maiores estudiosos das questões da linguagem, que se dedicou a escrever teorias da crítica literária, religião, estruturalismo, religião semiótica.

A cultura, como tende a ser vista agora, é tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolescência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua autopropagação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças. Ou melhor, a cultura se “perpetua” na medida “em que não o padrão, mas o impulso de modificá-lo, de alterá-lo e substituí-lo por outro padrão, continua viável e potente com o passar do tempo” (BAUMAN, 2012, p. 28).

---

<sup>12</sup> Ela é “aquele todo complexo”, como escreve o antropólogo E. B. Tylor em uma célebre passagem de seu *Primitive culture* (Cultura Primitiva), “que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como um membro da sociedade”. No entanto, “quaisquer outras capacidades” é uma formulação imprudentemente liberal: o cultural e o social tornam-se então efetivamente idênticos. A cultura é então simplesmente tudo que não é geneticamente transmissível. [...] Desde a década de 1960, entretanto, a palavra “cultura” foi girando sobre seu eixo até significar quase exatamente o oposto. Ela agora significa a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional – em vez da transcendência desta. E já que essas identidades todas veem a si mesmas como oprimidas, aquilo que era antes concebido como um reino de consenso foi transformado em um terreno de conflito. Cultura, em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema (EAGLETON, 2005, p. 54).

É dele o conceito de polifonia tão difundido para a mostra dos muitos ecos da linguagem, verbal e não verbal, como é dele o entendimento sobre a teoria da cultura universal. Bakhtin ocupou-se de se estabelecer em reflexões nas disciplinas de Psicologia, Antropologia, História e Linguagem. E dele extraímos a noção de Cultura, que perpassa pela junção da ética e da estética, e seu entendimento cria pequenas cisões dependendo do lugar em que se manifestam: cada um haverá de estabelecer o conceito de cultura para si, levando-se em conta o pequeno mundo de valores reconhecidos individualmente. Ou seja, o jogo da concepção de cultura é particular até determinado momento, uma vez que lida com um mundo de valores individuais. Logo, é necessário entender que um mesmo fato se aplicará a um mesmo jogo quando for tratar cultura envolvendo não mais um agente, mas uma comunidade, região ou grupo. Laraia (2003, p.25) expressa justamente esse ajuntado de considerações na Antropologia, tratado como

O termo cultura vindo do verbo latino *colere* (cultivar, criar, cuidar) que originalmente era utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. No final do século XVIII, o termo germânico *kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, já na França, *civilization* refere-se principalmente às realizações materiais de um povo (LARAIA, 2003, p.25).

O conceito de cultura traz tais características que se relacionam/dialogam com a Folia de Reis, sendo que há o cultivo de suas práticas, indumentárias e rituais, inclusive no seu processo criativo, levando-se em consideração o cuidado com que os seus agentes estabelecem com as Folias, a se pensar pela condição evidente de perpetuação de suas atividades há mais de um século, elementos que comprovam a manutenção de uma cultura.

Assim, estabelecer a conexão que há entre cultura e as Folias de Reis como parte integrante dela é afirmar que, nessa grande dimensão de atividades, uma torna-se interligada à outra, uma vez que há uma série de imbricações - há manifestações, representações, identidade e agentes que fazem com que as folias sejam enquadradas na perspectiva da cultura, inclusive em sua autoperpetuação: as Folias de Reis, enquanto cultura ritual, modificam-se e modificam o cenário de vida das pessoas.

O cultivo de um fazer comunitário ganha sentido pelo que se observa na

cultura das Folias de Reis, uma vez que todo o preparo e responsabilidade, inclusive espiritual, das comunidades em que as folias estão inseridas, fazem com que toda a mobilização de agentes populares promova o feitio das festividades. As Folias de Reis lidam com um aspecto de devoção muito intenso ligado à prática de um costume social partilhado.

Assim, ao avançar no campo da Antropologia, seus estudiosos conseguem alcançar a definição de cultura, que é continente importante para o conteúdo das Folias de Reis, como sendo um atributo de desenvolvimento de cada ser humano que participe de suas festividades, sendo partilhado com os agentes englobando modos comuns aprendidos na vida, podendo ser transmitidos de geração em geração. Ao buscar dar luz ao termo cultura, chega-se ao foco de que até o século XVIII:

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (BURKE, 1989, p.25).

Estabelecer, nessa perspectiva, um ponto de atrito, é dizer que a cultura é amplificada no seio da manifestação, como nas Folias de Reis, sua indumentária ritualística, a literatura cantada nos versos dos foliões, seu giro peregrino como forma de evangelização, a parte gastronômica de seu fazer ritual, seu silenciamento ante a institucionalização “e sua voz resistente caracterizam o apontado” por Peter Burke (1989, p. 25), historiador inglês, professor da Universidade de Cambridge (Inglaterra). Especialista em História Cultural, ocupou-se em refletir sobre as diversas formas que se apresentam as manifestações culturais.

À provocação humana de conviver e produzir cultura, cabe saber que todos os mecanismos que a envolvem, ao amplificá-los ainda mais em outra ciência, passam a ser prováveis para essa pesquisa, uma vez que captamos o sentido do termo cultura, na geografia cultural, por exemplo, cuja definição muito particularizada há que atender a demanda da referida ciência, que, em seus estudos culturais, compreendidos por Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p.14) os quais salientam que a

Cultura é entendida tanto como uma forma de vida – compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante.

Logo, se passa à constatação da cultura instituída como um paradigma social, abrangendo as mais diversas áreas da convivência social de um povo por meio dos saberes, escritos, dizeres e cantos nos quais levam-se em conta, inclusive, formatos de comportamento culinário, comportamental e dinâmico, como o afirmado anteriormente. Indo além, entende-se como cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas (VIANNA, 2008, p.119). Colaborando com a teoria de cultura, o próprio termo traz, em Burke, (1989, p.165) que,

Em primeiro lugar, o termo “cultura” tem ampliado seu significado à medida que aumentaram os interesses de historiadores, sociólogos, críticos literários e outros. Dedicam-se cada vez mais atenção à cultura popular, no tocante às atitudes e valores de pessoas comuns e às suas formas de expressão na arte e no cancionário popular, nas histórias folclóricas, nas festivas e etc.

É importante verificar a amplitude e a força das ações de um povo, e aqui trazemos o entendimento de que isso é cultura. Aqui, admite-se um parecer muito perigoso para a ciência social aplicada, que é o grande risco de banalizar o fazer de um povo - o que Burke (2010, p.45) chama de pessoas comuns, ao tentar explicar uma manifestação popular, inclusive.

Isso posto, compreende-se nas Ciências Sociais, ou pelo menos se pretende explicar o modo com o qual as pessoas lidam com tal definição, na prática, como sendo a vivência de um povo que em seu cotidiano cria seus ajustes, repetições e faz com que todos esses mecanismos dialoguem e façam sentido. Geertz (1989, p. 11) assevera que

O problema é que ninguém tem certeza do bastante o que cultura é. Ela não é apenas um conceito essencialmente contestado, como democracia, religião, simplicidade ou justiça social, mas é multiplamente definida, empregada e inenarravelmente imprecisa. Ela é fugaz, instável, enciclopédica e normativamente carregada, e

existem aqueles, especialmente aqueles, para quem a pensa o realmente real é realmente real, que pensam vazia ao todo, ou até perigosa, e gostariam de bani-la do discurso sério de pessoas sérias.

Isso remetendo ao juízo de que a imprecisão de definição, de *corpus* e de conceito, por sua amplitude, se não bem explicitada, corre o risco de ser banalizada pelos agentes que estiverem a lidar com o conceito de cultura. Trata-se, assim, de entender uma ciência humana com métodos de comprovação recentes, porém que validam toda uma prática social, como as vivenciadas nas folias, por exemplo, as folias como um ponto da cultura em determinadas comunidades. O preceito “cultura” precisa ser utilizado de forma a não memorizar sua importância, tampouco diminuir seu campo, muitas vezes indefinido, de definição e atuação, como aqui expusemos ao utilizá-lo nas Folias.

De forma prática, não existe nenhum informe de algum povo que não possua um sistema de cultura, o mesmo trazido por Bakhtin (2008), por exemplo, pois ela é inerente à formação humana e, ao compreender isso, chega-se ao importante movimento de que a cultura passada pelos agentes das Folias ao povo, uma produção humana, e assim sendo recebe uma informação autêntica de sua existência. Avançar no conceito de cultura faz, em medida, entender que a Popular é que deverá preencher os espaços para auxiliar na composição dos argumentos para compreender o objeto desse estudo.

Logo, o mundo complexo da cultura é afetado pelos grupos em que estiver inserido. Nessa formação, aproxima-se a Cultura Popular, a que necessita apresentar uma vista interpretativa - como quando François Rabelais (Bakhtin, 2008), por exemplo, assevera a importância de falarmos sobre Cultura Popular, do Medieval à Renascença (pois há uma lógica que inverte alguns papéis que subvertem ao pensamento burguês eurocêntrico de análise), passando a figurar, sem nenhum preconceito, o fazer do povo como performance de uma cultura popular.

Isso reforça ainda mais a ponderação de que no meio social em que permeiam os agentes é que acontecem as interações discursivas formativas: em meio aos sujeitos acontece a comunicação discursiva, o que é dito sem muitas vezes ter sido falado. Para reforçar esse mesmo conceito, temos em Homi Bhabha (2010, p.122) um alerta de que tal compreensão é criada de algo e é logo sistematizada, numa

dupla forma, que aqui aproveitaremos: a cultura oficial, elitizada; e a popular, cuja narrativa passa a ser marginal, essa última, por certo não será a adotada nessa pesquisa, dada ao protagonismo que figuram as Folias no município.

A cultura é frequentemente analisada em termos de sua influência na identidade individual ou coletiva, ou por assim ser, em grupos sociais e a criação de determinadas movimentações, por exemplo, em sua manutenção. Análises históricas, etnográficas e investigações dão conta que a cultura é transmitida, transformada e contestada ao longo do tempo.<sup>13</sup>

### **1.1: A Cultura Popular e as Folias de Reis**

Ao buscar algo, nas teorias, que expliquem as Folias de Reis como sendo um fator da Cultura, parece claro o entendimento, porém só nos aspectos quanto a qualificadores, rituais, manutenção. No entanto, quando se trata de seus agentes, parecem-nos distantes os seus agentes produtores, ficando clara a necessidade de afunilar ainda mais a participação das Folias de Reis, inserindo-as nas lides da ciência, no conceito de cultura, mais especificada nas noções de Cultura Popular.

Para isso, é pontual e algo decisivo no processo da formação do povo brasileiro, cuja forma com a qual as movências e encruzilhadas vão se dando molda a noção de Folias de Reis que temos. Um ideal de cultura não pode sequer ser amplificado, diante dos muitos fazeres, e isso fica cada vez mais comprovável. Assim, compreender a dicotomia criada entre cultura de massa/popular e erudita é, aqui nesta intenção, zerar tal discurso, pois o que há são dimensões explicáveis por seus agentes: os agentes produtores de cultura.

Popular, de Massa ou Erudita são tópicos questionáveis ante a grande elaboração que há em cada rito. Tão logo que se afirma tal preceito, o teórico Roger Chartier (1945 - ), cuja dedicação de especialidade é a História Cultural, em que pese suas principais contribuições estão ligadas às noções de práticas, representações e

---

<sup>13</sup> Etnografia é a escrita do visível. A descrição etnográfica depende das qualidades de observação, de sensibilidade ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo. Etnografia é também conhecida como: observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos (ERICKSON, 1981, p.22).

apropriação num prospecto teórico entre as formações e manifestações culturais avaliadas através de suas relações, relações essas que fazem uma certa dicotomia entre um entendimento sobre popular e erudito, que julgamos ser a cultura popular cheia de métodos e significações importantes. Assim, Chartier assevera que

A cultura popular é uma categoria erudita. [...] destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem traduzido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais (e, entre eles, os *scholars*) com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos “exóticos” (CHARTIER, 1994, p. 179).

Diferentemente do que se nota na sociedade, Chartier (1994) ilumina para questões mais contundentes ao trazermos, para a realidade das Folias de Reis<sup>14</sup>, a herança cultural de avós ou pais. A compreensão preconceituosa existente por detrás da manifestação das Folias de Reis carrega essas contradições: cheia de símbolos, ritos e rituais, elementos, música e canções. A alteridade diante do fator cultura popular é de colocá-la numa espécie de situação de protagonismo.

Chartier (1994) pensa a Cultura Popular como se aplica para as Folias de Reis: um campo de lutas e resistências - contra as insurgências do capitalismo e o mando da Igreja Institucional das décadas de 1930 até final da década de 1990 -, por força da necessidade de resgate e expansão também da Igreja Católica ante ao surgimento e alastre de outras denominações religiosas. Apoiar-se da reflexão de Chartier significa compreender as formas de contestação das Folias de Reis e sua criatividade na produção de uma cultura popular ativa de devoção, em que os ícones são utilizados de forma a reinterpretar determinadas práticas culturais. Exemplo disso nas Folias de Reis é a ritualização popular da passagem bíblica do nascimento de Jesus Cristo: da formalidade bíblica para a alegria do canto, festejado com bebida e comida.

De acordo com Peter Burke,

[...] no final do século XVIII e início do século XIX, quando a cultura popular tradicional estava justamente começando a desaparecer, que o “povo” (o folk) se converteu num tema de interesse para os intelectuais europeus. Os artesãos e 29 camponeses decerto ficaram

---

<sup>14</sup> Identificadas no compartimento de cultura popular, por lidar, em sua maioria, com pessoas ou grupos sociais considerados menos abastados, via de regra do/no campo, ou que vivem nas cidades sob forte influência social do campo.

surpresos ao ver suas casas invadidas por homens e mulheres com roupas e pronúncias de classe média, que insistiam para que cantassem canções tradicionais ou contassem velhas histórias (BURKE, 2010, p. 26).

Diante do exposto, pode-se contemplar o que afirmamos anteriormente quando houve uma tentativa de silenciar o que era da Cultura Popular. O fator histórico, mesmo já transcorrido, deixaria sua marca, impingindo nas Folias de Reis essa concepção que poderia ser subalternizada ou firmada unicamente como folclórica - o que para essa pesquisa é altamente refutável: as Folias de Reis são manifestações de cultura, cultura popular. Brandão (2002) ilustra os Movimentos de Cultura Popular da década de 1960 como uma forma de disseminação de uma informação em que

Movimentos de Cultura Popular foi o nome genericamente dado no alvorecer dos anos 1960 a diferentes grupos da ação pedagógica que desenvolveram experiências mais ou menos comuns e, com diferenças às vezes de fundo entre um e o outro, pensaram e praticaram o que mais tarde algumas pessoas vieram a chamar de "teoria da Cultura Popular". (...) Os Movimentos de Cultura Popular envolveram também um número muito grande de estudantes, de artistas e de outras categorias de intelectuais participantes (BRANDÃO, 2002, p. 31).

Muitos mecanismos surgiram com a tentativa de dar visibilidade, nos termos formais, à teoria da Cultura Popular. Entendemos que, ao pesquisar Cultura Popular nos lugares em que se manifestam, oferecem a compreensão de que o que é popular é muito elaborado: cheio de ritos, fonte perene de símbolos. O que há, em proporções, evidentemente, é um ruído, por falta da disseminação de informações científicas, o que leva, muitas vezes, a um preconceito. Atesta-se isso, por exemplo, quando o que se tem comumente numa ária, cuja ópera é uma alusão ao que se tem expectativa para a noção de Belo. Ela lida com as sonoridades, instrumentos, vozes em tons agudos, geralmente financiados pela nobreza, desde tempos idos.

O canto em homenagem aos Orixás, na Umbanda, por exemplo, traz sonoridades, instrumentos, vozes em tons agudos, mas de zonas menos abastadas, herança de pretos africanos que foram escravizados. As Folias de Reis trazem sonoridades, instrumentos, vozes em tons agudos de um povo humilde, tradicionalmente do campo. Pode-se então, desses pontos apresentados, ter uma construção entre erudito e popular? Não se pode afirmar isso. O que há são fontes

de acesso, em que o pobre acessa determinados pontos e os ricos, sob condições muito diferentes, embalados pela lógica complexa do capitalismo e suas significações, acabam por produzir uma concepção de padrão social aceito.

Em face dessa passagem, é preciso considerar a estrutura das Folias de Reis e sua teia de constituição. Os grupos de folia, por mais diversificados que sejam, seguem os trabalhos imutáveis, a seus modos e rituais, como uma expressão daquele grupo, como uma expressão distinta, mas carregada de aproximações que nem as dimensões continentais do Brasil conseguem modificar. Os Reisados nas Regiões Norte e Nordeste, as Janeiras da Região Sul, Folias de Reis no Sudeste e Centro-Oeste, haverão de ter o rito simbólico do teatro antecedente ao nascimento do Menino Jesus - o fato do nascimento, a visitação pelos Reis Magos e demais detalhes litúrgicos, a peregrinação, a cantoria/cantiga/cantilena/música e as indumentárias: bandeira, instrumental (que varia por região) e os palhaços, bonecos, marungos ou bastiões. Isso, até o momento, manifesta-se como sendo imutável.

Essa troca de enunciadores nos artifícios de cultura cria processos de diferenciação de cultura. Bhabha diz que

A analítica da diferença cultural intervém para transformar o cenário de articulação – não simplesmente para expor a lógica da discriminação [...] O objetivo da diferença cultural é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização – a repetição que não retornará como o mesmo, o menos-na-origem que resulta em estratégias políticas e discursivas nas quais acrescentar não soma, mas serve para perturbar o cálculo de poder e saber, produzindo outros espaços de significação subalterna. [...]. Ele é constituído através do *locus* do Outro, o que sugere que o objeto de identificação é ambivalente e ainda, de maneira mais significativa [...] (BHABHA, 2010, p.32).

Ao interpor os pensamentos de Bhabha, é possível amplificar o preconceito e passar ao entendimento de que o que há é discriminação, uma vez que de um lado há a falta de conhecimento sobre, e, ao saber, passa a ser discriminação, impondo, de certa forma, uma dicotomia entre “bom” e “ruim” para algo que não carece de julgamento, uma vez que o que há é a diversidade.

Uma vez que se contraponha à percepção da perturbação quando não se enquadra nos diálogos, ditos socialmente aceitos, o conceito de algo é precificado em “alta” ou “baixa” - o que, nessa temática, não cabe um juízo de valor. Assim, o que pode ser chamado de estratégia social para balizar também o juízo circulante de folias,

enquanto cultura, não deve ser minorada ou majorada, mas sim elaborada numa perspectiva forte do que se propõe: levar adiante uma mensagem discursiva-religiosa-devocional-popular.

Ela se difere de uma dimensão sistemática de religião, ou de folclore. A se pensar que, por exemplo, se forem avaliados os símbolos, danças, rituais e indumentárias por um externo à comunidade, as folias serão avaliadas com um olhar de “folclore”, carregado de exotismo. Da mesma forma, se avaliado por um devoto, haverá o entendimento das folias como uma representação de fé, e isso ficará na conta de uma forma elementar de Catolicismo Popular. Eduardo Hoornaert (1989, p.49) reforça a concepção de que

[...] o caráter social destas práticas religiosas, enfatiza que a festa, enquanto um ritual religioso, constituía-se em um interregno na labuta diária, dias especiais que fugiam do trivial singularizando a renovação de forças. Visita periódica de padres a regiões desprovidas de clero, a fim de proporcionar aos fiéis os sacramentos da Igreja, principalmente o batismo e o matrimônio.

Esse formato de catolicismo, o do povo, constituiu-se como um ato devocional, logo, não deve ser banalizado ao ponto de ser categorizado como “folclore”, mas sim como uma construção social para aproximar os devotos de sua necessidade de aproximação com o divino, com artefatos tão fortes que conseguem mudar a rotina e o espaço em que se inscrevem para acontecer. Consoante a isso, precisa-se compreender independente da forma que é trazido em sua comunidade de manifestação haverá espaço para que aconteçam seus ritos e festas. Bakhtin (2008, p.09) entende por:

[...] estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre os seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente esse contato vivo, material e sensível (BAKHTIN, 2008, p. 9).

É nas festividades populares que as pessoas se irmanam para que as promoções e levantes aconteçam. Mobilizam-se, programam-se, contribuem para que a tradição seja mantida. O que promove o pensamento de que as festividades

populares estão para a colheita de um fruto lançado nas comunidades é a concepção de acolhimento existente. E isso torna os festejos mais próximos do povo.

Tais fatos propõem uma aproximação do conceito de identidade, uma vez que é carregada com interferências diversas para sua composição, e isso a faz singular, única, mesmo em se tratando de algo que lida com múltiplos fatores em sua formação. As identidades estão em constante relação com os elementos sociais, sendo fundamentais para o entendimento dos fatos histórico-sociais contemporâneos. Para isso, é essencial compreender o pensamento de Stuart Hall a respeito desse conceito.

Para Hall (1987, pp.10-12), a identidade passou por três grandes estágios conceituais na história do pensamento ocidental: i) o sujeito iluminista, cujo “centro” consistia em um núcleo “interior” inato e contínuo; ii) o sujeito sociológico, que ainda possui uma essência interior, mas essa é modificada continuamente com os mundos culturais “exteriores”; iii) o sujeito pós-moderno, que é conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Assim, a identidade passa a ser móvel, isto é, formada historicamente pelos sistemas culturais que nos rodeiam ou pelas formas que nos representam.

Tal inovação teórica, para Hall (1987, pp. 34-46), deve-se a diferentes revoluções teóricas ocorridas no centro do Ocidente, que observaram diferentes deslocamentos de aspectos da identidade. Essa conceituação historicamente quase linear pode sugerir que a compreensão da identidade está intimamente ligada ao progresso histórico ocidental, tendo como fato dado a uniformidade social de todo o globo terrestre. Tal concepção não condiz com a realidade, tendo em vista que diversas regiões do globo se situam nesta “pós-modernidade” de formas específicas e, assim, relacionam-se de modo específico com cada uma dessas categorias.

Essa formulação da identidade, porém, não torna o sujeito refém de sua cultura, como se o indivíduo se apresentasse passivamente frente às mudanças socioculturais de seu meio. No contexto da globalização e das trocas informacionais de altíssima velocidade, Anthony Giddens (1997, pp.37-38), cuja obra serviu de arcabouço teórico para Hall, afirma que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas.

No contexto do país, as identidades nacionais atuam de modo similar. Para Hall (1992, p.59), o intuito da identidade nacional é representar seus membros como pertencentes a uma mesma “grande família nacional”, independentemente do quão

diferentes eles possam ser em termos de classe, gênero ou raça. Apesar disso, ela nunca consegue atingir a uniformidade que almeja. A diferença está sempre pulsando no coração da identidade.

Lançados na História, devendo participar no trabalho e nas lutas que a constituem, os homens se vêem obrigados a encarar suas relações de uma maneira desiludida. Essa História não tem um objeto distinto daquele que realiza por si mesma, embora a última visão metafísica inconsciente da época histórica tenha encarado o progresso na produção, por meio da qual a História se desenrolou como o seu próprio objeto. O sujeito não “pode ser senão o vivente produzindo-se a si mesmo, tomando-se senhor e possuidor do seu mundo que é a História, e sendo consciente de seu papel” (DEBORD, 1997, p. 49-50). Em si, o homem vive o momento sem percebê-lo, por estar participando desse processo.

Enquanto manifestação simbólica cujo maior fator é o caráter religioso, a folia incorpora as identidades dos sujeitos que a realizam. Para além da posição do sujeito, a própria construção histórica da folia está em constante diálogo com as circunstâncias individuais de cada participante, e o individual dialogando com o global em suas comunidades. Após tais festejos se sedimentarem na comunidade de Catalão/GO, por exemplo, tornou-se natural a fundação, construção e uso comum do ‘congódromo’, local apropriado para a realização das Congadas.

Na comunidade quilombola da Zona da Mata Mineira, por exemplo, a construção da Folia de Reis foi resultante da necessidade das mulheres escravizadas de ocultarem o parto de seus filhos para driblarem as determinações do senhor da fazenda. O senhor Paulo Marinho, importante liderança da comunidade, assim narra:

Na senzala tinha aquelas dona, elas ganhava os neném. Elas ganhava os neném e pra elas não ser chicotada, o quê que elas fazia? Os marido delas punha elas pra ganhar as criancinha no meio do mato. Chegava lá, pegava esses capim mumbeca, punha lá, fazia cama de capim mumbeca pra elas ganhar os filho lá. [...] As músicas da Folia de Reis, como era os três reis magos, ia três dos mais velhos lá, aquelas dona mais velha ia junto, chegava lá, fazia o parto da dona e ali depois que a dona ganhasse a criança, que arrumasse tudo, é que vinha pra senzala (ÁGUAS, 2002, p.12)

É interessante observar que o germe de criação da Folia nessa comunidade possui forte diálogo com a realização dessa folia atualmente. Na comunidade da Zona da Mata Mineira, a própria execução da folia é interrompida com momentos narrativos

que revivem a história dos escravizados que originaram a festa naquele contexto. Portanto, os sujeitos que participam dessa festividade celebram não somente o aspecto religioso ou folclórico, mas também o caráter negro da folia para os sujeitos dessa comunidade.

Ainda é interessante compreender como o sujeito que está permeado por essa multiplicidade de identidades, embora já inserido em uma identidade macroscópica – o ser brasileiro, nacional –, pertence a uma comunidade etnicamente minoritária, pois é necessário o pensamento de lugar para mensurar o tamanho/alcance. A força dos grupos acaba sendo minoritária. Quanto a isso, Hall afirma:

O termo "comunidade" (como em "comunidades de minorias étnicas") reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre esses grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é o dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas "minorias étnicas" de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico. Elos de continuidade com seus locais de origem continuam a existir (HALL, 1990, p. 65).

A comunidade, então, pode ser entendida como um reflexo do senso de identidade grupal formado nas relações de atrito com a alteridade. Assim, o festejo pode ser interpretado como uma prática social distinta do cotidiano que busca reforçar os laços de comunidade entre sujeitos com histórias similares. Ela não é, portanto, uma categoria unificadora de uma comunidade, mas atua como fator unificador, tendo em vista a multiplicidade de identidades dos participantes.

Por isso, traçar um roteiro eficiente sobre a identidade para incidir foco no problema desta pesquisa requer um olhar atento no retrovisor da História para compreender de onde é que surgiu o entendimento canonizado sobre o Catolicismo Popular, por exemplo. Azzi (1977, p.127) destaca que o catolicismo brasileiro nasceu e se desenvolveu sob a proteção e a dependência do padroado português. Este espaço histórico ficou inalterado ao longo dos três séculos do período colonial. Logo, esse padroado português ecoou nas comunidades, inclusive rurais, para uma proposta de ação: uma tentativa de controlar, também, o credo do pobre.

Assim, vão sendo construídas teias muito firmes sobre a manifestação de um povo. Nisto surge o conceito de representação, que pode ser explicado por Hanna Fenichel Pitkin (1967) cujo entendimento expõe a ideia de que para o que se aplica como conceito para representação está relacionado ao que é mostrado em alusão a algo anterior, com um significado altamente complexo. Pode-se observar isso ao verificar o esboço da história fundante das folias: a peregrinação dos Reis Magos para o nascimento do Menino Jesus. Tudo o que veio depois, relacionado a isso, é representação.

Richard Schechner<sup>15</sup>, teórico e encenador, (2011, p. 12) pauta muito de seus estudos, enquadrados nas performances culturais, dentro do conceito de representação. Para ele, há que ser considerado os contextos a que se referem as culturas específicas. Assim, dizer que a performance está ligada aos contextos histórico e social - a convenção, o uso da tradição, rituais, jogos e peças estão numa percepção assertiva de fatos teóricos.

Aqui podemos, nesses termos, afirmar ser performance, do ponto de vista da convecção, ou seja, os fatos do cotidiano confirmando isso, os papéis executados nessa vida cotidiana, também. Mas, ao adentrar na concepção de teorias da performance cultural, cria-se o contraponto de que, para sê-la, há que se tenha um entendimento a partir da perspectiva da prática cultural. Assim, algumas ações serão julgadas como sendo das performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura, de período histórico para outro.

Compreender o conceito de representação é entender que há uma espécie de reflexão que, de algum modo, é devolvida ao sujeito questionador de forma prática. Por exemplo, quando o céu se fecha e escurece, isso é um indício de que irá chover. Logo, nuvens baixas e céu escuro representam o indício de chuva.

O conceito de representação proposto por Chartier (1990) pode ser entendido como o conjunto de classificações que organizam o modo pelo qual o sujeito apreende o mundo social como categorias de percepção do real. Assim, a representação pode ser resumida como o modo pelo qual os indivíduos constroem intelectualmente seus mundos.

---

<sup>15</sup> Professor de Estudos da Performance na *Tisch School of the Arts* da Universidade de Nova Iorque, editor da *TDR: The Drama Review* e diretor da *East Coast Artists*. Schechner é um dos iniciadores do programa de Estudos da Performance e fundador do *The Performance Group*.

Tal concepção de representação desencadeia uma série de consequências relevantes. A representação está atrelada ao grupo social que a origina. Assim, a representação não pode ser um produto individual ou psicológico, sendo engendrada no convívio da vida coletiva. A partir disso, constata-se que a representação visa atender às necessidades vitais desse grupo. Dado esse fenômeno, no contexto de conflitos sociais, pode-se constatar a luta de representações na tentativa, de um grupo, de impor a sua própria concepção do mundo social (CHARTIER, 1990, p.17).

Nesse sentido, a representação abarca uma multiplicidade de visões e contradições. Além disso, tal conceitualização dialoga com o trabalho teórico de Pierre Bourdieu, citado por Chartier:

a representação que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu ser-percebido quanto por seu ser, por seu consumo – que não precisa ser ostentador para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela) (BORDIEU *apud* CHARTIER, 2002, p. 177).

A partir desse diálogo, a representação é enriquecida com diversas problemáticas advindas de Bourdieu, tal como o monopólio da visão do mundo social e a questão do consentimento arbitrário por parte de quem sofre a violência simbólica. Assim, as representações classificam e ordenam o mundo social a partir da realidade.

É válido também lembrar o conceito de apropriação na obra de Chartier. A apropriação pode ser compreendida como um efeito da liberdade criadora dos sujeitos e a pluralidade de compreensões e interpretações frente à História Cultural. Nas palavras do autor (CHARTIER, 2002, p.68), a apropriação refere-se a uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. Portanto, a apropriação relaciona-se com a criação de sentido a partir das comunidades específicas frentes à obra ou prática social a ser lida ou percebida.

Diante disso, a representação ocupa um espaço importante porque, ao se compreender todos os mecanismos envolvidos nas folias, passa-se então ao entrosamento de que elas são uma representação para o povo que as utiliza como forma ritual, tornando-se ato de representação, o que será abordado no próximo

capítulo, quando forem empreendidos alguns pressupostos, inclusive, o da memória.

Conceituar memória:

é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado, o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 2004, p. 218).

De tal modo, incluir aqui o conceito de memória significa entender que “toda consciência do passado está fundada na memória”. Por meio das lembranças, recuperamos a consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1998, p. 75). De tal forma, entender que a memória é justamente o que se pode chamar de ambiente pautado por emoções e vivências, em diversos eventos, flexíveis, significa inclusive que há nela um aspecto temporal.

A matéria-prima da História é o tempo. Ele é o artefato fundamental para que sejam criados referenciais e observações comparativas. Ao retomar mais uma vez o conceito de cultura, é necessário que seja entendido que sob a perspectiva de Terry Eagleton (2005, p. 54) “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”.

Uma primeira noção ligada a esse conceito é a noção de temporalidade, ou seja, a noção que entrelaça duração, evento e processo. Na Escola dos *Annales*, muitas das perspectivas desenvolvidas foram baseadas em conceitos como esse de tempo em que se articula à dialética das durações de Fernand Braudel, por exemplo. O tempo e o espaço têm na memória uma espécie de revigor.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança (POULET, 1992, p. 54-55).

Impossível dissociar um do outro o tempo, que é uma constante de medida na linha da história e o espaço que ultrapassa o conceito de lugar, fazendo que se adicionem também as características do ambiente para sua formação. No caso aqui estudado, só há a memória das folias porque há uma lembrança de tempo e espaço que fazem com que cada símbolo, ritual ou fazer tenham sentido em acontecer.

Richard Schechner em *O que é performance*, de 2006, consegue trazer um diálogo importante sobre a performance e o tempo numa conduta de comportamento restaurado. Uma vez que a performance se dobra ao tempo, remodela-se e faz com que a memória se envolva nesse processo, ao ponto de perpetuação de um fazer.

As Folias, por exemplo, utilizam-se da memória para sua manutenção, mas a cada apresentação faz-se inédita pela recepção e revela-se nova numa espécie de ineditismo de ritual. Esse fato separado revela o que a teoria traz como comportamento restaurado<sup>16</sup>, de Allan Kaprow.

Trata-se da perpetuação de uma ação do homem, sua temporalidade e espacialidade, cujo poder faz com que algo seja perpetuado, mesmo que com alterações, como é o caso. As Folias de Reis agem na dicotomia tempo-espaço de forma a captar de ambos o mecanismo de deixar marcado nos participantes essa concepção: ao participar de algum festejo, ficará sempre uma lembrança visual, sensorial, olfativa e até mesmo gustativa das folias. Toda a vivência desencadeia na memória.

O tempo, nessa nossa perspectiva, ganha, fundamentalmente, um lugar de destaque, pois ao trabalhar as Folias de Reis enquanto resistência, os muitos fatores que a envolvem fazem com que o tempo passe a fornecer uma série de argumentos que comprovarão o que se espera nessa pesquisa. Os elementos que envolvem o tempo farão com que sejam comprovados alguns dos aspectos claros para essa pesquisa: mesmo com algumas inferências as folias seguem perenes no tempo.

A memória precisa ser entendida como uma faculdade humana. É nela que ficam os estados de consciência do passado e sua relação com o presente, por exemplo. Ela não deve ser entendida simplesmente como uma lembrança, mas deve incluir tudo que for percepção (sensorial): cheiros, sabores, sensações, imagens, sons, além de ilusões e sentimentos. Utilizar-se da memória é uma capacidade de

---

<sup>16</sup> A teoria do comportamento restaurado trata das vivências, conscientes ou não, de ações físicas, verbais ou virtuais, que não são inéditas e que, porventura, apresentam-se para outrem. Essa teoria pode ser encontrada como comportamento duas vezes vivenciado.

reviver/recriar algo do passado, comprovando assim a perpetuação de atividades que se manifestam com o passar dos tempos.

Quando se sente o cheiro de um bolo que remete a algum bolo saboreado na infância, por exemplo, há o uso da memória gustativa que recria num jogo de sensações, olfato e paladar, a concepção de algo já vivido. Usar a memória é recriar e estabelecer significados para as relações dos indivíduos de mesmo contexto. Repare-se em dizer do mesmo contexto pois, o contexto, enquanto lugar, cria uma espécie de identidade, e, nesse ponto, consegue-se compreender que a memória dependerá dos atores envolvidos num contexto de lugar, com seus jogos sociais, para que se considere uma memória, e não simplesmente uma lembrança.

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atitude salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos [...] se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (BOBIO, 1997, p. 30-31).

A memória, nesse entendimento, começa a formar a identidade dos agentes que vivenciam as folias - logo, esse imaginário coletivo dialoga com o propósito da circularidade cultural contida nas folias. Precisa ser compreendida a concepção de resistência, mas no contexto dessa pesquisa é mais cabido que seja utilizado o conceito de circularidade cultural, uma vez que, por exemplo, Bakhtin (2008) quer a promoção e valorização da cultura popular, deixando claro o seu dinamismo e influência numa cultura tida como hegemônica.

O pensamento de circularidade cultural requer mostrar o pensamento sobre cultura popular de forma contemporânea, cujas expressões artísticas interagem de várias formas, umas influenciando as outras. Fato que notadamente ocorre nas folias, que se conservam, pois, seu espaço é no imaginário de seus agentes: foliões e devotos. Inspirados na conduta teórica de Boaventura de Souza Santos (2000), é importante destacar que a memória é fonte para expressão de etnicidades, línguas, particularismos, racismos, sexismos e processos culturais - o que reforça a categoria que aqui é trazida. A memória é um eficiente mecanismo de perpetuação nas folias.

Quando se fala na imagem de perpetuar ritos, costumes e crenças, deve-se falar também na perpetuação da memória. Ela, nela e através dela é possível que razoavelmente se torne fundamental para que haja uma base existencial sobre um povo, sem que se tenha um entendimento superficial ou subjetivo. Historiadores conseguem elaborar conceitos utilizando-se da memória social ou da memória histórica, o que se apresenta como latente uso nas Folias de Reis: as memórias social e histórica fazem com que a tradição se perpetue.

Logo, memória ajusta-se num entendimento geral da coletividade: um homem vivendo num tempo, experienciando fatos, vai ter recordações sobre tais. Seus primos, parentes e contemporâneos, sobre os mesmos fatos, haverão de criar, na coletividade, uma memória. Isso revivido, perpetuado, achega-se na identidade desse grupo. Mas o mais contundente é que viventes dos mesmos fatos passarão a restaurá-los, revivê-los, relembra-los de forma coletiva.

As vozes ecoantes da memória são um fino comprovador da História, enquanto ciência. Seu método atestador se perfaz numa dimensão muito ligada ao fazer de uma gente. Não há como, por exemplo, constituir um povo, uma nação, se não houver a ferramenta da memória. Tão logo se adota esse conceito de memória, ela passa a ocupar um espaço metafísico, inclusive, na dinâmica das coisas. Lugar material ou imaterial canoniza memórias. A missa na capela, o sino da igreja, os cantos, a chuva do veranico de janeiro, a comida servida nas festividades, a bandeira, o palhaço da folia, a reza do terço, os mutirões, ou seja, tudo passa a constituir um possível lugar da/na memória.

Reiterando esse pressuposto, apontam-se as conexões que, criadas nos lugares da memória, passam a ser agentes de uma forma de História Oral (quando destinada a isso), como, por exemplo, o repasse dos versos em uma folia, seu ritmo e rituais. Tudo isso passado pelas gerações por conta da apropriação e do uso da memória: a bandeira da folia não volta atrás, não faz cruz, e o palhaço não adentra mascarado num lar. Ou seja, há uma conservação dos pequenos ritos para a manutenção do ritual, inclusive quando não é possível dar vazão a ela sozinha.

É o indivíduo que testemunha o sumo contido na Memória Coletiva. Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a quem tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994. p. 411).

É na versão da coletividade que tudo toma forma. A lembrança de um rito, a cantoria de um verso de folia, as indumentárias e símbolos e a prática ritual fazem com que tudo seja perene. Nesse grande e complexo meio, o da memória, consegue-se compreender por que filhos mantêm a tradição dos pais, tradição esta que vem dos avós, e dos pais dos avós. O fato é que a memória passa a ser, enfim, um patrimônio daquelas pessoas que estão envolvidas com tal manifestação.

É comum que se veja gente jovem sendo coroada em festas de Folia de Reis, e, igualmente comum, os mesmos figurarem em iguais fotografias, como festeiros, assim como seus pais, seus avós e assim por diante. A devoção e a fé passam pelas gerações numa lógica de quase hereditariedade de um ritual, de uma memória social aplicada, de uma tradição. Não é incomum ouvir “farei a festa da forma que meu pai um dia fez”. Logo, a memória é-lhes um patrimônio - seja por afetividade, seja por continuidade de uma tradição.

Todos esses acontecimentos passam a ser representativos. As folias representam um ajuste simbólico e ritualístico de determinados lugares, seja no campo ou na cidade. Os cidadãos com experiências e vivências do campo e os camponeses que resistem em sua representação. Na acepção da palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare*, sua significação é “tornar presente”. Tendo as definições de representações como base, entenda-se as folias como uma representação, ou seja, a que se torna presente em uma tradição inventada pelo povo, nas comunidades em que são vistas.

Logo, as concepções de memória aqui trazidas caminham para a compreensão de uma memória coletiva, pois lida com o imaginário popular coletivo que cria relação com as Folias de Reis, ao passo em que vão se alinhando onde se estabelecem: no contexto de uma comunidade plural, campo e cidade, e com isso uma imersão ao que é popular atuado na realização de seus ritos e atividades.

## **1.2: Tradição inventada: representações de uma vontade coletiva**

A definição do que é ou não tradicional não é uma questão nova nem resolvida. Também não é novidade dizer que as tradições são dinâmicas, como a realidade social em que operam. Um nome de destaque nessa área é Eric Hobsbawm (1917-2012), egípcio de Alexandria, que nasceu no período de dominação inglesa

naquele país. Conhecido como pesquisador inglês, considerado um dos maiores historiadores do século XX, pesquisou sobre a historiografia numa perspectiva da totalidade histórica, no sentido de que a História deveria abranger todas as áreas de afetações humanas. Por sua vez, Terence Ranger (1929 - 2015), historiador inglês, dedicou-se a estudar a História da África no que tangia à independência e pós-colonialismo. Juntos, Hobsbawm e Ranger coordenaram um livro intitulado *A invenção das tradições* (1997); nele, um grupo de autores descreve casos em que a invenção de tradições pode ser vista no contexto da formação de identidades nacionais europeias. Seu ponto de partida é que muitas das tradições que representam o passado de uma nação ou povo são, na verdade, de criação recente.

A tradição inventada é entendida como o conjunto de práticas geralmente governadas por regras explicitamente aceitas e de natureza ritualística ou simbólica, que tenham com o objetivo de inculcar certos valores e normas de comportamento através de sua repetição, que automaticamente implica continuidade com o passado (HOBBSAWM, 1997, p. 09).

Um dos maiores méritos do livro editado por Hobsbawm e Ranger (1997) foi inverter a questão até então dominante – como o passado se “reflete” no presente – para uma reflexão sistemática sobre como o presente organiza, constrói, interpreta o passado. Especificamente, os editores se propõem a questionar o papel desempenhado pela “tradição” dentro de uma forma de organização jurídico-política e cultural (Estado-nação) que reivindica raízes profundas para converter valores relativos e exorbitantes em verdades absolutas, universais e atemporais.

Para Hobsbawm (1997), os hinos nacionais são exemplos claros de tradições inventadas, e respondem a algumas características do que se pode considerar tradicional: repetem-se inúmeras vezes, evocam elementos do passado, destinam-se a inculcar valores e normas de comportamento, tendo por isso um certo sentido ritualístico, embora o momento de sua criação possa ser rastreado. Configuram, assim, tradições inventadas num contexto nacionalista com finalidades claramente definidas.

As tradições inventadas, em contraste com os costumes, usam materiais antigos para sancionar novas práticas que servem a propósitos igualmente novos. Por esta razão, eles também são diferentes das tradições genuínas, que revivem e não inventam, modos de vida antigos ainda atuais. Existem outros tipos de tradições, que

podem ser religiosas, familiares ou comunitárias, algumas das quais fazem parte dos costumes. Estes, por outro lado, não têm origem definida ou rastreável, vêm do passado, são legados de um tempo incerto.

Segundo Hobsbawm (1997), em termos de funções, haveria três tipos de tradições inventadas sobrepostas desde que ocorreu a Revolução Industrial. Alguns procuram estabelecer ou simbolizar a coesão social ou a participação em certas comunidades reais ou imaginárias. Outros estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade. Finalmente, podem-se citar certas tradições que têm como objetivo principal a socialização, a inculcação de crenças, sistemas de valores e convenções de conduta.

Na medida em que existe tal referência a um passado histórico (tradições inventadas), passa então a ser aceita a continuidade desses eventos, e, com ela, grande parte factual, ou seja, os fatos ocorridos passam a ocupar um espaço num pensamento coletivo. Em suma, constituem comportamentos de resposta que assumem a forma de referência a situações anteriores, ou que estabelecem seu próprio passado através de repetição quase obrigatória.

O que torna tão interessante a invenção da tradição, aos olhos dos historiadores dos últimos dois séculos, é o contraste entre mudança e inovação constante do mundo moderno e a tentativa de estruturar pelo menos certos elementos da vida social na estrutura do mesmo, atribuindo-lhes um caráter imutável e invariante.

Tradição, neste sentido, deve ser claramente distinguida de costume como um fator dominante nas chamadas sociedades tradicionais. O objeto é a característica das tradições, incluindo os produtos da invenção: é a invariância. O passado, real ou inventado, ao qual Hobsbawm e Ranger se referem, impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), como a repetição.

Nesta interpretação particular, Hobsbawm enfoca a historicidade dos fatos e sua condição estrutural na tradição. Essa série de aspectos invariáveis, anteriores às mudanças ou contingências históricas, são *co-implicadas* com as próprias narrativas - no caso, as tradições concretas inventadas. Essa abordagem permite enfatizar que os temas recorrentes não são atuais ou exclusivos de um período histórico específico, mas, além de determinados contextualmente, são também estruturais.

Assim, embora o passado temático continue nas tradições e seja articulado contextualmente, o pano de fundo é o mesmo. O que muda, de fato, ou é inventado

nesse caso, portanto, é a articulação linguística ou a adaptação histórica do tema. Portanto, a tradição – como tema – não pode ser inventada: o que são inventadas, configuradas ou recriadas são as histórias ou articulações sobre tradições.

O princípio básico seria que a condição humana é eminentemente tradicional e não pode deixar de sê-lo. De fato, não há possibilidades extra culturais para o ser humano, pois não há geração espontânea. Pelo contrário, somos herdeiros por natureza e o nosso percurso biográfico estará sempre imbuído de memórias dos nossos antepassados, da nossa cultura ou da nossa história.

Da mesma forma, nossos textos também são herdeiros. Agora, o que é fato é que ser tradicional pode ser articulado, uma vez que passamos a herdar costumes, crenças e tradições. Na verdade, em virtude do momento haverá uma articulação diferente. Uma vez assim argumentado, estaríamos em condições de afirmar que existem histórias tradicionais ou sobre a tradição que são inventadas ou reconstruídas a partir do presente.

É importante salientar que, do nosso ponto de vista, tradição é uma condição humana estrutural: o homem é acima de todos os herdeiros. Assim, os sujeitos precisam de referências sobre o que eram seus ancestrais para configurar o passado e poder se identificar no presente. Mas, também, a tradição é fruto de seu contexto, pois é articulada historicamente. Assim, a tradição é tanto uma condição estrutural quanto uma articulação histórica.

Além disso, justamente essas articulações históricas são as únicas que nos permitem apreender o estrutural, que é inferido pelo histórico. Deve-se entender que não há outra forma de construir o passado ou o inato: somente à luz da História – que é a única de que temos notícia – podemos inferir as matrizes estruturais.

Mas, acima de tudo, somos seres tradicionais, na medida em que precisamos inventar histórias tradicionais que justifiquem “o que somos” ou “o que dizemos que somos”. De fato, a intenção profunda de todas as expressões ou histórias tradicionais, juntamente com as funções sociais ou políticas que podem desempenhar, pode revelar quem somos.

É aqui que a ligação entre tradição e processos identitários se torna evidente. Para manter uma imagem de grupo coerente e permanente (ilusão de grupo) temos que inventar diversas histórias sobre a tradição. E o poder dessas narrativas

tradicionais, portanto, reside em sua capacidade de se tornar parte da memória cultural ou imaginários compartilhados.

Assim, as tradições são uma ferramenta discursiva muito importante para a coesão e identificação, que não só criam um sentimento de grupo, mas também marcam as diferenças entre alguns membros e outros. À luz de uma dada história tradicional, as várias categorias sociais ou sinais de identidade podem ser vistos como ampliados ou silenciados em relação ao passado. A consciência e o sentimento de pertença a um determinado grupo dependem fundamentalmente da inculturação e da aprendizagem social.

Desde a revolução industrial, as sociedades foram naturalmente compelidas a inventar, instituir ou desenvolver novas redes de convenções ou rotinas com mais frequência do que as sociedades anteriores. Na medida em que operam melhor quando se tornam um hábito, um procedimento automático ou a mesma ação reflexiva, exigem invariância, que pode interferir como mais um requisito exigido pela prática, ou assim por diante, na capacidade de enfrentar imprevistos ou para o bem comum.

Essas redes de convenção e rotina não constituem tradições inventadas a partir de suas funções e, portanto, de suas justificativas - são mais técnicas do que ideológicas (em termos marxistas, constituem elementos básicos e não a superestrutura). Tais elementos são criados para facilitar as operações práticas de rápida definição e são facilmente modificados ou abandonados para se adaptar às novas necessidades práticas, sempre tendo em mente a inércia que toda prática adquire com o passar do tempo e a resistência emocional a qualquer inovação por parte das pessoas que a adotam.

### **1.3: Campo e cidade nas festas populares e seus agentes**

Ao possibilitar uma abrangência nas performances, Milton Borah Singer (1912-1994), antropólogo norte-americano e especialista em estudos indígenas, foi professor da Universidade de Chicago. Singer foi o primeiro a usar a expressão Antropologia Semiótica, em 1978, e também foi o precursor do conceito de

performances culturais. O que antes era disperso em uma série de possibilidades teóricas passa a ser explicável por um só viés, mesmo que vindo de muitos atravessamentos, encruzilhadas SINGER (1972). Formas simbólicas e sólidas surgem com uma explicação que não poderia ser considerada pelos números, fórmulas físicas, porém vividas pelos indivíduos em plena relação interpessoal, nas comunidades em que estivessem inseridas.

Colocadas num tempo-espaço, as performances culturais passaram a vigorar numa perspectiva abrangente das relações humanas, dando conta de serem concluídas por manifestações rituais, simbólicas e relacionais. Ao explicar o porquê de tais entrecruzamentos, chega-se à teoria de as performances culturais imbricarem em política e sociedade, por exemplo. Compreender como uma comunidade manifesta seus rituais e formas no passar dos anos, com todo um jogo de tempo, a História, com as mudanças impostas pela sociedade em seus diversos contextos e regimes é uma das tarefas da teoria das performances culturais.

Compreender que, pontualmente, as performances culturais estão para a discussão sobre o campo e a cidade, consiste em dizer que todas as indumentárias históricas, sociológicas e antropológicas de um espaço e de outro podem ser exploradas observando-se seus agentes e seus trânsitos, levando em consideração seus ritos, símbolos, mecanismos de representação, memória e tradições, que passam a figurar uma série de expectativas da ciência.

Os fatores que fazem as interações e integrações ganham esse destaque quando se quer comprovar que campo e cidade não são somente lugares ou ambientes, que são, via de regra, espaços que muitas vezes ganham a personalidade de personagem para ser contada uma história de representação, por exemplo, como acontece nas Folias de Reis, quando se destina a estudar o campo e a cidade. Cada qual apresenta seu jogo simbólico de representar. Nesse âmbito, tudo se transforma e ganha espaço nas performances culturais. Portanto, ao incidir foco sobre as questões que permeiam campo e cidade, consideramos ser importantes explicações teóricas que figuram na Geografia Cultural, que seguem no Quadro de Definições 1.

Quadro 1 – Definições de Campo e Cidade.

<b>CIDADE – URBANO</b>	<b>CAMPO – RURAL</b>
<b>Civitas f.</b>	<b>Campus m.</b>

<p><b>1. Condição de cidadão; direito de cidadão. 2. Conjunto de cidadãos. 3. Sede do governo; Estado; cidade; pátria. 4. = urbs.</b></p>	<p><b>1. Planície; terreno plano; campina cultivada. 2. Campo ou terreno para exercícios. 3. Campo de batalha. 4. Os exercícios do Campo de Marte; os comícios; as eleições. 5. Produtos da terra.</b></p>
<p><b>Civis m. e f.</b>  <b>1. Cidadão livre; cidadã livre; membro livre de uma cidade, a que pertence por origem ou adoção. 2. Concidadão; concidadã; 3. Habitante. 4. Soldado romano. 5. Companheiro</b></p>	<p><b>Campensis adj.</b>  <b>1. Relativo aos campos; campestre. 2. Epíteto de Isis que tinha um templo no Campo de Marte.</b></p>
<p><b>Urbs f.</b>  <b>1. Cidade (em opôs. A rus ou a arx). 2. A cidade por excelência. 3. Cidade, população duma cidade, os cidadãos; Estado. 4. Morada; asilo.</b></p>	<p><b>Rus, n.</b>  <b>1. Campo (em opôs. A domus “casa” e urbs “cidade”). 2. Terras de lavoura. 3. Casa de campo. 4. Território, região. 5. Fig. Rusticidade, rudeza. 6. Pl. Propriedade rural; o campo (em geral)</b></p>
<p><b>Urbanus adj.</b>  <b>1. Da cidade (em opos. a rusticus); da cidade de Roma; urbano. 2. Civil (em opos. a castrenses); pacífico. 3. Polido, fino; delicado; urbano. 4. Espirituoso; engraçado; engenhoso. 5. Divertido; folgazão; gracejador. 6. Elegante; esmerado; (fal. do estilo); que usa linguagem apurada. 7. Imprudente; desavergonhado; indiscreto</b></p>	<p><b>Rusticus adj.</b>  <b>1. Dos campos; do campo; rústico; campestre; rural. 2. Fig. Rústico; agreste; rude; inculto; grosseiro; tosco; labrego; saloio; desajeitado; sem elegância. 3. Simples, ingênuo; pouco atilado; estúpido. 4. Inacessível ao amor; esquivo; bisonho. 5. Camponês; lavrador; campônio.</b></p>

Fonte: Bagli (2006 a, p.43).

Campo e cidade apresentam-se, nesse quadro de definições, como de um lado a civilidade e de outro a rusticidade, como conceitos interpostos. A análise discursiva criada desde a etimologia da palavra carrega consigo uma noção de sentido contundente: para a cidade o elegante e para o campo o atilado. Construções que são meramente reproduzidas sem o devido cuidado. Compreende-se aí que, para além do que se busca aqui debater, neste estudo geral, campo e cidade surgem antagônicas, opositoras, conforme os estudos gerais levantados, inclusive caracterizando seus agentes. Na cidade está o delicado, engenhoso, e, no campo, o rústico, rude e inculto - visão que será importante para comprovar algumas fundamentações. Trabalhar a teoria de campo e cidade, não como uma dicotomia, mas em suas clivagens de procedimentos e atuações, frente ao largo campo simbólico das folhas, cria entendimento de o porquê se estabelecem tantos pontos a serem

observados nessa pesquisa: rituais no campo e na cidade, agentes que permeiam esses espaços, por exemplo.

Ao alongarmos mais o palco de visão traremos a concepção de campo e cidade, sob a visão de Raymond Williams, que, para o que aqui refletimos, basta para a construção de um entendimento. Williams, sociólogo galês, é considerado um dos mais importantes nomes da crítica cultural. Estudou literatura, teatro e televisão, trazendo para o centro do debate as construções que colaboraram para o entendimento sobre cultura popular e cultura erudita tendo como pano de fundo o que esse ponto provoca na dialética do materialismo histórico.

Entender que um dos cais em que se pode ancorar essa pesquisa é aceitar que o materialismo histórico e dialético é uma teoria aplicável no estudo sobre as Folias de Reis e sua relação entre campo e cidade. Numa abordagem filosófica, Karl Marx (1996) e Friedrich Engel (1999), trazem uma sustentação que serve de base para a compreensão do desenvolvimento histórico, social e econômico da humanidade, buscando analisar a sociedade sob a perspectiva materialista, considerando as relações materiais de produção como determinantes na formação e na evolução das estruturas sociais.

O materialismo histórico e dialético parte do pressuposto de que a base da sociedade é a atividade produtiva humana, a qual envolve a fabricação e a troca de bens materiais, estabelecendo convivências sociais, políticas e jurídicas, as quais organizam a vida em sociedade, sendo as relações de produção, o principal motor da mudança.

Segundo o citado materialismo, as gerações são marcadas por contradições e conflitos de interesses entre as diferentes classes sociais, cuja luta de classes também é vista como fator de transformação na sociedade, impulsionando o desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, as transformações nas relações sociais. A dialética, por sua vez, é uma abordagem filosófica que busca compreender os processos e as alterações por meio da análise de contradições internas, enfatizando a interação entre opostos e a transformação constante.

O referido materialismo propõe um estudo crítico da sociedade e da história, buscando compreender as estruturas de poder e exploração do sistema capitalista. Marx e Engels argumentavam que o objetivo final do materialismo histórico e dialético era a emancipação da classe trabalhadora. Essa teoria influenciou também

significativamente o pensamento social, político e econômico do século XX. No entanto, recebeu críticas e foi interpretada por diferentes correntes, dentro do Marxismo, ao longo do tempo.

Surgindo a Nova Escola Inglesa Britânica, conhecida como Escola Inglesa Pós-Guerra, que trazia uma abordagem teórica dentro do campo das Relações Internacionais desenvolvendo-se no Reino Unido, a partir da década de 1950. Surgiu aí um impacto significativo para outras abordagens teóricas, como o construtivismo, contribuindo para se ter uma visão mais ampla e complexa das relações entre as nações, considerando não apenas o poder e o interesse nacional, mas ainda, os fatores culturais, históricos e morais que moldam a política mundial.

Assim pode-se concluir que o materialismo histórico e dialético colaborou para comprovar a hipótese de que, incluindo os conflitos existentes, campo e cidade, sofreram impacto significativo entre os aspectos campestres e urbanos e causou, em vez de uma cisma, um emaranhado de complexas movimentações, na área da cultura, afetando em igual modo as Folias de Reis.

Compreender que o capitalismo modificou todo o cenário de uma geração é afirmar que o capital passou a influenciar sobremaneira a tradição inventada das Folias de Reis. Surgindo a necessidade de se refletir sobre o Capitalismo Tardio, trazido por João Manuel Cardoso de Melo em *O Capitalismo Tardio e a Sociabilidade Moderna (1998)*, referindo-se a uma fase específica do desenvolvimento do Capitalismo ocorrido após a fase de início da industrialização e consolidação do sistema capitalista, como já afirmado. Daí a sociedade começou a se afastar de alguns preceitos que já não mais caberiam na cidade, o que para essa pesquisa não consegue se firmar até o momento. Pois o Capitalismo Tardio aparece como influenciador da modificação de uma dinâmica das Folias de Reis, não de seu esfriamento.

O termo Capitalismo Tardio foi popularizado pelo sociólogo alemão Jürgen Habermas, em seu trabalho *A Transformação Estrutural da Esfera Pública* de 1962, mas também foi discutido por outros teóricos, como Ernest Mandel e Fredric Jameson. Essa noção refere-se a uma etapa caracterizada por mudanças na estrutura econômica, nas relações sociais e nas formas de vida associadas ao capitalismo.

Uma das principais características do Capitalismo Tardio é a crescente predominância do setor de serviços e da economia, baseada no conhecimento.

Enquanto nas fases anteriores do capitalismo a produção industrial desempenhava um papel central, o Capitalismo em questão é marcado pela importância cada vez maior dos serviços, da informação e da tecnologia como fontes de valor econômico.

Essa transformação econômica tem implicações significativas na sociabilidade moderna. A ascensão do Capitalismo Tardio está associada a mudanças nas relações sociais, na organização do trabalho e na cultura. A sociabilidade moderna no Capitalismo Tardio está marcada por uma maior individualização e fragmentação da sociedade, sendo as estruturas tradicionais de solidariedade, como comunidades locais e laços familiares estreitos afetados pela rápida mudança social e pela mobilidade geográfica, dando-se ênfase à autonomia individual e o consumo, o que contribuiu para divisões na vida em grupo, tornando-se o convívio entre as pessoas mais fluido e menos estável.

É importante notar que o Capitalismo Tardio também gera contradições e desigualdades, como a concentração de riqueza e poder econômico em mãos de poucos, por exemplo. Portanto, quando se analisa o conceito de Capitalismo Tardio e sua relação com a sociabilidade moderna, queremos desenvolver e destacar que essas mudanças estruturais trouxeram a uma fase atual do pensamento social do homem que impactam na cultura, como a das Folias de Reis.

Toda essa necessidade visa compreender: as transformações na cidade, as dicotomias entre gente da cidade e do campo; a cidade como protagonista na modernidade e o campo colocado em segundo plano; os agentes humanos e suas transformações e as questões de cultura e de sociedade; fatos que ancoram o pensamento atual sobre como tem se dado as clivagens entre campo e cidade nas Folias de Reis.

Nesse ínterim, para falar de campo e cidade em sua aplicação na ampliação a que deve as Folias de Reis é necessário ter um suporte técnico que se aproxime muito dos *corpora* dessa tradição inventada. Em *O campo e a cidade*, livro de Raymond Williams, de 1989, encontra-se esse embasamento, pois a obra apresenta uma visão teórica e crítica das representações nas relações entre campo e cidade, explorando as semelhanças e diferenças marcantes que as identificam. Através de uma profunda análise, as transformações sociais, econômicas e culturais que ocorreram nos ambientes rural e urbano ao longo dos anos são evidenciadas de modo

claro, e, ao que nos é importante aqui dizer, essas marcas são uma tendência nas/para as Folias de Reis.

Quando se divide urbano de rural, entendemos que não se mostra apenas geograficamente, mas uma separação social e cultural também passa a ser visível. A concepção de desenvolvimento diferenciada de campo e cidade mostra aspectos que foram se modificando, no dia a dia, desde as primeiras comunidades agrícolas até as arrojadas cidades modernas, e tudo isso impacta na forma como as Folias de Reis tem percebido essas clivagens e, ainda mais, como tem sofrido suas alterações.

Cidade e campo são espaços diferentes, afirmativa que ninguém contesta. Entretanto, se forem observadas as mudanças trazidas para o campo pela indústria e pela urbanização, momento em que as modernas técnicas modificaram as relações de produção, sociais e a vida campestre, é necessário enfatizar a dependência que existe entre o campo e a cidade, pois também se destacam características campestres atuando nas cidades. Essa troca é contundente quando observamos a constituição rural dessa tradição inventada na cidade de Morrinhos/GO.

Embora o campo seja retratado como um ambiente romântico, idílico, com sua autenticidade, tradição, valores morais, e a cidade associada à modernidade, ao progresso, à alienação, essa imagem não reflete a realidade dos fatos, pois tanto um quanto a outra são espaços complexos e heterogêneos, apresentando uma diversidade de experiências e realidades bastante significativas.

Ao fazer uma análise profunda dos fatos, notar-se-á que a visão de campo e cidade não é simples assim. Existem interações, conflitos, fluxos culturais entre eles, e muitos outros fatores. Desse modo, aspectos simplistas e de tentativa de simplificação comumente abordados desaparecem e a interdependência e a complexidade desses dois elementos se apresentam de maneira profunda e evidente.

É importante ressaltar que transformações urbanas afetaram as experiências individuais e coletivas, tanto campo como na cidade, provocando mudanças nas relações sociais, na vida comunitária e nas vivências cotidianas dos habitantes urbanos, afetando o complexo mecanismo da cultura em geral. Questões relativas ao transporte, por exemplo, interferiram sobremaneira nas relações de campo e cidade. O acesso aos centros urbanos passou a ser facilitado.

A empregabilidade cada vez mais escassa no campo, seja pela mecanização da mão-de-obra, seja por outros artefatos fez com que a dinâmica do campo também

se alterasse. A cidade, como fonte de empregos diversos passou a se transformar em uma moeda de bem-viver. O povo do campo sofreu esses impactos. Para além disso é importante destacar questões relacionadas ao acesso a alimentação e vestuário, mais simplificados, na cidade, impactaram também na vida do homem do campo que ao chegar na cidade haveriam de modificar seu jogo de vida e costumes.

As cidades começaram a receber um grande número de pessoas do campo, e, muitas vezes, sem estrutura, começaram os problemas sociais: sem condições de vida, o subemprego passou a ser uma constante na sociedade. Esses são somente alguns dos aspectos que podem ser trazidos para demonstrar o quanto as imbricações de campo e cidade afetaram e ainda afetam as relações sociais.

Outro aspecto a ser considerado é a ligação entre espaço urbano e cultura. Na cidade, há interações culturais, promovidas por diferentes grupos e classes, que se encontram, colidem e se influenciam mutuamente. Esta vivência comum torna-se complexa e diversificada, refletindo as tensões e as possibilidades que surgem nas relações sociais urbanas evidenciados por Williams em exemplos claros que são uma contribuição para o arcabouço de que a cidade passa a colidir com a compreensão dos *corpora* desta pesquisa. Uma Folia de Reis, por exemplo, será, com certeza, influenciada pelo meio, pois haverá participação ativa dos cidadãos, que sofrerão mudanças significativas em suas vidas no meio em que atuam.

Refletir que o campo sofreu interferências e como suas transformações culturais e identitárias foram impactadas é uma constante a ser considerada, uma vez que, vivenciadas pelo homem do campo e também da cidade, provocações do Capitalismo influenciaram sobremaneira na constituição, inclusive das Folias de Reis. Há que se considerar que tais trocas tiveram relevante contribuição e troca de saberes que acabaram por fortalecer a tradição inventada das Folias de Reis.

Falar desse interessante aspecto é também chamar a atenção para as possibilidades de resistência e resiliência de tradições inventadas, como as das Folias de Reis, em meio à atualidade, destacando-se como as pessoas do campo, apesar dos desafios, são capazes de criar estratégias de sobrevivência, inovação e preservação de seus valores, representações e memórias, inclusive na cidade, quando as comunidades (muitas delas com referenciais familiares do campo) preservam os valores, como os das folias. Organizando-se coletivamente, criam redes de apoio e promovem ações que visam melhorar a perpetuação de suas crenças, num

importante movimento de circularidade cultural como propôs Bakhtin (2008). Em suma, a figura do homem do campo revestido de sua carga de tradição, cultura e ritos, é marcada por desafios e potencialidades, também na pós-modernidade<sup>17</sup>.

Então, a compreensão de entendimento entre campo e cidade ajuda a entender como é que tais expressões passam a vigorar em concepções de preconceito sobre algumas tradições. Assim, RUA et al (2007) entendem como binômio essa nomenclatura de campo e cidade e conseguem esclarecer que

não se pode pensar o urbano e o rural, o local e o global, como polaridades, mas como interações assimétricas que não devem silenciar as intensas disputas socioespaciais que obrigam a permanecer reconfigurações das escalas de ação. [...]. Entretanto, é aí, que se processam os movimentos de resistência e de criação de alternativas e/ou estratégias de sobrevivência que podem se manifestar como releituras daqueles movimentos mais gerais que marcam o espaço contemporâneo. O local e geral/global aparecem integrados pelas escalas de ação (RUA, et al, 2007, p. 115).

Tais intervenções se dão pelos agentes que permeiam ambos os espaços. O êxodo rural da década de 60, 70 e anos seguintes interage sobremaneira com as tradições de um Brasil rural, implicando, assim, em uma espécie de resistência das populações rurais que passaram a viver na cidade. Explicar resistência, para CASTELLS (1999, p.24), é dizer que ela

[...] é criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.

E é nesse emaranhado de informações que se estabelecem as folias nas cidades. Os agentes desse tipo de tradição são forçados a sair do campo, por um sem fim de explicações, por influência do capital, e carregam consigo seu jogo de valores e condutas do campo, mesmo estando nas cidades, com um formato de resistência extremamente adaptado, mas que perpetua seus princípios, de pai para filho.

As cidades possuem uma sistematização diferente do campo.

---

<sup>17</sup> A pós modernidade em nossa pesquisa assume a compreensão de temporalidade atual, tema que não aprofundaremos para além de contextualiza-la como fator determinante para a reelaboração das festividades.

Isso significa que a cidade é um universo mais dinâmico do que o campo, não somente pelo fato da população urbana ser mais móvel, mas também pelo fato de que o seu sistema de interação é mais complexo, dinâmico e intensivo do que o sistema de interação da população rural [...] (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1981, p. 218).

Assim a cidade tem uma série de ajustes que no campo conseguem ser mais maleáveis, simplificados e mais interacionais, afetivos. “[...] A cidade, marcada pela concentração como já destacamos, é espaço propício à realização de atividades que requerem encontro, proximidade ou possibilidade de comunicação, especialização e complementaridade de papéis e funções” (SPOSITO, 2006, p. 116) o que requer dizer que as interações são mais prováveis, geograficamente, de serem realizadas, porém que há um distanciamento imposto pelas lides do capitalismo que preconiza a máxima de que o tempo está relacionado com o dinheiro.

Já SPOSITO afirma que

o campo, marcado mais pela extensão e dispersão, atende técnica e economicamente ao desempenho de outras atividades. No entanto, não é demais lembrar que não há divisão técnica ou econômica, que não seja também divisão social [...] (2006, p. 116).

No campo as interações são mais integradoras que nas cidades. Mesmo levando em consideração que na cidade as construções das residências, por exemplo, com casas mais próximas, promovem a proximidade mais efetiva que no campo. Porém, no campo pode ser vista uma convivência mais evidentes. É percebida uma união em torno das causas comunitárias das regiões, o que na cidade fica comprometida pelas questões do cotidiano gerado pela atualidade: o tempo das pessoas é regulado para sua melhoria de condição de vida, o trabalho passa a consumir o tempo das pessoas que agem em benefício de suas atividades.

Demonstrando assim, campo e cidade, rural e urbano, como complexos mecanismos para compreender que, no campo, ainda são conservados os ritos de uma forma ampla, enquanto na cidade há um processo de reelaboração, ou seja, a atribuição de um novo sentido a algo. Compreender tais clivagens é interessante, uma vez que o ponto de vista do homem caipira, rural, e do cidadão, urbano, fazem com que haja uma espécie de diminuição de um pelo outro.

As Folias de Reis constituem-se numa manifestação cultural por meio de símbolos que possibilitam aos homens aproximarem-se da ideia de Deus e externarem tal aproximação em sua forma. O homem da cidade estava próximo à

Igreja, tudo se lhe tornara mais acessível. As formas elementares de religiosidade e performances culturais do/no campo surgiram pela necessidade do homem em se fazer visível ante aos grandes processos de tentativa de silenciamentos impostos pelo capitalismo. As Festas populares surgiram pela vontade de manifestação de toda uma comunidade frente a sua gente.

### **1.3.1: Festejos populares no campo e na cidade tradição e modernidade**

As festas populares fazem-nos pensar nas tradições, nas vilas, na história e na quebra da continuidade do calendário de trabalho. De diferentes culturas e visões, as festas carregam diferentes significados: por exemplo, para a tradição judaico-cristã, a festa é sinônimo de descanso e lazer após o trabalho; é um tempo de reflexão, de rezas, é um tempo suspenso associado à maldição do trabalho, o que permite relacionar a festa do intervalo ao tempo profano do trabalho (CRAWFORD, 2005).

Segundo Bakhtin (2008), a dupla concepção de tempo e mundo não é recente, mas já existia em povos antigos, pois em seu entendimento encontram-se paralelamente cultos sérios (por sua organização e tom) e cultos cômicos que transformavam as divindades em objetos de escárnio e blasfêmia.

Por outro lado, as festas, como outros processos sociais, respondem às constantes mudanças sociais, às mudanças que deram lugar à vida moderna. A transformação das sociedades rurais em sociedades industriais marcou importantes mudanças nos rituais festivos. De acordo com Santos e Vargas (2022, p. 268),

Aquilo que originalmente nasceu no espaço rural, carregado de um simbolismo e ligado ao imaginário de quem é do campo, hoje, é expandido para os espaços urbanos, atrelado ao mercado de entretenimento e de turismo que responde às necessidades de acumulação de capital.

A expansão para as cidades dos festejos populares que tiveram a ruralidade como espaço criador traz a percepção de que os festejos populares que se modernizaram estigmatizam os antigos, ou seja, rotulam como antiquados e passíveis de mudanças. Talvez isto aconteça como resultado dos apelos econômicos da sociedade capitalista, que toma para si os significados destas festas. A exemplo, citam-se todas as tradições inventadas elencadas neste tópico.

As Cavalgadas, que surgiram como fontes de trabalho e de meio de transporte, transformaram-se em captação de recursos dos governos, em especial municipais, como forma de ascender economicamente este tipo de festejo. Da mesma forma são as Cavalladas, Congadas, a Queima do Alho, entre outros festejos, as Folias de Reis. No entanto, John Thompson (1998) questiona o conceito de que as sociedades modernas tenham causado a perda das práticas tradicionais, pois, segundo este autor, as tradições não desaparecem todas ao mesmo tempo do mundo moderno, mas apenas seu *status* muda em certos aspectos.

Assim, o capitalismo nem sempre avança eliminando as culturas tradicionais, mas também se apropriando delas, reestruturando-as, reorganizando seu significado e a função dos objetos, crenças e práticas. As festas tradicionais de origem rural e comunitária passam a se enquadrar na lógica do mercado e do capital que determina as pautas do entretenimento. Desta forma, os festejos populares convivem com festas privadas e exclusivas, que acontecem em espaços fechados e com menor dependência do calendário religioso, readaptando-se aos hábitos estéticos e lúdicos do momento.

Desde finais do século passado que se assiste às transformações das tradições - algumas foram totalmente modificadas e outras mantiveram o seu formato original, como as Cavalgadas que deixaram o seu sentido principal e foram readaptadas para a urbanidade, passando a ser uma tradição inventada. Segundo Antonio Villarroya Ariño (1992), na sociedade moderna, capitalista, burguesa, democrática e laica, a festa principal só tem razão de existir se atender a uma série de princípios ou requisitos básicos.

O calendário é estruturado segundo quatro princípios ou lógicas de atuação: a) o princípio da utilidade (eliminar os entraves para que o mercado funcione e a parte gere benefícios: o festejo útil); b) o princípio da legitimidade (possibilitando tanto a participação individual por meio do pagamento de cotas de acesso aos espetáculos quanto a participação em massa por meio da criação de associações mediadoras e atos conjuntos); c) o princípio do pluralismo (acomodar toda a diversidade de crenças: os festejos seculares); e d) o princípio da especificidade (a homogeneização do mercado e o racionalismo burocrático não só eliminam como promovem novas formas de singularidade: a festa como liturgia civil).

Desta forma, para que os festejos populares não se dissolvam totalmente em espetáculo, o povo deve conseguir não se subordinar aos interesses do grande capital comercial. Os membros da comunidade devem manter seu protagonismo na organização material e simbólica das tradições, inventadas ou não.

Assumimos a teoria de tradição inventada em Hobsbawm, pois as tradições, via de regra, aparecem para dar um juízo de continuidade, para inclusive, passar uma sensação de que tudo se perpetuará. A se pensar, por exemplo, num reinado: após a morte de um monarca, começa-se o rito para que alguém na linha sucessória assuma o poder. Em todo aquele cerimonial, o bispo se encarrega de coroar o novo monarca. Esse ritual foi uma tradição inventada que passa pelas gerações com a finalidade de perpetuar a investidura de alguém ao trono, por um representante da Igreja Católica.

Tudo está sujeito a esse ir e vir que envolve as manifestações: assumimos a concepção de reelaboração nas tradições das folias, que acabam por ensinar sabedorias, muitas delas úteis à sua própria conservação. As tradições são inventadas por serem construções, cuja tentativa é a de se mostrar o caos em que as invenções nada mais são que subterfúgios entre os poderosos e o povo, para oferecer-lhes uma experiência sobre algo.

O que fica claro nessa crítica proposta não é o fato em si das tradições como sendo uma perpetuação da criação de um povo através de seus rituais, comportamentos sociais. O que realmente está por detrás disso tudo é a tentativa de desmontar esse certo equilíbrio que querem passar as tradições. Na verdade, o que precisa ser analisado é a crítica à experiência, como fonte de sabedoria.

Quando Hobsbawm propõe esse embate moral entre a capacidade de oferecer uma voz no que afasta o ser do bom senso, é justamente aí que entendemos surgir essa variante da tradição em nossa cultura, cheia da perspectiva de costume, e passamos a entremear o pensamento sobre o que faz um costume se transformar em tradição, e ser o próprio conceito que envolve a prática, suas elaborações e sentidos no grupo em que está inserido.

#### **1.4: Capitalismo tardio, a sociabilidade moderna e as Folias de Reis**

Compreender que o capitalismo modificou todo o cenário de uma geração é afirmar que o capital passou a influenciar sobremaneira a tradição inventada das

Folias de Reis. Surge, assim, a necessidade de se refletir sobre o capitalismo tardio<sup>18</sup>, trazido por João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais em *O Capitalismo tardio e a Sociabilidade Moderna*, 1989, referindo-se a uma fase específica do desenvolvimento do Capitalismo ocorrido após a fase de início da industrialização e consolidação do sistema capitalista, como já afirmado.

A reflexão sobre a sociabilidade moderna sugere, desde então, uma ponderação que faz com que a necessidade de se olhar a sociedade brasileira, sob a perspectiva de sua vitalidade, seja interessante para essa pesquisa. Com a industrialização ocorrida basicamente entre as décadas de 1950 e 1980, como dizem os autores Mello e Novais, houve uma urbanização da sociedade, chegando a se acreditar que a ideia do Milagre Brasileiro.

Reflexo dessa urbanização é o evento da mobilidade social ascendente de um país simpático com criação de oportunidades, em que houve a possibilidade de uma melhoria de vida, até a década de 1980. E, depois disso, outro fenômeno intrigante: a mobilidade social descendente, em que as expectativas de melhoria de vida foram diminuindo - o desemprego da classe média, uma realidade, fenômeno dos anos 90, somado à dificuldade do jovem em acessar o mercado de trabalho.

Com essa perda de vitalidade econômica, algumas consequências fizeram com que o país parasse, do ponto de vista não só econômico, mas também social. A distribuição da riqueza e de recursos aos mais pobres impactou nas questões sociais do país, ocasionando um problema sério de justiça social. A educação, através do ensino ofertado, foi precarizada diante de tudo, mesmo sendo a educação o local da diminuição de problemas sociais. A cidadania, diante disso, passou a ocupar um espaço delicado para a sociedade, ficando trincada, e, ao se estabelecer tais apontamentos, constitui-se a sociabilidade moderna e essa passa a congraçar uma resposta dada por um sistema, o do capitalismo tardio.

Capitalismo tardio não é um conceito encerrado e é bastante abrangente. Significa que trata de um capitalismo com alcance global jamais visto, por conta do advento da tecnologia, espalhado por todas as regiões do mundo, profundamente

---

<sup>18</sup> O termo Capitalismo tardio foi popularizado pelo sociólogo alemão Jürgen Habermas em seu trabalho "A Transformação Estrutural da Esfera Pública" de 1962, mas também foi discutido por outros teóricos, como Ernest Mandel e Fredric Jameson. Essa noção se refere a uma etapa caracterizada por mudanças na estrutura econômica, nas relações sociais e nas formas de vida associadas ao capitalismo.

interligadas, em que pode ser olhado como as contradições desse modelo de capitalismo, mas deturpado para o conceito de capitalismo tardio.

As contradições do capitalismo tardio expõem alguns pontos em que as pessoas passam a viver a contradição em que ele diz criar valores, por exemplo, quando se fazem defensores desse ou daquele banco, enquanto na verdade a função social do banco é explorar financeiramente seus usuários. Esses sérios problemas, colecionados, vão agregando entendimentos para que pensemos em que ponto se encontram com as folias.

O homem, da cidade e do campo, já não mais possuía os mesmos valores. Os homens da cidade, mesmo nas comunidades mais carentes, criaram o que firmamos como falsa sensação de pertencimento a um processo perigoso na sociedade. O homem da cidade, mesmo com influências no campo, passou a ter uma outra dimensão de seus valores, crenças e atividades.

Essas falsas sensações de pertencimento social começaram a se afastar de alguns preceitos que já não mais caberiam na cidade, o que para esta pesquisa não consegue se firmar até o momento. Afinal, o capitalismo tardio aparece como influenciador da modificação de uma dinâmica das Folias de Reis, não de seu esfriamento.

Uma das principais características do capitalismo tardio é a crescente predominância do setor de serviços e da economia, baseada no conhecimento. Enquanto nas fases anteriores do capitalismo a produção industrial desempenhava um papel central, o capitalismo em questão é marcado pela importância cada vez maior dos serviços, da informação e da tecnologia, como fontes de valor econômico.

Essa transformação econômica tem implicações significativas na sociabilidade moderna. A ascensão do capitalismo tardio está associada a mudanças nas relações sociais, na organização do trabalho e na cultura. A sociabilidade moderna no capitalismo tardio está marcada por uma maior individualização e fragmentação da sociedade, sendo as estruturas tradicionais de solidariedade (como comunidades locais e laços familiares estreitos) afetados pela rápida mudança social e pela mobilidade geográfica, dando-se ênfase à autonomia individual e ao consumo, o que contribuiu para divisões na vida em grupo, tornando-se o convívio entre as pessoas mais fluido e menos estável.

É importante notar que o capitalismo tardio também gera contradições e desigualdades, como a concentração de riqueza e poder econômico em mãos de poucos, por exemplo. Portanto, quando se analisa o conceito de capitalismo tardio e sua relação com a sociabilidade moderna, queremos desenvolver e destacar que essas mudanças estruturais conduziram a uma fase atual do pensamento social do homem que impactou na cultura, como a das Folias de Reis.

### 1.5: Folia de Reis

Muitos pontos do Brasil, especialmente em cidades e vilas menores na parte central, têm celebrações da epifania do Senhor, trazidas aqui nas “Folia de Reis”, para homenagear os Três Reis Magos que visitaram Cristo no seu nascimento. Há uma espécie de procissões, os giros, com música, dança, fantasias e muito mais, em que os foliões param em diferentes casas pedindo presentes – geralmente comida – e isso usualmente termina em uma grande comemoração com muita festa e música.

Suas toadas<sup>19</sup>, cantos e vozes obedecem a características de uma região, e, no caso do que foi levantado por esta pesquisa, é incorporada ao que entendemos ser mão-de-obra do local.

Segundo Pierre Bruñel (1998), o sentido místico e principalmente mítico das Folias de Reis remete para a tripla função que exercem: o de contar, o de explicar e o de revelar. **Conta** uma narrativa de um começo, uma narrativa de acontecimentos fantásticos – o nascimento de Cristo; **explica** uma origem – origem divina de Cristo; **revela** um dado sagrado – a presença de Deus entre os homens para anunciar a salvação da humanidade. (KODAMA, 2009, p. 124, grifo nosso).

As folias cumprem as três funções acima. Pelos estudos e pesquisas de campo, pôde-se confirmar seu caráter de contar suas narrativas, explicando suas

---

<sup>19</sup> Alguns pesquisadores dizem que há as toadas mineira, catarinense, carioca e goiana, cremos que, na tentativa de sistematizar a tradição, o que entendemos que não apresenta artefatos que parecem contundentes para tais enquadramentos. Preferimos ficar com a definição dos lugares e suas particularidades do que modular as folias nos espaços em que aparecem. Uma folia de Morrinhos/GO, por exemplo, receber o enquadramento e a afirmação de que atende à norma musical de uma toada mineira não nos pareceu assertivo. Pois, ao ser observada e levada em consideração, quanto aos elementos, não se firma tal discussão - o número de músicos, tipos de instrumento e rituais de canto não conseguem abarcar tal entendimento final. Acordamos com a ideia da pluralidade do ritual das folias e sua manifestação múltipla nas regiões em que surgem, invariáveis, mesmo que diversas.

origens, revelando o dado sagrado da concepção de Deus para as comunidades por onde passam as folias e pelos agentes que são tocados, de alguma forma.

Para Alves (2009, p. 04),

A tradição da Folia de Reis chegou ao Brasil por intermédio dos portugueses no período Brasil – Colônia, sendo que já era uma manifestação cultural realizada por toda a Península Ibérica, onde era comum a doação e trocas de presentes, regadas a cânticos e danças nas residências. Dessa forma, a Folia de Reis teria sido introduzida no Brasil no século XVI, como instrumento pedagógico dos jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e logo depois, os escravizados.

Marcadamente religiosa, a Folia de Reis, que antes era vivenciada somente no meio rural, passou a fazer parte das tradições das cidades. Outra inovação é a presença de mulheres entre os foliões, o que não era permitido antes, por uma construção patriarcal que considerava que a mulher, inclusive nas folias, deveria cuidar dos afazeres da cozinha e da arrumação/decoração das festas, que não são de menor importância, mas que precisamos deixar evidenciado aqui. Não se podendo precisar/datar quando se findou tal prática. Atualmente, mulheres dividem espaços com homens em todos os rituais das folias. Os jovens também procuram fazer parte desse festejo popular, o que evidencia o seu caráter de modernidade, o que será abordado mais adiante.

As folias têm recebido uma série de adaptações, inclusive, tendo uma variação santoral: há folias de Santos Esposos, Divino Espírito Santo, Divino Pai Eterno, São João Batista, Santa Luzia, São Sebastião, Nossa Senhora D'Abadia, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Carmo.

Conseguimos identificar, pela rede mundial de computadores, a presença de folias em quase todos os estados brasileiros, com exceção do Acre. Constante do último censo populacional geral do Brasil, levantamos os maiores municípios de Goiás chegando às cidades de Goiânia, Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Luziânia, Água Lindas, Valparaíso, Trindade, Formosa e Novo Gama. E, em todos esses municípios pôde-se averiguar a presença de folias, dos mais diversos santos e com as mais particulares formas de rituais, tanto no campo quanto na cidade.

A tradição inventada, mesmo que invariável, consegue se adaptar para alcançar seus adeptos e atender a demandas existentes por um determinado grupo

de pessoas. Entender que tais fenômenos podem e vão interagir com a tradição é compreender o porquê de muitas das clivagens entre urbano e rural presentes nas folias. Gastronomia, logística e ritos são amplamente moldáveis nesse sistema simbólico.

A capital goiana recebe anualmente o Encontro Anual de Folias, promovido pelas associações de companhias de folia em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, momento em que mais de cem grupos de folia se apresentam em um local amplo e mostram suas toadas, ritmos, ritos e devoção, das mais diversas manifestações de um mesmo símbolo ritual.

O evento reúne folias da capital, muitas delas, convidadas, do interior e até de outros estados, como forma de mostrar o fortalecimento das folias enquanto amostra de uma representação de um Brasil rural, que, mesmo citadino, não perde a força da origem de um ritual da roça, que se apresenta como um importante mecanismo de devoção de um povo.

Pode-se ainda afirmar a força dessa tradição nas cidades de Itapuranga, Itapirapuã, Inhumas (Povoado de Inhuminha), Anicuns, Cidade de Goiás, Itaguari, Nova Veneza, Pirenópolis, Quirinópolis e Morrinhos - essa última o intento desta pesquisa, que é provocada pela hipótese de que maneira, e em quais de seus principais elementos, ocorre a sociabilidade moderna das Folias da cidade de Morrinhos, campo e cidade, nas clivagens provocadas pela Modernidade.

## 2. AS FOLIAS DE REIS PELO BRASIL, SUA DIVERSIDADE E DEVOÇÃO: ANÁLISES POSSÍVEIS.

No capítulo anterior vimos como as Folias de Reis, enquanto representação, são enquadradas do ponto de vista de observação teórica. Observá-las em seu estado elementar, no que pese aos conceitos, é implantar um entendimento sobre como elas se mantêm num amplo conceito de Cultura, notadamente na Cultura Popular, e que delas emerge um olhar atento que as faz resistir; mas, bem mais que isso, há uma circularidade cultural que nos ajudará a comprovar que tudo desemboca nas tradições inventadas que emergem do povo, que por ventura são canonizadas na memória daquela coletividade em que estiverem inseridas, fazendo com que a identidade de uma comunidade seja colocada, estabelecida, instaurada e aperfeiçoada.

Compreender as clivagens, campo e cidade, e como funcionam as Folias de Reis na cidade de Morrinhos/GO é analisar as muitas dicotomias existentes nas Ciências Sociais. Podemos dizer que a Antropologia e a Geografia Cultural, nesse momento, são o foco para explicar um fenômeno histórico: o Capitalismo tardio em contraponto à sociabilidade moderna e como essas conversas podem ser importantes às Folias de Reis. Tais discussões conseguirão criar uma ponte entre os levantamentos *in loco* e o cerne desta pesquisa.

As Folias, das mais diversas, e de todos os santos, trazem consigo uma bagagem muito intensa de simbolismos, manifestações e religiosidade. Sua cantoria tem uma finalidade evangelizadora e normatizadora das ações de seus agentes, os *performers*, muitas vezes “poemadas” em trovas. Em um canto ritmado, mais se aproximando de uma lamúria, as folias têm uma apresentação muito intensa: a bandeira, a reza, benzeções, instrumentos musicais, indumentárias dos foliões, a cantoria, os palhaços, a união dos agentes, a gastronomia, as máscaras dos palhaços, são, efetivamente, uma composição muito interessante, do ponto de vista de um observador.

As Folias de Reis (e também de outros santos) conseguem, de alguma forma, traduzir uma afetividade dos seus agentes com a tradição inventada. Tudo faz muito sentido quando a sanfona inicia os acordes para o início da cantoria. A postos, os foliões e devotos começam a observar o canto (que geralmente traz uma série de ordens, por exemplo: *Acendei a Santa Luz, já se encontra os folião e com eles o que*

*a todos conduz*, como forma de ordenamento do Guia para que sejam acendidas as velas do altar).

Os sons muito diversos conseguem concatenar uma série de ritmos que se casam com as vozes, em que o som de instrumentos: viola, violão, cavaquinho, reco-reco, sanfona, pandeiro e caixa e as vozes ganham presença e passam juntos a fazer parte de um rito, em que o ordenamento de toda a tradição inventada é enviesado pela voz do Guia/Capitão da Folia, que, com seus versos, vai dizendo os passos a serem dados por toda a companhia/comitiva. Daquele momento em diante, tudo fica mais solene e ordenado. Os devotos e participantes da folia demonstram seu respeito e, visivelmente, o rito ganha uma forma.

Embora ao longo da vida eu tenha tido contato com as folias, já que grande parte de minha existência transcorreu na zona rural, foi durante o mestrado que comecei a conviver de perto com elas, e da dissertação emergiu a produção do livro, “Devoção e Fé nas Folias em Morrinhos/GO”, em 2020. No doutorado, passei a me envolver muito de perto com as Folias de Reis e de todos os santos na região de Morrinhos (incluindo Macrorregiões: Marcelânia, Rancho Alegre, Espriado/Trevo de Pontalina e Jardim da Luz).

As folias foram nas regiões rurais (Formiga, Bom Jardim da Barra, Contendas, Servânia, Serra, Vertente Rica, Macaco, Lageado, Córrego Fundo, São Domingos, Bom Jardim das Flores, Barreiro, Vera Cruz, Palmito, Paraíso, Sombra da Mata, Tijuqueiro, Samambaia, Mimoso, Buriti do Retiro, Santa Rosa, Chapadão, Almas, Olaria, Mata dos Godoy, Vinagre, Araras, Areia, Cerradão, Mata da Arara e Mata da Uchôa), Rio Quente (Junquerlândia - povoado; uma folia urbana) e Caldas Novas/GO (Bucaina, Tricolândia, Grupinho e duas companhias que giram na cidade), onde resido atualmente.

Nesse intervalo de tempo, foram feitas inúmeras observações, anotações, visitas e contribuições (58 folias nesse período da pesquisa de doutorado), com auxílios pessoais nas cozinhas, gritando sorte (quando o festejo apresenta esse formato), limpando mesas e organizando os ambientes rituais, rezando terços, e participando da coleta de gêneros para a feitura das refeições, como folião, patrão ou festeiro. Como pesquisador, atuo em observações atinando para o problema que gerou essa pesquisa: as clivagens entre o campo e a cidade e as interferências existentes do Capitalismo tardio, ancorado na Sociabilidade Moderna.

Aqui cabe ressaltar que Peirano alerta que “a personalidade do investigador e sua experiência não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico” (2008, p. 3). Reiterando esse pensamento, o professor e pesquisador Carlos Brandão também conclui que o envolvimento do pesquisador é algo muito considerável, e em seu livro “Repensando a Pesquisa Participante” alerta para o fato de que “quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe da sua história” (BRANDÃO, 1984). Foi aqui que a pesquisa me aproximou das participações e observações científicas que, creio, interessaram para os *corpora* dessa intenção.

Diante de tantas pesquisas pode-se ver, pelos Mapas 1 e 2 do levantamento em pesquisa publicada no livro “Devoção e Fé nas Folias em Morrinhos/GO: resistência do Catolicismo Popular”, de 2020, a força dessa tradição inventada que se mantém operante no campo e na cidade, de forma a difundir o que inicialmente propôs o ritual: evangelizar com a cantoria e a presença dos foliões.

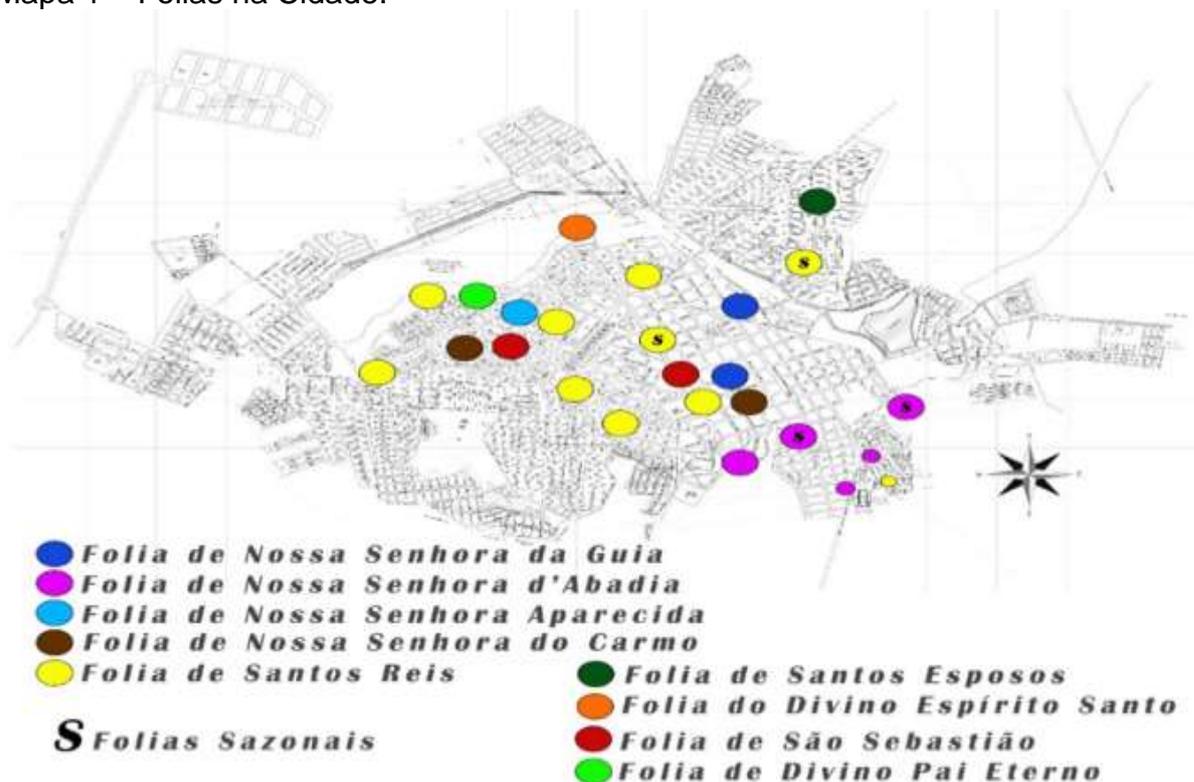
A confirmação de Folias é muito grande. Na tentativa de se igualar aos credos do Catolicismo Institucional<sup>20</sup>, o povo reproduziu a vontade santoral da Igreja Católica nas folias: Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora D’Abadia, Nossa Senhora do Carmo, São Sebastião, São João, e aos teatros fundamentais de Santos Esposos<sup>21</sup>, Divino Espírito Santo, Divino Pai Eterno e Santos Reis.

---

<sup>20</sup> Chamamos de Catolicismo Institucional o gerido pelo Papa, no Vaticano, com sua série burocrática de ritos e formatos.

<sup>21</sup> Uma homenagem de fé a José e Maria, pais de Jesus. O ícone dessa passagem bíblica é Maria grávida, e há nisso uma homenagem ao que se chama de os esposos santos, ou, como nas folias, Santos Esposos, com a festa resguardada no Catecismo Romano e celebrada nas liturgias das missas.

Mapa 1 – Folias na Cidade.



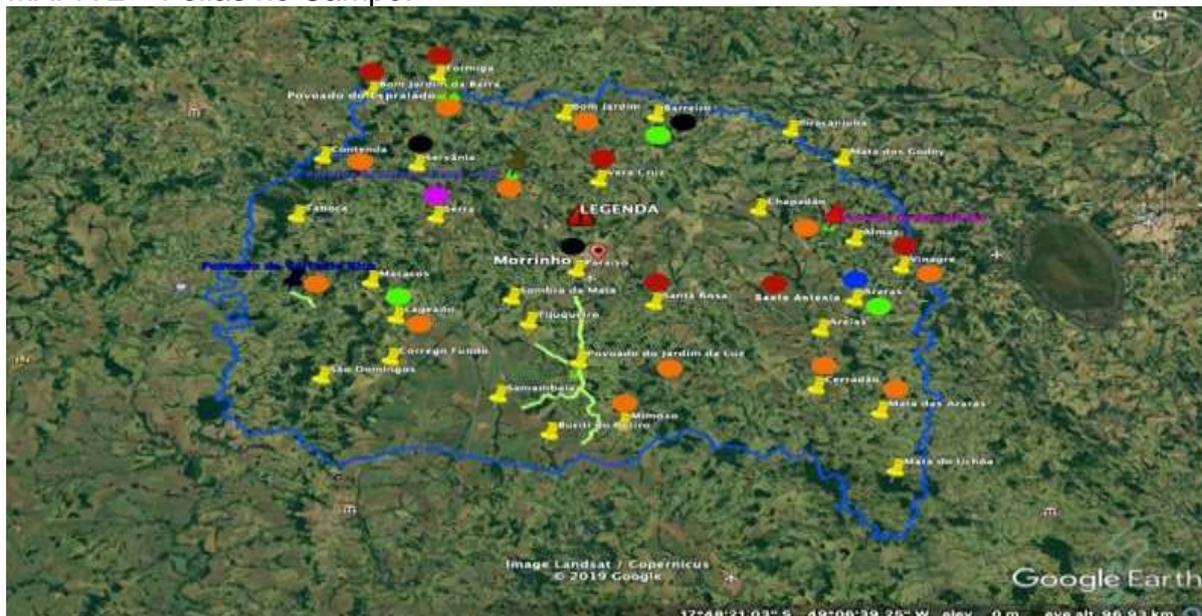
Fonte: Devoção e Fé nas Folias em Morrinhos/GO (2020, p.74)

Fonte: MACHADO (2020)

O número de companhias de folias é muito intenso nas cidades. Mesmo que num rodízio entre foliões e devotos, há que se compreender que se trata de uma festividade com força popular. Com dedicação a muitos santos, as folias surgem como um evento de presentificação do campo na cidade por conta de seus agentes.

No campo, as folias tradicionalmente aglutinam um maior número de adeptos. Mesmo levando-se em consideração a quantidade reduzida de logradouros habitados, locais em que as folias fazem seus giros, é comprovada a força da tradição no campo. O grande número de pessoas mobilizadas para as ações que antecedem as folias, os festejos, a parte gastronômica e o pós-evento chamam a atenção. Folias de Santa Luzia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, Nossa Senhora D'Abadia e Santos Reis são muito comuns, como podemos ver a seguir.

MAPA 2 – Folias no Campo.



- *Folia de Santa Luzia*
- *Folia de Santos Reis*
- *Folia de São Sebastião*
- *Folia Nossa Senhora Aparecida*
- *Folia de São João Batista*
- *Folia de Nossa Senhora D'Abadia*

Fonte: Devoção e Fé nas Folias em Morrinhos/GO (2020, p.70)

Fonte: MACHADO (2020)

As coletas aconteceram nos anos de 2021 a 2023, sendo considerado inclusive o período pandêmico da COVID-19<sup>22</sup>, em que as festas foram paralisadas. Porém, ao realizarmos levantamentos, vimos que Terços em Louvor aos santos dedicados às folias foram realizados de forma virtual. Um terço, por exemplo, contou com a participação de 30 pessoas via Plataforma *Google Meet* e a outra com 15 pessoas via Plataforma *Zoom*, Folias de Reis, da Família Barba e Comunidade do Povoado de

<sup>22</sup>A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família *Coronaviridae* e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2.

Marcelânia, respectivamente. Uma Folia de Nossa Senhora da Guia foi realizada em junho de 2021 e teve sua saída e chegada feita em único dia. Sobretudo em relação à comida, a tradição teve que ser levemente alterada em vista da pandemia. Diferentemente do que é característico dessa festa, em que o momento da alimentação é um dos pontos altos pela aproximação pessoal que promove, no período de pandemia a comida foi servida aos convidados em sistema de *delivery* adaptado: as pessoas passavam por uma mesa, pegavam suas refeições e se alimentavam em outro lugar, que não o da realização da reza do terço.

Mas, em dezembro de 2021, aconteceu a primeira Festa de Folia, com saída, giro de três dias e chegada, no período após a pandemia, com número de pessoas bem reduzido, até que, em 2022, as folias em Morrinhos/GO, a partir de abril, retornaram por completo suas atividades. Num primeiro momento, com medidas sanitárias bem rígidas, máscaras e até marmitex foram servidas como forma de diminuir o contato direto entre os indivíduos.

Pôde-se perceber que as pessoas, num primeiro momento de retorno, apresentaram comportamentos distintos: na cidade, ao retornarem as folias, foram mais expansivos e afetivos, no campo, de forma mais modesta, as festas foram ficando, mais lentamente, com o formato das realizadas na cidade.

Com a necessidade de documentar as pesquisas de campo, faz-se necessário mostrar (Quadro 2) que, durante a pesquisa de doutorado, foram levantadas as participações nas seguintes folias, guardando também a função exercida por esse pesquisador.

Quadro 2 – Participação nas festas de folias de 2021 a 2023.

FOLIA/SANTO	QUANTIDADE	ANO De junho a novembro de 2021	TIPO DE PARTICIPAÇÃO PANDEMIA COVID-19
Santos Reis	2	2021 (Dezembro)	Como serviçal (cozinha e Festeiro)
Outros Santos	2	2021 (de Outubro a Dezembro)	Doador
Santos Reis	13	2022	Doador
Santos Reis	14	2022	Cozinheiro Chefe, Folião Patrão e Decoração
Outros Santos	10	2022	Cozinheiro Chefe (1), Festeiro (1) e Doador (São Sebastião (1), Santos

			Esposos (1), São João Batista (1), Nossa Senhora D'Abadia (1), Nossa Senhora do Carmo (2), Santa Luzia (1), Nossa Senhora da Guia (1) e Santos Esposos (1)
Santos Reis	9	2023	Cozinheiro Chefe (8), Folião Patrão (1) e Decoração (2)
Outros Santos	8	2023	Cozinheiro Chefe (1- São João Batista), e Doador (4 São Sebastião e 2 Nossa Senhora do Carmo)
<b>TOTAL</b>	<b>58 FOLIAS</b>		29 como doador* 29 como serviçal** *Contribuinte com recursos financeiros e ou com gêneros e animais para as refeições; ** Atua nas diversas tarefas das festividades: cozinha, decoração, limpeza e outras atividades que surgirem para a realização da festividade.

Fonte: MACHADO (2023).

No ano de 2022, com a vacinação de duas doses contra a COVID-19, com a população imunizada, as festas voltaram com muita força, e foi possível identificar muitos dados para que esta pesquisa fosse responsável e robusta de informações. Em 2023, no período da Epifania do Senhor, período de 26 de dezembro a 06 de janeiro, em que coletei mais dados e informações, tanto no campo quanto na cidade, pôde ser observado que as folias apresentam uma sazonalidade muito intensa, por ter que se ajustar a questões climáticas, inclusive: dezembro e janeiro são períodos de chuva, o que torna mais cara a estruturação para a realização de uma folia. Muitas das coletas aconteceram em maio, junho e julho (tanto de 2022 quanto de 2023). São necessárias mais tendas ou construções de barracas, o que onera ainda mais o gasto com a Folia. É importante pensar nas Folias de Reis como sendo os cortejos evangelizadores de 26 de dezembro a 06 de janeiro, dia dedicado à comemoração da memória de Santos Reis, no calendário católico, mas que acontecem, em Morrinhos/Go durante todo o ano.

### 2.1: Diversidade de olhares das/nas Folias pelo Brasil

As folias têm sua origem sob muitos olhares, perspectivas e/ou complexidades regionais. Entender uma tradição inventada de uma forma elementar do Catolicismo

Popular é precisamente habitar numa compreensão de como se encorpam, se inserem, como se sustentam e até mesmo como resistem tais representações.

Como a maioria das tradições inventadas, torna-se muito difícil precisar o início das Folias de Reis. No formato que se apresentam, as folias em Morrinhos/GO ainda hoje se aproximam de uma movimentação que se parece com a tradição inventada do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, pelo estilo do ritual, símbolos e ação de seus agentes - Rio de Janeiro e Minas Gerais com festividades com menor número de adeptos, com uma cantoria diferente, demandada inclusive por questões das variantes linguísticas do lugar. Há outros rituais inseridos, por exemplo, "malham o Judas" é feito durante o giro, antes da festa. Geralmente os palhaços batem e queimam um boneco de palha vestido com roupas e chapéu. Todas representações locais e muito regionalizadas, entendemos.

Para compreender que essas são formas de um Catolicismo Popular é importante frisar que o mesmo surgiu como uma válvula propulsora do povo em sua alternativa de se aproximar de um Deus que lhes fizesse sentido, lhes fosse próximo e com um rosto mais festivo, alegre, próximo. Cristián Parker (1996, p.152-153) assevera que há nessa forma de religiosidade "devoções predominantemente afetivas, para quem o valor do ícone é o símbolo concreto de uma realidade mediadora para o transcendente", ou seja, temos um conjunto de sentido muito forte: das classes sociais periféricas aos centros urbanos surge uma forma elementar da tradição inventada das folias.

Assim, instalada numa variante do Catolicismo, procuraremos compreender que essa concepção é carregada de sentido. Seus agentes produtores experimentam o que Brandão (1986, p.298) afirma ser "a religião popular como sendo a parte subalterna de um trabalho simbólico e político no setor religioso." Com isso, podemos afirmar que as folias são um fazer erguido das camadas subalternas, a valer que vamos além disso quando dizemos que, pela falta de proximidade dos centros urbanos, as folias são conduzidas por subalternos, homens e mulheres do campo que, por sua localização geográfica, criaram uma possibilidade simbólica com seus mecanismos políticos de sua tradição inventada nas folias.

Antes disso, é importante perceber que estão inseridas nesta tradição inventada algumas informações em seu contexto geral, todo o aporte do ícone, porém

a noção dos artífices ganha espaço que, em sua teatralidade, promove e dá movimento à tradição. Citamos, por exemplo, sua organização e gestão.

A noção de severidade se relaciona à hierarquia, em que o Capitão da Folia<sup>23</sup> (que muitas vezes acumula a função de Guia da Folia<sup>24</sup>) exerce a função de uma espécie de “coordenador”, ficando com ele, juntamente com o Chefe ou Folião-patrão (pessoa responsável pela saída da Folia) daquele ano, a responsabilidade por ajustar os pousos e almoços, alimentação para a companhia, composição do grupo de Instrumentistas/Tocadores e Cantadores da Folia, bem como a tutela de gerenciar as ações do grupo, frente aos aspectos ritualísticos.

Geralmente, nas folias, há a figura do alferes, ou, como dizem nas folias em Morrinhos/GO, o *alfer*, que atua como o guardião da bandeira. É dele a responsabilidade de verificar que durante o giro da folia, a bandeira não faça cruz, ou seja, tenha sua peregrinação em uma encruzilhada por caminhos já passados. O alferes da bandeira, muitas vezes, é ocupado pelo Folião-patrão, visto na Figura 1.

Figura 1 – Foliões Patrões segurando a bandeira de Santos Reis durante o giro.



Fonte: MACHADO (2022)

Apresenta-se na Figura 2 o palhaço ou boneco, complexa tarefa no rito. Com sua indumentária colorida e com máscaras chamativas ao horror, os palhaços têm a

<sup>23</sup> É o Capitão da Folia o gestor de toda a Folia. Arregimentar os foliões, organizar o giro junto ao folião-patrão são suas atribuições.

<sup>24</sup> Em algumas folias é chamado de Embaixador ou Puxador. É dele a responsabilidade da cantoria, ele quem inicia os versos e que de fato ordena os versos da Folia.

tarefa de organização do ritual de canto, a postura dos foliões, a ordem ritual dos ambientes rituais das casas em que as folias chegam para executar sua função. É importante que se deixe frisado o palhaço como o articulador da alegria nas folias: sua chula, brincadeiras, distribuição de balas, e, em muitos lugares, amedrontando as crianças por onde passam as folias.

Figura 2 – Máscara e Indumentária do Palhaço.



Fonte: MACHADO (2022)

O Rezador de Terço/Benzedor, Figura 3, com o terço nas mãos, é o puxador do terço, comprovado no Vídeo 01 (pelo QR-Code), que também é uma figura que está na companhia de folia. Dentro desse conjunto humano simbólico, é preciso que se destaquem os objetos rituais, como as máscaras/indumentárias dos palhaços, toalhas dos foliões, bandeira, cravos/divisas, fitas e flores dos instrumentos, rosários, e os instrumentos: violas, violões, caixa, pandeiros, sanfona/ acordeon.

Figura 3 – Guia de Folia na Reza do Terço; QR-Code para acesso ao Vídeo 1.



Fonte: MACHADO (2022)

As folias compõem uma perspectiva muito honesta de um povo distante de uma forma institucionalizada de Catolicismo - um povo da roça cuja centelha interior valorizava a “curandeiria” como forma de um não-morrer, com um formato seu de fé para não ficar pagão (sem credo religioso), da benzeção para curar os males dos espíritos que rondavam: “para coisa feita a benzeção dava jeito”, cobreiro, vento virado, “zipela” (leia-se erisipela), esgotamento de sangue do corpo, ofensa de cobra, feitiço feito.

Nessa enormidade de fazeres da cultura de fé popular é que surgem as folias. As de Reis, as de “Santo Reis”, primeiramente, em Morrinhos/GO, acontecem numa época de estafa do homem do campo, em que a alegria da movimentação para a festividade se realiza como um presente social, se é que podemos dizer isso.

Há muitos nomes para tal tradição ao redor do mundo: Terno de Reis, Reisado, Companhias de Reis. Sua origem muito incerta poderia também remontar a uma tradição ibérica e muito próxima pelo rito fundante: meninas-moças percorriam as casas pedindo esmolas para ações assistenciais.

Consoante a essas asserções, precisamos olhar pela linha do tempo e compreender que a tradição italiana na *Festa Della Befana*, a tradição espanhola do *Roscón de Reyes*, na francesa de *Galette des Rois*, Janeiras, Companhias de Reis, Reisados e Terno de Santos Reis portugueses, Caravana de São Francisco de Assis foram outras formas fundantes próximas desse mesmo ritual.

No Brasil, muitas das tradições inventadas vêm da prática popular, conforme afirmamos. A santa com pintura retinta achada no fundo do Rio Paraíba, foi encontrada por pescadores. Cultuada por sua comunidade, só muitos anos depois foi reconhecida pela Igreja institucional. Um sem fim de milagres atribuídos à santa aparecida no fundo do rio despertou a curiosidade dos líderes da igreja, que logo tomaram para si a gestão de visitação à imagem, construção do templo e recepção da pecúnia dada em ação de graças a uma bênção recebida. Nossa Senhora Aparecida foi aclamada a Padroeira do Brasil por uma força de tradição popular, tendo a institucionalização ocorrido em momento posterior.

Relatos do impacto de práticas populares, como a citada anteriormente e que resultou no reconhecimento e aclamação da que hoje é a Padroeira do Brasil podem ser localizadas em fontes diversas. Auguste de Saint-Hilaire, expedicionário e desbravador francês, também documenta o impacto que lhe causou um encontro que teve com uma folia do Divino Espírito Santo, em 1819. No seu diário de viagens ele aparecem suas impressões:

Encontrei, na mata, um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte; outro, um violão e, um terceiro, um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado de que se tratava de uma folia (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96).

O registro do expedicionário francês é relevante, pois amplia nosso conhecimento a respeito da ocorrência, entre nós, dessa prática popular. Sabe-se que desde o século XIX, as folias são manifestações que valorizam a visita dos foliões nos lares, o que era feito a cavalo. No entanto, o estranhamento que ele manifesta em seus registros gera uma certa curiosidade, uma vez que se trata de um francês e essa prática era muito difundida no seu país, inclusive na região de *Orléans*, pelo nome de *Galette des Rois*, ou Bolo de Reis.

Assim, compreende-se que as várias formas e tipos de manifestação que permeiam uma sociedade são importantes. E, nesse intento, esta pesquisa de campo

demonstrou isso, uma vez que buscou entender como foram construídas a coletânea das folias.

Nesse contexto, não se pode deixar de apontar a alta relevância das contribuições do brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1954), um dos mais respeitados pesquisadores sobre a etnografia no Brasil. Nascido em Natal, Rio Grande do Norte, Cascudo relata, de uma forma muito complexa, suas incursões e experiências. O pesquisador deixou um grande legado para a cultura popular brasileira, ao escrever o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, reconhecido mundialmente.

Além disso, criou a Sociedade Brasileira de Folclore dedicada à proteção e discussão da temática no país. Sua obra deu um norte aos estudos quanto ao trato das folias no contexto necessário, e a mais importante vem ao encontro do que se propõe com esta pesquisa; as Folias de Reis não devem ser tratadas somente como folia-arte, segundo CASCUDO (1954), mas numa totalidade de jogo complexo e simbólico a que pertence, apresentando as muitas formas que podem e devem ser observadas: a performática, a devocional, a simbólica, a teatral, a de manifestação, a da geografia cultural e assim por diante.

Em Ferreira (1994) há toda uma construção sobre o aspecto devocional das folias e as possibilidades intrigantes de seu surgimento. O autor traz uma informação relevante sobre outra possibilidade da origem dos Reis Magos, os quais, segundo Tertuliano, vieram da Arábia Feliz, enquanto os doutores da Igreja (de acordo com Ferreira) supõem que são da Pérsia. A discussão sobre a origem dos magos se inicia na tradição inventada das folias apontada por Giovanni Papini, e confirma a ideia de que os magos vieram da Pérsia, esclarecendo que eles, não os reis, mas os senhores dos reis, guiavam os governadores do povo.

Eram os sacrificadores, os intérpretes dos sonhos, os adivinhos, os ministros, os únicos intermediários entre o povo e a *Ahura Mazda* (o Deus Bom) Assim, pode-se afirmar que inúmeras são as hipóteses sobre quem realmente eram os Reis Magos, santos que compõem a linha santoral de devoção nessa tradição, bem como o são nas Congadas, cujos santos São Benedito ou Nossa Senhora D'Abadia são santos dos pretos, no imaginário coletivo de um Brasil Colonial.

Com Antônio (1953) e Trindade (1954) pôde-se extrair uma ideia das Folias de Reis mais voltadas para as questões simbólicas. Os autores dão preferência aos rituais e todos os seus símbolos reduzidos a uma questão meramente estética, em

que não há o apego popular na conservação da tradição, mas sim um entendimento de que tal mecanismo é uma forma de imposição e que as pessoas o seguem, sem apego e criticidade.

Respeitamos, mas confrontamos tal fato, por haver bastantes elementos que podem comprovar o contrário, uma vez que os participantes são voluntários a estarem nessa tradição inventada e a mantê-la, mesmo a despeito das imposições causadas, em certos casos, pela modernidade: empregabilidade, mecanização da mão-de-obra no campo, por exemplo, fazem com que as Folias sofram algumas dificuldades para manutenção da tradição inventada.

Castro e Couto (1959) documentam, de forma ampla, todo o complexo jogo das Folias de Reis - seus agentes, intérpretes de tradição, *performers* e rituais. As autoras trazem o tema da 'migração das folias' da Capital da República, então Rio de Janeiro, em sua região rural, para as cidades, com maior efervescência em Duque de Caxias e Nova Iguaçu. O Distrito Federal à época sofria célere mudança nas relações campo e cidade, estabelecendo para si a relação importante entre campo e identidade, temas que começavam a ocupar espaço nas cidades. É muito salutar que se diga que Castro e Couto (*op.cit.*) evidenciam uma série de símbolos das folias, possíveis origens de forma didática. Com os termos muitas vezes explicados, o texto passa por um crivo importante que, julgamos, acende o debate que essa pesquisa empreende promover: demonstrar campo e cidade nas folias e suas clivagens.

Relevantes para essa pesquisa foram as ideias de Vigilato (2012) que, ao buscar ainda mais por possibilidade que diálogo, trouxe a perspectiva de mostrar narrativas extremamente convincentes sobre a origem das folias, os Reis Magos, os símbolos, os lugares rituais, a ritualística da festividade, conceitos sobre o fazer das folias, seu giro e agentes. Tais informações apresentadas vêm com o método que atesta suas narrativas, o que serve para uma consulta mais detalhada sobre o tema. De forma muito simples e clara, o texto fala minuciosamente sobre cada detalhe, como a origem da tradição inventada das folias, símbolos, rituais, envolvimento das pessoas na festividade e o papel que cada um assume e sua devoção. Para o autor (*op. cit.*, p.212), "A folia foi usada como uma modalidade de catequese, pelos padres jesuítas, da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio Loyola de Brandão, em 1534", quando da chegada dos portugueses ao Brasil, pouco tempo depois, no século XVI. O mais usual foi o símbolo, ou ícone, mais importante das folias à época: Três Reis

Santos (Santos Reis) e a Sagrada Família, o que reforça a presença do Cristianismo, de uma igreja santoral, que promove a catequização dos indígenas, numa espécie de troca simbólica: o politeísmo que fazia muito sentido, mesmo compreendendo a dificuldade no que aqui simplificamos.

Castro & Couto (1977) documentam, de forma explicativa, cada passo da folia, nomeando seus agentes e indicando como eles têm função na tradição: alferes, palhaço, guia, tocadores. Isso no Estado do Rio de Janeiro, local em que a tradição inventada tem muita força, e que as festividades se estendem de 24 de dezembro até após 06 de janeiro, em muitas cidades indo até próximo de 20 de janeiro, data em que a igreja celebra São Sebastião, padroeiro do Estado.

Ainda sobre o estudo das folias no estado do Rio de Janeiro, situando-se entre a tradição inventada e a modernidade, Amaral (2021) traz uma série de tratativas que explicam a manutenção da tradição, mesmo com tantas dificuldades quanto às movências existentes na modernidade, inclusive trazendo as Folias de Reis do Estado do Rio de Janeiro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, feito outorgado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

Numa perspectiva mais recente, Pessoa (2005) mostra a versão de um pesquisador-folião que se distancia de seu objeto para falar com propriedade de suas percepções e vivências, com gestos de ensinar (professor que é) e aprender com a cultura popular. Nesse sentido, contribui para uma série de reflexões que enriquecem a tomada de posições, inclusive teóricas, desta pesquisa.

Valiosas contribuições para esta pesquisa vêm também de Porto (1982), vencedor do Prêmio Silvio Romero 1977, concedido pelo Governo Federal. O autor traz um estudo conceitual, abrangente e rico, apresentando ao leitor, inclusive, versos, transcrição de notação musical em partituras. Esse tipo de folia tem uma proximidade significativa com as folias de Goiás: estrutura simbólica do giro da Folia, cantoria, gastronomia e atuação, por exemplo. Palhaços, Guias e foliões no mesmo processo da tradição inventada.

Por seu turno, Bonesso (2006) traz amostras bastante significativas de alguns lugares-rituais, como Água Suja, de peregrinação, e o faz realçando a influência dos grupos de folia num contexto de um Brasil rural, com crenças e atitudes de festas

rurais. Os jogos simbólicos trazidos pelo autor são importantes, apesar de não dialogarem diretamente com o que se busca nesta tese.

Já Costa (2010) apresenta algo que se aproxima do que se necessita neste estudo. Em seu texto, fica clara a ideia de identidade e as concepções que as folias criam nos locais em que se apresentam. Num estado rico de folias, como o das Minas Gerais, o texto é complexo, mas traz a indumentária simbólica que permeia as folias estado afora.

Não se pode deixar de mencionar as contribuições de Brandão (1977) que, num estudo sobre cultura, educação popular, campo religioso, religião e educação, dá um relevante impulso para as pesquisas de Ciências Sociais, Educação e Antropologia quando traz a Folia de Reis de Mossâmedes e todos os elementos que a compõem: a tradição inventada com fotografias, cantos, versos, modelo e ritualística, numa abordagem que nos parece contribuir com a perspectiva que abordamos nesta pesquisa no momento da história, como se davam os símbolos e rituais das Folias, elementos que permanecem, a exemplo das teorias aqui apresentadas, invariáveis.

Em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Goiás a tradição inventada leva o nome de Folias de Reis, com os mesmos símbolos e rituais, como pudemos identificar na bibliografia citada, e em canais visuais que retratam tais tradições, bem como em perfis em redes sociais cuja temática é a mesma.

Estados do Norte e Nordeste ainda conservam o nome de Reisados, Ternos de Reis ou Terno de Reis, porém com o mesmo apego santoral, tradição inventada de peregrinação para evangelização através de performances teatrais que reproduzem a visita ao Menino Jesus. Independentemente do estado brasileiro, consegue-se ver a presença dessa tradição inventada nos mais diversos estados do Brasil, com uma força memorial reforçando a tradição inventada, perpetuada de modo a que se faça compreendida na memória coletiva, transformando-se em uma identidade de lugares, com seus ritos, costumes, adequações, adaptações e reelaborações.

## **2.2: Lugares rituais - Performances e clivagens no urbano e no rural**

O etnólogo suíço Erland Nordenskiöld conseguiu compreender a grandeza da força de um lugar, material ou imaterial, e sua composição para o entendimento do

imaginário coletivo a que se propõe ser lugares rituais. Os espaços passam a ter um pertencimento de ambiente e suas contribuições começam a modificar toda uma dinâmica presente.

Os processos criativos de cada lugar transformam suas práticas na vivência do cotidiano. Assim, os lugares que recebem determinado ritual, seja uma festa, seja uma tradição inventada, passam naquele momento a ser um lugar ritual. O sagrado é simbolizado pelo lugar, pela performance estabelecida, inclusive pela liturgia das ações contidas na tradição da celebração da missa.

Os ambientes passam a ser lugares rituais, por exemplo, quando um clube de festas 'profanas' na cidade é locado para uma festa religiosa, ele passa, naquele momento, a pertencer a um espaço ritual. Há nesse momento uma clivagem entre o urbano e o rural. Por mais que o ambiente seja preparado de forma respeitosa, há esse aspecto que precisa ser observado.

Nas pesquisas de campo, não foram observados determinados cuidados com a preparação do lugar ritual na cidade, por exemplo. Os bares estão, muitas vezes, ao lado dos altares em que são rezados os terços, causando alguns transtornos para os rezadores e devotos que não conseguem, muitas vezes, manter a concentração necessária que requer o ritual.

No campo, os lugares rituais são extremamente demarcados: a cachaça ou o vinho são colocados debaixo da mesa de refeições e só são servidos após a reza do terço. A construção da torda (uma espécie de barracão de folhas trançadas, o que torna a indumentária impermeável) é preparada após a oração para São Jerônimo e Santa Bárbara, santos protetores dos raios, chuvas e tempestades. Há todo um ritual para a transformação do ambiente em lugar ritual.

Figura 4 – Transformação do espaço em ambiente ritual.



Fonte: MACHADO (2022)

Assim, ao trazer a perspectiva do lugar ritual, é importante que se tenha a consciência de que nos jogos teatrais que se estabelecem na sociedade a preparação dos espaços rituais é como o citado pelo etnólogo, há algo marcante, em que tal tradição inventada será ajuizada pela coletividade, entre antes de tal festa e depois dela, com seu lugar ritual, que poderá ser estabelecido nos anos seguintes.

Geralmente as comunidades rurais criam mutirões e constroem galpões para receber suas festas tradicionais. Nesse caso, o lugar ritual passa a ser canonizado, como numa igreja. O povo estabelece um local para suas atividades. Os ritos e lugares rituais se pretendem por ser, inclusive, uma discussão entre sagrado e profano. Por exemplo, o visitante de um lugar ritual da folia deve obedecer aos limites dos ambientes que lidam com a ritualística da tradição.

A ornamentação, cada vez mais concorrida para adornar os ambientes, nos pareceu ser uma espécie de competição provocativa do Capitalismo tardio, em que a essência popular sofre determinadas interferências. Isso fica claro quando observamos um altar de uma Folia de Reis do campo e outra da cidade revelados nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Altar de uma folia na Cidade



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Figura 6 – Altar de uma Folia no Campo



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Ao analisar as duas preparações do ambiente ritual, pôde-se observar que a elaboração do altar montado na cidade (Figura 5) é composto por uma espécie de balandrau feito com serviço gráfico, cujos dizeres agradecem a graça alcançada. Utilizam-se como ornamentos velas amparadas por castiçais e flores em vasos decorativos do tipo *cachepot*, forrados com uma renda de crochê. Enquanto ambiente ritual (Figura 6), há no fundo folhas de guariroba para demarcar o altar, flores do campo penduradas nas folhas e em copos com água sob o altar, santos da devoção popular (pudemos identificar Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora do Carmo, esta última, padroeira de Morrinhos) e um símbolo importante a Sagrada Família no presépio, pois é a eles que a bandeira de Santos Reis faz sua peregrinação para encontrar. As velas são colocadas sob copos do tipo americano. Tais clivagens conseguem demonstrar como as questões que envolvem o capitalismo tardio interagem com o ritual e, de forma muito evidente, a cidade muda para atender a um público com maiores exigências estéticas, por exemplo.

Ainda, ao tratar dos ambientes rituais, falamos dos locais de realização geral das festividades. O lugar, via de regra, deve ser amplo para agregar o maior número

possível de pessoas, bem acomodadas, e tanto no campo quanto na cidade há essa preocupação, uma vez que a afetividade de recepcionar bem é uma constante nas folias - isso do ponto de vista técnico. Do ponto de vista teórico, lugar para Certeau é “[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade” (1998, p. 201) em que a interação das pessoas fará uma mudança de cenário.

O lugar, para Certeau, é “regra, doutrinação, poder, objetiva a disciplina e faz parte do domínio do estratégico. Lugar indica uma posição de estabilidade, uma configuração de posições e ‘... é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (1994, p. 201). Os lugares vão sendo modificados por conta das relações existentes. Neles, há uma relação estratégica: na mesa reservada aos foliões, por exemplo, o povo (entenda-se convidados e participantes das folias) não pode se servir. Aquele espaço faz-se lugar, uma espécie de “campo santo” para que o ritual aconteça.

Espaços específicos para serem servidas refeições tornam-se lugar, com regras e doutrina próprias, e é importante frisar que a mesa em que os foliões se alimentam deve ser diferente das dos convidados. A mesa dos foliões tem um ritual de benzeção/benção dos alimentos. Fatos que pudemos observar nas folias foram as preparações dos locais enquanto ambientes comuns do ritual, representado na Figura 7.

Figura 7 – Vista Geral do ambiente preparado para receber a Folia na cidade.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Na cidade, há empresas especializadas em decoração e que já possuem um tipo de trabalho voltado para as festas de folia. Os festeiros na cidade, muitas vezes para baratear os custos dos festejos, elaboram sua decoração.

Já no campo são feitos mutirões, e as flores, geralmente feitas em papel (Figura 8), são colocadas com galhos de plantas que ornamentam o ambiente. Há um processo de simplificação nos dois lados, e, em ambos, o capitalismo tardio<sup>25</sup> consegue ser evidenciado com todas as suas interferências: uso de materiais industrializados e uso de materiais naturais e feitos a mão, por exemplo. Os ambientes passam a sofrer implicações em sua decoração, por exemplo, provocados que são pelo movimento histórico do capitalismo tardio que interfere nos rituais. É necessário frisar que a sociedade é dinâmica: suas mudanças acontecem por diversos mecanismos, que compreendemos como como funcionais para as folias, e o que traz como explicação de que o capitalismo tardio, esse em que a necessidade de modernização, passa a ditar ações de toda uma sociedade, nos faz sentido ao aplicar nas folias.

Novais e Mello questionaram (1998, p. 574) “como era a estrutura social do campo [...]? No cume, situava-se a oligarquia de latifundiários, que controlavam a propriedade da terra. [...] Abaixo deles, vêm todos os que já empregavam trabalho assalariado [...] e depois o trabalhador”, fato que fazia com que, nos anos 1950, 8 milhões de pessoas (cerca de 24% da população rural do Brasil em 1950), nos anos 60, cerca de 36% da população rural, e 1970, cerca de 40%, buscassem a cidade como forma de melhoria de suas condições de vida.

Esse êxodo deve ser avaliado como a identidade de pessoas do campo permeando o espaço da cidade, que, para não ser esmagado, do ponto de vista cultural, precisou reelaborar suas ações para que tivesse suas atividades resguardadas.

---

<sup>25</sup> Entre outros aspectos, esse novo período caracterizou-se pelo fato de que, paralelamente aos bens de consumo industriais feitos por máquinas (surgidos no início do século XIX) e das máquinas de fabricação mecânica (surgidas em meados do século XIX), deparamo-nos agora com matérias-primas e gêneros alimentícios produzidos por máquinas. Longe de corresponder a uma 'sociedade pós-industrial', o capitalismo tardio aparece assim como o período em que, pela primeira vez, todos os ramos da Cristiane Maria Marinho economia se encontram plenamente industrializados; ao que ainda seria possível acrescentar a mecanização crescente da esfera da circulação (excetuados os serviços de simples conserto) e a mecanização crescente da superestrutura. (MANDEL, 1985, p. 134).

Figura 8 – Flores usadas para a ornamentação dos ambientes da folia no campo.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Ao observar os preparativos para a realização das representações das Falias, rezas e demais rituais, frequentemente pode ser observado que, na cidade, há algumas dificuldades quanto aos espaços para serem realizadas as festas. Os salões paroquiais em Morrinhos/GO são muito utilizados com essa finalidade: o Salão da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, da Paróquia Cristo Redentor, da diaconia de São José Operário, da diaconia de São Paulo Apóstolo e da diaconia de Santos Esposos.

Campo e cidade recebem a deferência para que possamos fazer algumas reflexões. Williams mostra que “as atitudes inglesas para com esses dois lugares permaneceram praticamente as mesmas” (2011d, p. 12-13), isso se referindo à invariabilidade dos fatos no campo e na cidade. Um passa a ser compreendido como extensão do outro. Mas, nesse instante, é necessário também que nos amparemos no que o próprio Williams acentua:

A cada momento histórico é necessário confrontar essas ideias com as realidades históricas, que por vezes as confirmam, outras vezes as negam. Contudo, precisamos também, ao ver o processo como um todo, confrontar as realidades históricas com as ideias, pois há ocasiões em que estas exprimem [...] interesses e objetivos humanos a que não temos como nos referir de outro modo. O problema não é apenas a dificuldade ou impossibilidade de encontrar termos mais específicos; a questão é que no campo e na cidade, fisicamente presentes e substanciais, a experiência encontra um material que corporifica os pensamentos (2011d, p. 475).

Tão logo concebemos tais conceitos, começamos a atentar para o fato de que a realidade em que vivem as folias na atualidade são um ajuste com a realidade histórica que vivemos também. Por mais que tratemos da invariável ação dos rituais da cultura popular, o fator histórico aqui evidenciado precisou ser reelaborado, seja por questões que envolvem o capitalismo, como já citamos, seja por ações do formato de sociedade atual.

Ao afirmar, por exemplo, que

Se o que se via na cidade não podia ser aprovado, por tornar evidente a sordidez das relações decisivas que regiam a vida das pessoas, o remédio não era jamais a moralidade da vida simples e dos pensamentos nobres trazida por um visitante, nem uma conversa vazia sobre campos verdejantes. Era uma mudança das relações sociais e da moralidade essencial. E era precisamente nesse ponto que a ficção “cidade e campo” era útil: para promover comparações superficiais e evitar comparações reais (WILLIAMS, 2011d, p. 94).

As comparações entre campo e cidade eram ficcionais, e se transformaram em fortes atitudes ao longo do tempo. Como o campo se desenvolveu sendo vista como um lugar de formas de vida simples, com características adicionais como simplicidade e inocência, a “cidade foi associada a ideias de realização, informação, comunicação, etc. associado a adjetivos negativos como barulho, benefícios, secularidade” (WILLIAMS, 2011d, p. 11).

Todos esses estranhamentos e entendimentos fazem com que esse conceito de cultura<sup>26</sup> seja para nós válido do ponto de vista conceitual de Williams, uma vez

---

<sup>26</sup> Aparentemente, a área de uma cultura é antes proporcional à área de uma língua do que ao âmbito de uma classe. Certo é poder a classe dominante controlar, em grande escala, a transmissão e a distribuição da herança comum; esse controle – onde existe – deve ser assinalado como um fato a anotar acerca daquela classe. Certo é, também, que uma tradição opera sempre seletivamente e que haverá sempre a tendência de relacionar e mesmo de subordinar esse processo de seleção aos interesses da classe dominante. Esses fatores tornam cabível admitir-se que haverá transformações

que ele consegue distinguir classe dominante de classe dominada, e, com isso, falar de uma herança comum de ambas: a sociedade moderna que é uma miscigenação de fatos. Assim, não se pode deixar de compreender que a “ideia de cultura se apoia numa metáfora: o velar pelo crescimento natural. E é sem dúvida no crescimento, como fato e metáfora, que se deve colocar a ênfase final. Em nenhuma outra área é maior a necessidade de reinterpretação” (Williams, 1969, p.343). É preciso falar de uma cultura genuinamente comum<sup>27</sup> na sociedade moderna.

Essa legitimidade de receber as folias, a preparação de espaço, a transformação do lugar e a concepção dos ambientes rituais são intrigantes. Os salões de festas do Lions Club de Morrinhos e clubes recreativos servem de espaço para a realização das festividades. Em todos os espaços, há a cobrança de aluguel para seu uso, o que contingencia ainda mais o número de adeptos interessados em realizar essas festividades na cidade, uma realidade para a sociedade atual.

A construção de um barracão (ou torda) é comum no campo (Figura 9), e são feitos mutirões para tal feito. Muitas vezes, as propriedades possuem casas pequenas, o que obriga, de certa forma, os festeiros a fazer em pastagens próximas das casas toda a estrutura para a recepção dos foliões e convidados.

---

qualitativas na cultura tradicional quando houver mudança de classe no poder, antes mesmo que a nova classe ascendente traga sua contribuição. Pontos como esses devem ser acentuados, mas a acentuação particular que se dá à cultura existente qualificando-a como burguesa é, sob muitos aspectos, enganadora. Homens que falam a mesma língua partilham a herança de uma tradição literária e intelectual que é constantemente reexaminada, a cada flutuação da experiência. Não passa de loucura manufaturar-se uma artificial “cultura da classe trabalhadora” oposta a essa tradição comum. Uma sociedade em que a classe trabalhadora se tornasse dominante, produziria, é claro, novos valores e formas. Mas o processo seria extremamente complexo, considerada a complexidade da herança, e de nada valeria esconder esta complexidade atrás de diagramas simplificadores (Williams, 1969: 330).

<sup>27</sup> Qualquer civilização hoje imaginável depende de ampla variedade de capacidades altamente especializadas, que acarretarão, em partes definidas da cultura, inevitável fragmentação da experiência. A atribuição de privilégios a certos tipos de capacitação profissional vem constituindo procedimento tradicional e será difícil mudar esse hábito até o ponto que se faz necessário, para se assegurar uma substancial igualdade de condições, indispensável ao sentimento de comunidade. Em nossos dias, uma cultura comum não se confundirá com a da sociedade simples e homogênea dos velhos sonhos. Será a de uma organização complexa, a exigir contínuo ajustamento e revisão. Em tão difícil organização, o único elemento capaz de lhe assegurar estabilidade, que se pode conceber, é o sentimento de solidariedade. Mas, para fazê-lo operar, será necessário que estejamos constantemente a redefini-lo. Além da dificuldade intrínseca de descobrir a motivação para esse sentimento de solidariedade, serão muitas as tentativas de retorno aos velhos sentimentos, a serviço de qualquer novo desenvolvimento seccional. O que desejo aqui acentuar é que essa primeira dificuldade – a compatibilidade de uma especialização crescente com uma cultura genuinamente comum – só se resolverá num contexto de comunidade das condições materiais da sociedade e através do processo democrático em sua plenitude (Williams, 1969:341).

Figura 9 – Construção da Torda para receber os visitantes da folia no campo.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Na cidade isso não acontece. Quando é feito, a estrutura é de tendas pré-moldadas que são instaladas. Os locais na cidade são ambientes preparados para tais recepções, como se pode ver na Figura 10, o salão de festas da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, alugado pelos festeiros para a chegada da folia, conseguindo assim evidenciar questões do capitalismo tardio.

Figura 10 – Vista de chegada da Folia na cidade.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Tais rupturas acontecem baseadas na influência do aspecto urbano nas tradições inventadas. Por mais que a maioria das folias visitadas na cidade tenha suas

referências e influências trazidas do campo, e, seus agentes de igual forma, pode-se concluir que mesmo sendo realizadas nas cidades as folias têm em seus membros o conceito que Raymond Williams (2011c) trata de gente da cidade com referenciais campestres, e por lá passam a agir no sentido de transformação do espaço para que, com isso, não se distanciem de suas raízes. O autor identifica a representação da vida rural como um espaço associado à paz, inocência e simplicidade, bem como um lugar de atraso, ignorância e limitação, em contraste com a cidade, representada como um centro de realização, conhecimento e comunicação.

### **2.3: Os núcleos constituintes de uma folia**

Para que as folias aconteçam, há inúmeras contribuições de devotos e até mesmo de entusiastas da tradição. Em pesquisa de campo foi possível ver pessoas que nem professavam a religião católica contribuindo para os festejos. Dessa conduta é imprescindível que sejam categorizadas as Folias de Reis.

Há o que Vigilato (2012, p. 209) considera ser Folia-Arte, ou como Arte, pode-se atribuir desde os conceitos das indumentárias, enfeites, ações dos *performers* que estiverem envolvidos na festividade, ritualística e gastronomia.

E a Folia-Religião, ou como Religião, consegue encontrar o apelo devocional dos participantes que, com uma grandeza de fé, apegam-se a uma ideia de Deus muito próxima, pois, como uma tradição inventada do campo, caipira, portanto, as folias aproximavam o que geograficamente distanciava as pessoas. As igrejas eram construções para os centros urbanos, logo as pessoas, pela necessidade de crença, remodelavam alguma manifestação que lhes fosse próxima e fizesse sentido.

De tal modo, compreender as folias atualmente é saber que elas bebem da mesma água das três concepções, ao mesmo tempo, respeitosamente. Pode acontecer a Folia-Arte e Religiosa ao mesmo tempo. A depender do que se analisa, do que se quer, do que se observa, longe de preconceitos.

Quanto aos tipos de folia, Machado (2020) assevera que existem as Folias Rurais (ou do Campo), as Folias Urbanas (ou da cidade), as Folias Mistas (que tem seu giro feito no campo e na cidade), as Folias Institucionais (geridas pela Igreja Católica Institucionalizada) e as Folias Sazonais (que acontecem esporadicamente, geralmente para o cumprimento de votos/promessas).

Outro aspecto importante a ser trabalhado é a questão dos centros para o acontecimento dos festejos. Machado (2020, p.193) categoriza os núcleos em:

1- Núcleo Religioso Linguístico, que reparará nos Rezadores do Terço, Capitães/Guias de Folia laboradores das vozes discursivas da noção religiosa; 2- Núcleo de Socialização, que conterà o grupo composto por cozinheiros(as) (responsáveis pela parte gastronômica da festividade), decoradores e arrumadores (responsáveis por adornar os campos santos que acontecerão os ritos); e o 3- Núcleo Livre, composto pelos convidados diversos, que não necessariamente estarão ligados aos ritos sagrados das folias.

Desse modo, entender que a fina organização das/nas folias é um importante mecanismo a ser considerado, uma vez que o Núcleo Religioso Linguístico é o que trabalha com as vozes discursivas na tradição. O Núcleo de Socialização é o que organiza toda a parte de festejos: estrutura, alimentação e bem-estar. E o Núcleo Livre são os participantes, independentemente de seu credo religioso ou social.

É importante que se posicione os cargos e funções administrativas da folia. O arrecadador de gêneros para a alimentação dos participantes das folias é chamado de Procurador. Geralmente há dois procuradores: um indicado pelo Folião-Patrão e outro indicado pelo Festeiro. Quem é o responsável pela saída (primeiro dia do giro/peregrinação) da Folia é chamado de Folião-Patrão. O responsável pelo último dia da folia, diga-se a culminância dos festejos, ou a Chegada da Folia, é chamado de Festeiro.

Então, em contato, esses núcleos farão parte de uma sociabilidade para que aconteça o festejo, de forma interdependente, onde nenhum dos núcleos são categorizados como mais ou menos importantes, mas que compõem a força da tradição.

#### **2.4: Música e toadas: a canção nas folias aceites possíveis para as folias**

O canto em forma de lamúria, com vozes múltiplas. Há o Guia/Capitão da Folia, também chamado de puxador, é quem entoia o verso inicial. Os foliões cantores respondem, há nessa resposta as seguintes vozes de resposta: Contrato (contralto), Segunda Voz, Terceira Voz, Quarta Voz, Quinta Voz e, em algumas folias, a Ré-Quinta (quase em grito para atingir o tom).

Mais emblemático que a marcante cantoria das folias é que tudo obedece a ordem. Há os versos fixos de uma folia. Versos a serem cantados nas saídas e chegadas, diante de Altares. Quando a companhia se encontra com o Presépio e quando duas folias se encontram, por exemplo. Tudo isso é parte preparada do ritual. Mas acontecem fatos ou situações que o Guia passa a ser repentista no trato com a cantoria. Para o cumpridor de voto, o canto de acolhimento da promessa cumprida é diferente, por exemplo.

Dois cânticos, então, podem ser entoados conforme a situação. Castro e Couto (1959, p. 33) afirmam existir os cânticos de Saudação (Louva) e os cânticos de Profecias (Bandeira). Ambos obedecem a mesma forma rítmica apresentada anteriormente.

Em todas as casas, mesmo variando o formato das folias, há que se cantar: Primeiro Momento - a) Anunciação do Nascimento de Jesus Cristo; b) Viagem dos Reis Magos; c) Adoração dos Reis Magos; d) Fuga da Virgem Maria; e) Revelação de Jesus Cristo; f) Sacrifício do Calvário; segundo momento - a) Mistério; b) Chegada dos Reis a Belém. Os momentos primeiro e segundo podem ser intercalados a critério do Guia/Capitão da Folia.

Há também a parte, diga-se, operacional da tradição, o Terceiro Momento em que a cantoria é para: a) pedir abrigo (pouso); b) pedir alimento (lanche, almoço ou pouso); c) pedir esmola; d) cantar para pagadores de promessa; e) cantar para novos festeiros e foliões-patrões.

Quadro 3 – Formato da cantoria.

Primeiro Momento: Verso do Nascimento de Cristo	Folia de Santos Reis de Zona Rural
Verso 1 - Guia	Verso 2 - Respostas
<i>Deus nasceu na manjedoura</i>	<i>O boi bento aquecia</i>
<i>Adonde o boi bento comia.</i>	<i>Vem a mula e descobria</i>
<i>O boi bento abafejava;</i>	<i>A mula foi amaldiçoada</i>
<i>Vem a mula, removia.</i>	<i>Que nunca haverá de dar cria.</i>

Primeiro Momento Verso do Calvário	Folia de Santos Reis de Zona Rural
---------------------------------------	------------------------------------

Verso 1 - Guia	Verso 2 - Respostas
----------------	---------------------

<i>Sofreu duros tormentos</i>	<i>Na Vossa cabeça divina</i>
-------------------------------	-------------------------------

<i>Grandes martiro da cruz</i>	<i>coroa d'espinho cravaro</i>
--------------------------------	--------------------------------

<i>Morreu pra nos salvá;</i>	<i>Entre dores incrive</i>
------------------------------	----------------------------

<i>O amado bom Jesus.</i>	<i>Fontes de sangue manaro.</i>
---------------------------	---------------------------------

Segundo Momento Chegada dos Três Reis a Belém	Folia de Santos Reis de Zona Rural
--	------------------------------------

Verso 1 - Guia	Verso 2 - Respostas
----------------	---------------------

<i>Os Três Reis quando subero</i>	<i>Em Belém quando chegaro</i>
-----------------------------------	--------------------------------

<i>Viajaro sem parar</i>	<i>Viram o Rei na manjedora</i>
--------------------------	---------------------------------

<i>Cada um trouxe um presente;</i>	<i>Presentearo o menino</i>
------------------------------------	-----------------------------

<i>Pro menino Deus saudar.</i>	<i>Que nascia em terra boa.</i>
--------------------------------	---------------------------------

Fonte: MACHADO (2022)

A estrutura vocal e instrumental das folias é complexa: O Guia é uma espécie de puxador e quando ele encerra o canto, os “resposta” assumem a cantoria. Utiliza-se de sete vozes que se encadeiam sucessivamente. O contexto de Wisnik (1989) cabe ser utilizado aqui, pois ele afirma que a música acontece num jogo entre ruído e silêncio. E no caso das folias a presença da viola caipira contrasta com o entendimento de ruído e consegue oferecer compasso para a cantoria. Isso tudo, num ajuntado de sons, consegue exprimir a percepção de canção.

Téo Azevedo, respeitado músico brasileiro, disse que a viola caipira faz acontecer um som puro, da roça. E disse ainda que no caso das folias de Reis há uma escola da música caipira. Isso por se dizer que Pena Branca e Xavantinho, Renato Teixeira, Praião e Prainha, André e Andrade, Di Paullo e Paulino, ou são foliões ou já gravaram folias em seus discos e CDs.

Ao alertar para as questões que envolvem a canção contida nas folias, precisa-se pontuar que, quanto à toada, apresentam-se algumas classificações. Há nessa região do Brasil Central a aparição de duas toadas de folias: a goiana e a mineira,

recorrentes em Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo - até onde esse estudo conseguiu identificar.

Moreira (1983) consegue explicar que existem folias que considerou exóticas: a maranhense (constituída somente de mulheres, com recorrência em Guaraí, e uma Folia de São João Batista, no Povoado de Lagolândia, distrito de Pirenópolis/Go), Folia de Reis Baiana com instrumental de uma banca de couros e pífanos; a Folia de Reis Piauiense com elementos de bumba-meu-boi. Numa diversidade de sons e melodias, as folias se ressignificam diante dos agentes que se apropriam dessa tradição.

## **2.5: Materialidade do ritual: a bandeira, os cravinhos/divisas e altares, símbolos de uma tradição**

Todos os rituais presentes nas folias são, em algum momento, materializados. Seja na presentificação das cantorias e rezas, seja na forma que estabelecem alguma relação entre os performers e os devotos.

Os instrumentos são parte integrante do ritual. Viola, violão, caixa, pandeiro, sanfona e cavaquinho, instrumentos comuns das folias mais usuais pesquisadas - a mineira e a goiana - são enfeitados com flores e fitas e nunca podem passar por baixo de arames/cercas. São passados por cima dos arames. Em obediência a uma tradição inventada que não se pode precisar de onde e nem quando surgiu. Terminada a cantoria, os instrumentos geralmente são colocados em cima das camas nas residências, conforme Figura 11.

Figura 11 – Instrumentos colocados em cima da cama.



Fonte: MACHADO (2022)

Os cravinhos, ou divisas, são um mecanismo interessante de separação entre os foliões e convidados, seja na saída, durante o giro, ou chegada da folia. É com os cravinhos que os foliões são distinguidos dos demais participantes. E funciona como uma honra receber tal “divisa”, como se vê na Figura 12.

Figura 12 – Cravinhos (divisas entre os foliões).



Fonte: MACHADO (2022)

Ao se deparar com tal adereço, qualquer pessoa vinculada à festividade das folias saberá que se trata de um de seus membros. De seus componentes. Portanto o cravinho é uma indumentária indispensável para o folião, que anualmente recebe do novo Folião Patrão a divisa para a romaria daquele ano.

A bandeira da folia (Figura 14) tem muitas especulações sobre sua presentificação nas folias. De ordem morunga, ou também cigana, o fato é que ela funciona como um ícone a ser seguido. Os foliões não podem ultrapassar sua presença, tampouco começar a jornada sem passar por debaixo dela, conforme Figura 13.

Figura 13 – Foliões Patrões, guardiões da bandeira, como Alferes, segurando a bandeira para os foliões passarem por baixo.



Fonte: MACHADO (2022)

Tal ritual é uma demonstração que daquele momento em diante o folião estará dentro da comitiva dos Três Reis Santos. Somente beijam e passam debaixo da bandeira, nesse momento, pessoas que acompanharão a folia o dia todo - foliões, cumpridores de voto ou promessa, e convidados

A bandeira se materializa como um objeto intercessor, sagrado. Nas bandeiras é comum serem encontradas fotografias, objetos, dinheiro e flores. Todos esses objetos colocados como forma de agradecimento por alguma graça alcançada. Nos mais diversos formatos, das mais diferentes formas, as bandeiras das folias deixam de compor a experiência física para compor o aspecto místico, da Folia Religião, como se pode ver na Figura 8.

Figura 14 – Algumas Bandeiras de Folias do município de Morrinhos.



Fonte: MACHADO (2022)

Com dedicação a muitos santos, as folias têm tido variantes, que não só as dos Três Reis Magos. A Figura 9 consegue revelar algumas das bandeiras - de Santos Reis, Santa Luzia, São João Batista, Divino Espírito Santo, Divino Pai Eterno e Nossa Senhora D'Abadia. Sem sombra de dúvidas a bandeira é um ícone indispensável para a tradição.

Após a cantoria, seja em visita, almoço ou pouso, o alferes entrega a bandeira ao dono da casa (Figura 15). Nesse ato o proprietário da casa, de posse da bandeira, passa a cumprir alguns ritos tradicionais de quem recebe a folia. A bandeira não entra em uma residência. Ela entroniza. Uma vez entronizada na residência, ela cumpre um papel místico de benzer o lar contra doenças e os terreiros contra pestes.

Figura 15 – Devotos benzendo suas casas e terreiros.



Fonte: MACHADO (2022)

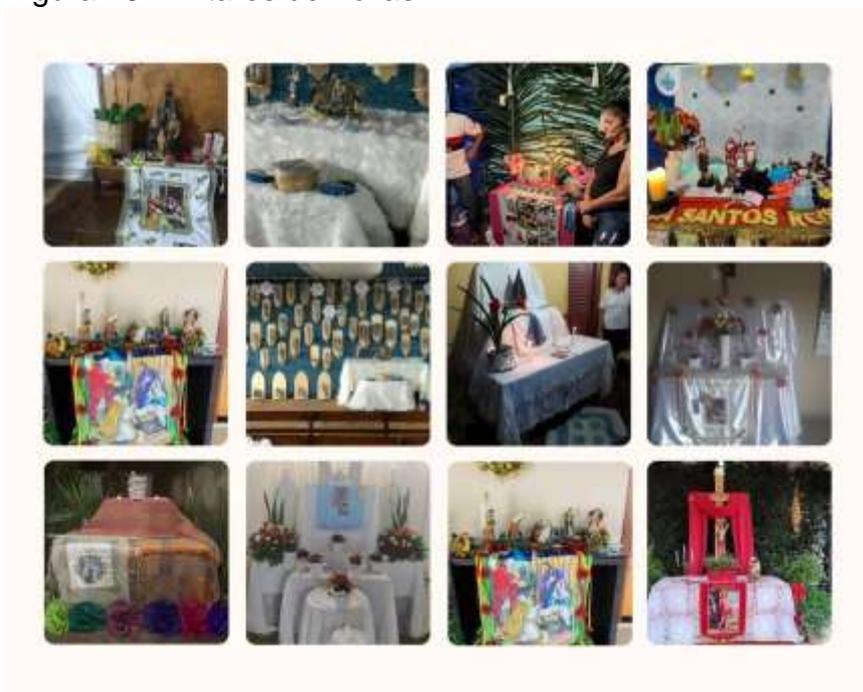
É comum verificar proprietários de residências receberem a bandeira de Santos Reis muito emocionados, muitas vezes até chorando - alguns lembrando a lembrança de seus entes queridos, também devotos, às vezes falecidos ou ausentes da bandeira. Fato interessante entre ambas as aparições de devotos é o de pessoas com mais de 70 anos. Podendo ser verificado um indício de que essa tradição lhes é uma pertença - fato que inexistiu quando a folia visitou casas de pessoas mais jovens, por exemplo.

A preparação dos rituais consiste em transformar ambientes em campos santos para que os rituais aconteçam. As bandeiras são recepcionadas pelos proprietários das residências, os foliões cantam para os moradores que se colocam de pé, em frente a bandeira. Com o término da cantoria, da benzeção da residência, da dispensa de alimentos e dos terreiros, é comum, nos almoços e pousos, a reza do Terço.

A reza, ou recitação do Terço, consiste em uma oração contendo uma ladainha de oferecimento: um Pai-Nosso, com mais três Ave-Marias, em seguida, a cada grupo de reza de um Pai-Nosso e mais 10 Ave-Marias, há o Glória e a contemplação de um dos mistérios da anunciação, vinda, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, no que se chama de Mistério.

Os Mistérios são: Gozosos, que versam as alegrias de Jesus na Terra; Gloriosos, tratam da assunção de Jesus aos céus; Dolorosos, trazem as dores da Cruz de Jesus; e da Luz, que foram adicionados ao Santo Rosário pelo então Papa, hoje santificado, São João Paulo II, que falam da ressurreição de Cristo. Eles são escolhidos conforme o dia da semana. Para cada dia há um Mistério - Mistérios Gozosos, segundas-feiras e sábados; Mistérios Gloriosos, quartas-feiras e domingos; Mistérios Dolorosos, terças e sextas-feiras; Mistérios da Luz ou Luminosos, quintas-feiras. A Figura 16 demonstra alguns altares de Folias no município de Morrinhos/GO.

Figura 16 – Altares de Folias.



Fonte: MACHADO (2022)

Para a criação do espaço ritual que afirmamos, o campo santo, para os devotos, há que seja providenciado um altar. Nas pesquisas de campo pôde-se presenciar dos mais simples aos mais elaborados: de altares feitos com lençóis pregados na parede até coberturas com tecidos especiais.

As indumentárias para a composição dos altares são muitas, e os elementos variados podem ser vistos: altares com flores naturais do campo e também cuidadosamente feitas com alguma forma de artesanato - flores em EVA (tipo de material plástico emborrachado), tecido (incluindo até um tipo de flores feitas em meia-calça, adereço feminino) e também de palha de milho.

O uso de folhagens dá aos altares uma espécie de volta a algo natural. Além disso, caminhos feitos com folhas também adornam as frentes dos altares. Muitas vezes, esses altares são forrados com cobertas de lã, tecidas no tear. Um elemento comum entre eles é a presença de velas, crucifixo e imagens de santos, diferentes da bandeira que visitará o altar. Na Figura 16, há altares de folias de muitos santos.

Conforme já falado anteriormente, o Guia da folia, ao chegar diante de um altar, oferece todos os comandos. Numa saudação inicial ao altar, o Guia canta para todos os santos representados - alguns deles têm a desenvoltura de fazer versos em bloco, outros cantam um a um. O Alferes trata da informação da nominata dos santos presentes. A sexta imagem presente no quadro da Figura 16 é de um altar composto por 365 santos.

Ao examinar as imagens de gesso, foi verificado que o Guia gastou aproximadamente 40 minutos (39'13'') somente na saudação ao altar. Na Figura 17 é possível observar, de forma parcial, esse momento. Quanto às figuras devocionais populares, foram identificadas cerca de 40 representações de Nossas Senhoras. Consideramos os nomes que estavam grafados na imagem, embora nem todas as figuras os exibissem. Entre essas representações, destacam-se as seguintes aparições: Nossa Senhora de Fátima, de Lourdes, de Guadalupe, de Aparecida, de Caravaggio, do Carmo (a Padroeira de Morrinhos), da Salete, da Lapa, Desatadora dos Nós, das Graças, da Rosa Mística, das Mercês, entre outras, bem específicas, como a Nossa Senhora do Carinho, do Abraço, do Silêncio, do Bom Parto, do Desterro, Grávida, Mãe dos Homens, da Boa Viagem.

Os inúmeros santos que compõem os altares remontam ao Catolicismo Santoral, e, neles é observada uma construção entre os santos mais populares: Sant'Ana, São José, São João, São Pedro, São Paulo, São Judas Tadeu, São Benedito (padroeiro das Cozinhas das Festas de Santos Reis), São Lázaro, São Jerônimo, Santa Bárbara, Santa Luzia, Divino Pai Eterno, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora Aparecida - estes santos citados foram encontrados com mais frequência nos altares das festas (chegadas e saídas).

Figura 17 – Vista parcial do altar com 365 santos, cada um com uma vela.



Fonte: MACHADO (2022)

O altar é um símbolo do ritual. É nele que se coloca a bandeira na saída da folia, o Guia canta para que o Alferes o retire para o início das atividades. E é no altar que a bandeira é colocada após todo o giro, na chegada da folia. Frisamos que os adornos colocados para enfeitar são os mais diversos. A vela, como representação da luz, tem simbologia importante. No Quadro 4 podem ser averiguados elementos importantes dessa afirmação.

Quadro 4 – Verso de Folia.

Verso	Cantoria
1 – Canto para a vela.	<p>Os Três Reis aqui chegou, vem cansado do trabalho, procurou a sua casa para arranchá, <b>acende as velas do altar pra nós acaba de chega, ôi á.</b> (bis da segunda parte, em negrito). Já vemo os moradô, a manjedoura com Jesus, do lado Maria e José, Vossa Família nossa é. (bis) (sic)</p> <p>Grifo do autor</p>

Fonte: MACHADO (2022)

Costumeiramente, as velas são colocadas em número de três. Até observar o canto do Guia da Folia, a suposição era que as três velas simbolizariam a Trindade Santa (Pai, Filho e Espírito Santo, credo dos Católicos), mas, ao ouvir os versos, elucidamos que são Jesus, Maria e José, simbolizados como a chama que inspirou os Três Reis Magos. A Estrela Dalva, nesse mito fundante das Foliás, direcionou o caminho dos Reis Magos.

Os traços linguísticos de comunicação num dialeto caipira<sup>28</sup>, mesmo na cidade, puderam ser observados, por mais que nos versos cantados muitas vezes já podem ser vistos em uma correção vocabular, como por exemplo, quando cantam em uma residência, e que, ao rimar seus versos, precisam utilizar a palavra ‘olho’, uma vez que na folia da cidade versos similares apontam para uma correção linguística “*Ai ô, os seus olhos estão chorando*” enquanto no campo ainda permanece a marca linguística do português caipira “*Ôi fecha os zóio pra receber a bênção, ôiá*”. Esse aspecto cria uma espécie do que trouxemos em Bakhtin, um ambiente linguístico em que surge uma função autor referencial<sup>29</sup> em que há uma língua padrão na cidade e a cantoria da folia a obedece por estar inserida naquele contexto, enquanto no campo essa marca linguística consegue ficar ainda mais evidente nas cantorias.

Por mais que aqui já afirmamos, as folias são uma tradição inventada no campo, que quando migraram para as cidades, sofreram esses tipos de adaptações para atender a um português conforme seu ouvinte, no caso os cidadãos que têm contato com as folias. Logo, essa variante linguística e até dialetológica indicia uma

---

<sup>28</sup>Segundo Houaiss et al., a etimologia de caipira poderia relacionar-se à caipora, do tupi caa'pora=kaa'floresta' + pora'morador', e designaria um habitante da região rural. O estudo pioneiro sobre a fala caipira é Amaral (1920); outros incluem Bortoni-Ricardo (1981, 1985), Head (1973), Istre (1971) e Rodrigues (1974). Veja-se Brandão (1983) sobre a cultura caipira e Azevedo (1995) sobre o dialeto caipira em literatura. Outros estudos relevantes do português brasileiro vernáculo são: Nascentes (1922), Marroquim (1934), Guy (1981), Bagno (1999, 2000, 2002), Perini (1997) e Praxedes (2008).

<sup>29</sup>(Bakhtin 2004: 331 ff.), que opera num ambiente linguístico auto-referencial, assinalado por traços não-padrão que mapeiam o espaço da cultura caipira, contrastando-a com a cultura urbana com a qual se associaria à maioria dos leitores. Dada a relação diglósica entre o português vernáculo e o português padrão, paralelo à lacuna social entre falantes não-instruídos e instruídos, a representação literária daquele dialeto subalterno, conquanto inevitavelmente unidirecional, permite que os leitores tenham acesso a uma versão estilizada do universo caipira, hoje em franca recessão.

clivagem pontual: na cidade há uma reelaboração linguística da cantoria nas folias por um processo de aceitação das Folias de Reis.

## 2.6: Os Palhaços

A ilustre figura do palhaço remonta às suas inúmeras possibilidades de aparição quanto à sua atividade: nos circos, nas comédias, nos jogos, na televisão, na literatura e também em movimentos tradicionais - dessa última, nosso foco, as Folias de Reis.

Uma das figuras mais chamativas da Folia de Reis, que ora assusta as crianças, ora diverte a todos, é o palhaço: figura séria, mas ao mesmo tempo não séria. Existem muitos eixos questionadores que levam a observar essa figura emblemática presente nas festas de folia, seu aspecto lúdico, sua apresentação, seu jogo e vivência.

Figura 18 –Folia de Nossa Senhora D’Abadia – Comunidade Araras, Morrinhos – GO; QR Code com o vídeo completo 2.



Fonte: MACHADO (2022)

Ao tentar apresentar o maior número de informações sobre as folias e seus fazeres, é importante trazer a Figura 19, que mostra o Palhaço da Folia de Reis enquanto representação, símbolo, em seu jogo dialógico e ritualístico. As temáticas que envolvem as tradições inventadas haverão de se encontrar quando a figura

importante dos Palhaços da Folia (Bastiões ou Bonecos), em seu fazer simbólico nas folias, passam a assumir, no ritual da cantoria, uma espécie de jogo, e dele emergem fatos a serem observados: representação, símbolo, regras, tempo, espaço e ritual.

Figura 19 – Palhaço da Folia de Reis (lado esquerdo da imagem) na Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2022)

A figura 19 demonstra a figura do Palhaço durante sua atuação e jogo: um devoto está deitado no chão pagando uma promessa, e somente os foliões divisados, ou seja, os que possuem cravos/divisas em suas lapelas podem receber o voto do devoto. É do palhaço a performance de proteção do devoto que está pagando a promessa.

Bastiões, Bonecos, Marungos ou Palhaços, dependendo da região, são os nomes dados a quem tem a função célebre de organizar e proteger a bandeira. Na sacra-história, acredita-se que, num mito fundante, sua figura tirava a atenção e o foco dos soldados do Rei Herodes para que Maria, José e o Menino Jesus passassem frente ao desterro, cuja ordem era assassinar todas as crianças menores de sete anos para impedir que emergisse o deus-homem da profecia.

Assim sendo, quem vai à frente da companhia são os palhaços ou bonecos. Eles, conforme a tradição, têm fundamental importância no giro das folias, conforme destaca Affonso Furtado Silva (2006, p. 14) em:

Reis Magos: história, arte, tradições, fontes e referências”, afirma que: Os bastiões ou marungos, os palhaços, representam os soldados do Rei Herodes que foram contratados para encontrar o Menino Jesus. Entretanto, ao chegar à manjedoura, e ver o Menino Jesus, eles se arrependeram da função e passaram a protegê-lo. Por isso, usaram máscaras para assustar e distrair os demais soldados do Rei, os outros que viriam buscá-lo. É típico dos palhaços da folia, a parte festiva de chamar a atenção do público para que a bandeira passe. Inclusive também é deles a responsabilidade de ir à frente da companhia para verificar onde há possibilidade da cantoria da folia.

O palhaço é da cultura dos ciganos, e tanto o palhaço que atua na Folia quanto aqueles que atuam em um circo têm a mesma função: divertir e chamar a atenção. Só que o palhaço no contexto da Folia de Reis tem uma função muito importante nessa festividade, porque, na sacra-história, quando os Reis chegaram até Herodes, este lhes pediu que fossem ver onde estava o menino e que depois voltassem para avisá-lo.

Os Magos, que eram da tradição cigana, sabiam fazer muitas acrobacias e descobriram que Herodes gostava disso, então, um deles se vestiu de palhaço e foi chamar a atenção do Rei. Na volta, fez acrobacias para os Reis passarem e não foi indagado sobre nada. Este jogo foi estratégico, pois, se eles contassem aonde iriam, o menino morria. Nesse contexto, entre acrobacias e piruetas, o palhaço representa a proteção do Menino Jesus, andando junto à bandeira. No giro da folia, para toda pessoa que o vê, ele faz graça para descontrair, simbolicamente, para deixar o Menino passar. Essa é a importância e graciosidade do palhaço nas folias.

Logo, os palhaços ganham uma função importante: tiram a atenção do público, em jogo, para que a bandeira passe, no momento do giro da folia. Dentre as muitas curiosidades durante o giro, pode-se observar um fato intrigante. Se há algum amarrio, ou seja, algum ramo, enfeite ou flor, geralmente colocado nas frentes das casas, é um sinal para que a folia possa cantar e ir em direção à porta da residência.

É da responsabilidade do palhaço a organização e o direcionamento do dispositivo da folia, ou seja, enquanto ele não sinaliza ao guia que todos os foliões estão a postos, não se inicia o canto. Há uma narrativa nestas personagens, uma vez que contracenam brigas, discussões e alegria, enquanto a folia caminha. Geralmente, eles fazem todos os tipos de peripécias nos quintais ou ruas, dependendo do espaço em que está acontecendo o giro da folia - tudo isto enquanto a folia está em atividade. Os Guias geralmente têm um apito e o utilizam, via de regra, para sinalizar o início e

o fim da cantoria. Após o apito final, o Guia, geralmente, dedica-lhes um verso, o que faz com eles se recolham do público e se descaracterizem.

Percebe-se, na Figura 20, os palhaços guardando a bandeira, numa espécie de jogo em que chamam a atenção para a travessia da bandeira e foliões.

Figura 20 – Palhaços guardando a bandeira na Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2022)

O palhaço, como afirmado acima, é uma personagem que faz a dicotomia do do sagrado e do profano. Inicia-se a Folia e todos esperam ansiosos por sua figura emblemática, ao toque acelerado da sanfona e dos instrumentos de percussão, todos em uma grande roda:

Geralmente nas bordas internas da roda, mas podendo posicionar-se fora dela, ficam os palhaços que irão se apresentar e o centro da roda é o espaço reservado ao jogo, à brincadeira. É ali que esses personagens mostrarão suas habilidades em dançar, versar e fazer acrobacias; e é ali também que serão feitas as ofertas do público, que demonstra seu apreço lançando moedas e, de vez em quando, notas ao chão em direção às quais os palhaços se atiram para apanhá-las (...). Mas o aspecto mais marcante da dança do palhaço é a sua capacidade de improvisação e de mesclar elementos aumentando e variando seu repertório extremamente dinâmico. (RIOS, 2009, p. 83-84)

A performance cultural da personagem possui uma forte interação com o público e com a família que acolhe a Folia (Figura 15). O jogo transita em diverti-los com versos, danças, gracejos e malabarismos de todo tipo e tentar tirar proveito do

dinheiro ofertado pelos presentes, o qual é jogado no chão. O dinheiro arrecadado irá depender dessa negociação/ jogo entre palhaço e plateia, pois esta troca dinheiro pelo bailado e pelos versos do palhaço.

Figura 21 – Bastião (palhaço/mascarado); QR-Code para acesso ao Vídeo 3.



Fonte: MACHADO (2021)

Percebe-se na Figura 21 o Bastião (palhaço/mascarado) dançando o lundu<sup>30</sup> na Folia de Reis do Mestre Sr. Oliveira, em visita à família do Sr. Inácio e D. Maria Luíza, em 02/01/2016, em Dores do Indaiá (MG). O *clown*, em sua mais pura versão, apresenta-se como um Arlequim da *Commedia Dell'arte*, que come o bolo de seu patrão e finge que não o fez, com a boca suja, ou quando tenta negociar casamentos, tratados, enganando a todos, mas ao mesmo tempo, sendo o que liga toda a história e dá o encanto a qualquer obra.

É um personagem sagrado, que reverencia o menino Jesus, mas, ao mesmo tempo, brinca e se diverte com o dinheiro, com as coisas mundanas, aquilo que beira o profano. Algumas pessoas interpretam a figura do palhaço relacionando-o ao diabo, com Rei Herodes ou seus soldados, que perseguiram o menino Jesus. Essa dicotomia existe, pois, os palhaços são ligados à esfera profana, mas o seu vínculo à folia torna sua presença sagrada. É justamente nessa relação, que se instaura o comportamento restaurado do palhaço:

<sup>30</sup> Nome dado à dança do palhaço.

Colocando em palavras próprias, o comportamento restaurado “sou eu me comportando como se fosse outra pessoa”, ou “como me foi dito para fazer”, ou “como aprendi”. Mesmo se me sentisse completamente como sou, atuando independentemente, apenas um pouco de investigação revelaria que as unidades de comportamento que contém meu “eu” não foram por “mim” inventadas. Ou, bastante ao contrário, posso experimentar ser “além do que sou”, “não eu mesmo”, ou “dominado” em transe. O fato de que existem múltiplos “eus” em cada pessoa não é um sinal de distúrbio, mas simplesmente o jeito como as coisas são. As maneiras como uma pessoa desenvolve sua própria vida estão conectadas com as maneiras como as pessoas vivenciam outras em dramas, danças e rituais (SCHECHNER, 2006, p. 34-35).

Nesse sentido, a performance do palhaço se torna um jogo de interação e diálogo, ele sendo um ser não-não-eu e liminar, pois em alguns lugares, ele é descrito como um ser não divino, ele transita entre os lugares do sobrenatural, do humor, ele rompe com a seriedade do acontecimento, dado o jogo existente entre a seriedade e a identidade do palhaço. Em *Homo Ludens* (1997), Johan Huizinga defende o jogo como um fenômeno cultural (sua função social) e não biológico, dentro de uma perspectiva histórica, em que "poderíamos considerar toda a sociedade como um jogo, sem deixar de ter presente que esse jogo é o princípio vital de toda civilização" (HUIZINGA, 1997, p.76).

Para ele, o jogo tem uma função significativa, encerra um determinado sentido, sendo um sentido à ação. O autor enumera algumas características do jogo: diversão, realidade autônoma (sua existência é inegável), qualidade de ação bem determinada e distinta da vida "comum". Huizinga determina características que enquadram uma atividade como jogo, pois:

o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito de jogo deve permanecer distinto de todas as outras formas de pensamento através das quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social. Teremos, portanto, de limitar-nos a descrever suas principais características (HUIZINGA, 1997, p. 9).

Ao entender o jogo como elemento de cultura, ele aponta as suas características: o prazer (lúdico), o caráter “não sério”, a liberdade do jogo, a separação do cotidiano, existência de regras, caráter fictício ou representativo, limitação do jogo no tempo e no espaço e atividade voluntária (sem ordens). Nesse contexto, quando trazemos o jogo como ação, podemos lembrar as ações do palhaço, o qual abre a Folia de Reis com cantigas, piadas e versos. O abrir a roda

delimita seu espaço de ação, e as regras, os combinados, irão compor esse majestoso jogo.

Os palhaços das folias em Morrinhos/GO apresentam um aspecto cômico muito peculiar. Conseguem gerir a organização dos componentes das folias de forma bem-humorada, com jogos e muitas trovas, pedindo prendas e oferecendo balas para as pessoas. Em alguns casos, provocam o pavor e o medo em crianças por portarem um chicote e com ele fazerem acrobacias que simulam a agressão ao palhaço que é sua dupla (Figura 22).

Figura 22 – A figura do palhaço aponta célebre em todas as situações do giro. Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2023)

Ressalta-se a liberdade do jogo do palhaço ao profanar as coisas sagradas. Tal jogo faz o elo: a máscara permite esse jogo livre, permite a troca de identidade, por não ser um objeto comum, rotineiro. Ele ritualiza os gestos cotidianos em um novo espaço - tempo. Ele engloba, em sua ação, o que aprendeu com seus antepassados, agregando gestos, falas e gracejos atuais.

A chula do palhaço pode ser vista sob três aspectos: o social, no sentido de suavizar tensões; o lúdico, pelo jogo que estabelece entre os indivíduos que se desafiam e pela relação de entretenimento e diversão que estabelece em relação ao público; e o terceiro aspecto trata-se do caráter mágico-religioso (RIOS, 2009, p.86).

Esses três aspectos da chula do palhaço trazem em sua figura a ludicidade, o gracejo e, ao mesmo tempo, a seriedade de sua atuação, devido ao caráter mágico-religioso. Ele desempenha um papel, mas com seriedade, pois acredita no que faz e o deve fazer com precisão (Figura 21).

É necessário, com todas essas informações, acentuar tempo e espaço de desempenho e jogo do palhaço nas folias. Quanto ao tempo, ele tem um jogo muito específico: só atua durante a movimentação da bandeira (no giro – peregrinação) entre uma casa e outra. Seu tempo de performance está entre a ação de organização para o início da cantoria e o seu término. Durante as refeições, a figura do Palhaço não aparece mais nas cenas: se ausenta da reza do terço, do oferecimento e agradecimento de refeições.

Figura 23 – Roda do palhaço na página Folia de Reis no *Facebook*; QR-Code para acesso ao Vídeo 4.



Fonte: Facebook. Cena, Newton Reis de. (Publicada em: 12 de abril de 2022)

Na Figura 24, a folia registrada em 1989 na Comunidade de Marcelânia, Goiás, os palhaços não tinham máscaras, mas a indumentária simbólica não faltou: chicote, embornal e roupas coloridas. Afiançados pela proprietária da fotografia, D. Maria de

Fátima: em sua casa o palhaço não chegou de máscara por eles estarem de luto, e pediram que os palhaços não “fizessem fuzaca”. Seu espaço é sempre muito delimitado: sempre à frente da bandeira, brincando com as pessoas e fazendo seus jogos para arrecadar suas esmolas e presentes. Durante a cantoria nas casas, com o posicionamento dos foliões organizado pelo (s) Palhaço (s) em círculo, eles se posicionam no centro.

Figura 24 – Palhaço sem máscara devido ao luto da proprietária do local.



Fonte: Fotografia de D. Maria de Fátima. Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO; MACHADO (2022).

A representação da figura do palhaço como guardião da bandeira é uma presença constante em todo o ritual. Sua atuação frente às atitudes da companhia consegue mostrar o quão simbólico o palhaço se apresenta, seja numa questão que envolve seu fazer como agente, seja na sua guarda de honra da bandeira, por exemplo.

Figura 25 – Guarda da bandeira, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2021)

O Palhaço não visita cômodos das casas, porque se isso acontecer o proprietário prepara uma contenda e o prende, e, sob seu poder, começa a pedir para que a companhia cante até que ele sinta vontade para libertar o Palhaço pela conduta desobediente. Na Figura 26, vemos a hora que o Palhaço sai de seu cárcere de uma residência: ele fica no centro da roda até terminarem os versos de desculpas para os moradores da casa.

Figura 26 – Atuação do palhaço ao chegar no pouso da folia, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO



Fonte: MACHADO (2023)

O espaço deve ser demarcado pelos jogadores, e, tendo esse espaço limitado, eles terão regras, sendo o tempo e o espaço duas delas. Segundo ele, as regras poderão ser criadas em conjunto, modificadas ou apenas aceitas por já serem determinadas (por exemplo: o truco já tem suas regras e anti-regras, uma delas a de que se deve “trucar” – fazer um truque).

As regras e anti-regras do palhaço beiram a subversão, a desordem, a invenção, o criativo, contrapondo-se à formalidade do canto, dos gestos dos foliões, ou seja, da ordem:

a cultura, como tende a ser vista agora, é tanto um agente da desordem quanto um instrumento da ordem; um fator tanto de envelhecimento e obsolência quanto de atemporalidade. O trabalho da cultura não consiste tanto em sua autoperpetuação quanto em garantir as condições para futuras experimentações e mudanças. Ou melhor, a cultura se “autoperpetua” na medida em que não o padrão, mas o impulso de modificá-lo, de alterá-lo e substituí-lo por outro padrão continua viável e potente com o passar do tempo (BAUMAN, 2012, p. 28, grifo do autor).

A contraordem do palhaço, utilitária na/para a tradição, serve para chamar a atenção das pessoas para que o rito aconteça: a bandeira chegar até a residência para o canto evangelizador, conforme Figura 27.

Figura 27 – Brincadeira do palhaço, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2023)

Esta relação entre mito, narrativa e imaginação apresenta-se em Chauí (2000, p. 380-381):

O tempo sagrado é uma narrativa. Narra a origem dos deuses (...) e, pela ação das divindades, a origem das coisas, das plantas, dos animais e dos seres humanos (...). A narrativa sagrada é a **história sagrada**, que os gregos chamavam de **mito**. Este não é uma fabulação ilusória, uma fantasia sem consciência, mas a maneira pela qual uma sociedade narra para si mesma seu começo e o de toda a realidade, inclusive o começo ou nascimento dos próprios deuses. (Grifo nosso)

O mito é o princípio, a existência, o tempo de um povo, seja ele finito ou não, é uma narrativa sagrada, em que se resgata o divino e se estabelece uma nova forma de ser. Há no/com o palhaço um processo que não se pauta apenas na imaginação, mas no ato concreto de um povo. O ato concreto pode se relacionar diretamente com o conceito de representação (ou seria apresentação?) (Figura 28).

Figura 28 – Palhaço chamando a atenção para a bandeira passar, GO.



Fonte: MACHADO (2023)

No ritual das folias (Figura 28), enquanto os foliões cantam a narrativa evangelizadora, em determinado momento da sequência dos versos, os Palhaços começam a fazer gracejos para as pessoas que estão como espectadores: justamente a parte da narrativa bíblica em que os soldados do Rei Herodes perseguiram, para matar, as crianças de até 7 anos, idade que o Menino Jesus teria. Há, portanto, uma representação alusiva de se tirar o foco de José, Menino Jesus e Nossa Senhora no Desterro. Tudo proposital: o acontecimento cessa quando os versos com essa passagem se encerram.

Figura 29 – Chula do Palhaço, município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2023)

O medo e a antipatia pelas máscaras, muitas vezes, causam repulsa: têm formatos grotescos, geralmente gritam e promovem arruaça por onde passam. A algazarra não é muito apreciada pelos ouvidos sensíveis de crianças e adolescentes que veem as folias passar. Assim, o Palhaço aproveita-se dessas características e as explora: para provocar o riso das pessoas, com seu hábil chicote, bate em crianças e adultos (Figura 30).

Figura 30 – Máscaras de palhaço: couro cru recortado e tingido. Município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2022/2023)

Nota-se a indumentária simbólica do Palhaço: o chicote, roupas coloridas, capanga/embornal/saco de matula são os mais comuns. O chicote, via de regra de couro cru trançado, impõe muito medo em crianças, pois, sem a compreensão devida do jogo teatral de sua participação no rito, causa certa repulsa (Figura 31).

Figura 31 – Chicote ou Pinhola de couro cru. Município de Morrinhos, GO.



Fonte: MACHADO (2022)

O embornal (Figura 32) serve para carregar os presentes e ofertas doadas/captadas/raptadas durante o giro: é muito comum que o Palhaço passe nas casas e rapte queijos que estão curando/curtindo, frutas de pomares e outras guloseimas que estiverem do lado de fora das casas. Mas a que causa maior espanto são as máscaras.

Figura 32 – Embornal a tiracolo dos palhaços.



Fonte: MACHADO (2022)

A máscara do Palhaço remonta a uma das muitas possibilidades que aqui propusemos reflexão. Mergulhar nos diversos campos de imbricação do Palhaço em seus artefatos performáticos, simbólicos, simbólicos, representações, apresentações e apresentações são estabelecer, sem sombra de dúvidas, um diálogo com seu jogo performático-ritual, cuja cena, lugar e não lugar, dialogam com uma atuação fortalecida por um padrão ritualístico que culmina na manutenção de uma tradição.

Passado esse momento de preparação e uso dos ambientes rituais e suas ocupações nos festejos, faz-se necessária a interpretação das representações dos agentes das folias. Uma das figuras mais emblemáticas é a do palhaço ou boneco. Nas folias, como já apresentado aqui, é deles a responsabilidade da gestão estrutural do ritual. Chartier afirma que

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante 'pela pintura de um objeto', 'pelas palavras e gestos', 'por algumas figuras, por marcas' – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também 'manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade' (2002, p. 165).

A representação, portanto, comunica coisas por meio de "pintura de objetos", "palavras e gestos", "alguns personagens, sinais" - por exemplo, enigmas, emblemas, contos de fadas, alegorias.

São os palhaços que chegam primeiro para verificar se o restante da folia poderá chegar: se há algum amarrão, se há altar para que o Capitão cante, ou se há algum atraso que os donos da casa queiram que se espere mais para a chegada da companhia. Os palhaços funcionam como mestres de cerimônias a conduzir os tratados do ritual, e, por mais que seja irônico dizer, eles o fazem de forma silenciosa. Por mais que sua indumentária seja uma fantasia, sua ação frente ao respeito com o ritual é discreta e muito efetiva, conforme pode ser comprovado na Figura 33 e no Vídeo 5, em Folia do Campo.

Figura 33 – Atuação do Palhaço da Folia de Santos Reis no campo; QR-Code para acesso ao Vídeo 5.



Fonte: MACHADO (2023)

Na cidade quase não se tem folias com a presença de palhaços. Vimos que há uma dificuldade maior em encontrar pessoas para realizarem as atividades do palhaço. Dentre os foliões, há uma grande dificuldade de se despontar alguém para as atividades realizadas por essa figura. Ao pesquisar nas folias, nota-se esse preconceito em se vestir de palhaço na cidade.

## **2.7: Os arcos e amarrios/amarrilhos**

Os arcos são o símbolo ritual que lembram os portais sagrados das histórias bíblicas. É no arco que os foliões e toda a companhia se encontram com os festeiros. Os amarrios/amarrilhos representam uma maneira de proporcionar um momento de descontração tanto para os foliões quanto para os anfitriões da residência que será visitada durante a folia. Dentro da composição simbólica existente nas Folias há um campo ritual de muita relevância na liturgia das chegadas das folias, é nele que o Festeiro se encontra com o Folião-Patrão e toda a companhia - palhaços, foliões, devotos e pagadores de promessas e votos.

É também na escritura sagrada dos cristãos, a Bíblia, que há o entendimento sobre o arco e sua importância no ritual. No Livro Sagrado para os Cristãos, na

passagem de Gênesis, capítulo 9, versos de 11-13<sup>31</sup>, há a apresentação de uma espécie de pacto entre o homem e o arco, como sendo uma aliança entre o homem e a divindade.

Todo esse ensinamento bíblico é trazido para a ritualística das folias. Os arcos são um encontro que faz os foliões remontarem, ano a ano, o encontro de Jesus com os Reis Magos. Geralmente, esses arcos são compostos com flores de muitas cores, amarradas em bambus ou folhas de bacuri/guariobas, coqueiros típicos da região (Figura 27).

No arco acontece o ritual de se cantar para que os festeiros desamarrem as fitas que separam foliões de festeiros. O verso cantado pelo Guia da Folia traz uma ordem: *“Ái ô meu nobre Festeiro pra você eu torno a cantar, desamarre essa fita pra nós cabá de chega, ôi á.”* Após o canto das respostas, há o desenlace, o Guia da Folia canta para que as imagens sejam trocadas: a Imagem do Encontro<sup>32</sup> e a Bandeira. Nesse ponto do ritual, os festeiros aguardam a companhia no arco com a imagem, chamada de Encontro. Tão logo o guia entoia o canto, dando a ordem, os foliões beijam e fazem suas reverências à imagem do Encontro, enquanto os festeiros e seus convidados fazem o mesmo, de posse da bandeira. Todo esse processo é conduzido com grande solenidade e reverência.

Os arcos, como traz o Vídeo 6, são como um umbral que a companhia chega para atravessar. Moças jovens servem água, vinho e oferecem cravinhos aos foliões, expresso na cantoria com a palavra "agrado", que é mencionada nos versos em forma de agradecimento. *“– Deus lhe pague o belo agrado nessa hora tão bonita, ô i á! Os Três Reis aqui chegaram com carinho e muito amor. Deus vos salve o belo arco, lotadinho de fulor. Ô i á”.*

---

<sup>31</sup> Sim, estabeleço o Meu pacto convosco; não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio; e não haverá mais dilúvio, para destruir a terra. E disse Deus: Este é o sinal do pacto que firmo entre Mim e vós e todo ser vivente que está convosco, por gerações perpétuas: O Meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver um pacto entre Mim e a terra.

<sup>32</sup> A imagem do Encontro nas Folias de Santos Reis é a da Sagrada Família. É ela que espera os Três Reis Magos. Ela estará de posse dos Festeiros que após o desenlace passam o Encontro para os Foliões saudarem a imagem, enquanto isso os Festeiros e seus convidados também fazem o mesmo: saúdam a bandeira da folia.

Figura 34 – Arcos de Folia, Comunidade Serrinha, município de Morrinhos, GO; QR-Code para acesso ao Vídeo 6. <sup>33</sup>



Fonte: MACHADO (2022)

Todas as formas rituais são cantadas e colocadas com gratidão pelos foliões. O ritual acontece em todos os instantes da cantoria e liturgia da folia, seja ela no campo, seja na cidade. É comum haver a presença de um arco, mas existe festividade com três, cinco e até sete arcos. Em cada arco há uma cantoria específica, destinada a saudar o próprio arco, os convidados e os festeiros.

Na tentativa de tornar o ritual ainda mais afetivo surge um ato no meio do ritual: o amarrio/amarrilho. Ele é utilizado em algumas circunstâncias. A primeira delas é para, de certa forma, castigar a companhia de foliões, caso algum atraso aconteça no trajeto até chegar à residência. Esse trajeto, como já informado, é chamado de giro.

Outra forma de alongar a cantoria, impondo à companhia algum amarrio/amarrilho, é a de assegurar que eles passem mais tempo cantando, a fim de que uma refeição, almoço ou jantar, possa ser concluída com atraso. Geralmente o proprietário da residência coloca flores na bandeira, dinheiro e indica presentes, e, em cada um desses atos, há que se cantar como forma de gratidão aos foliões.

Há também o amarrio/amarrilho do palhaço, que acontece em duas situações. A primeira é quando há algum presente ao palhaço. Nesse momento, o dono da casa

<sup>33</sup> Panorama da Chegada de Folia - Região Serrinha. Disponível em: <https://youtube.com/shorts/G7UYmuEHsm4>. FONTE: página criada para os vídeos dessa pesquisa no Youtube.

chama o sanfoneiro e impõe-lhe alguma prenda: dançar e contar/cantar algum verso são as mais comuns. Após isso ele ganha um presente pelo feito.

Outro amarrio que acontece é quando o palhaço ultrapassa o limite imposto pelo ritual e adentra sem permissão na cozinha, quartos ou quaisquer cômodos da casa sem a autorização do proprietário. Em resposta, ele é trancado no mesmo e só sai após a cantoria da companhia.

## 2.8: Os presentes: manutenção da tradição inventada

Ao compreender os elementos que compõem as folias, chega-se até o presente, meio que foi usado pelos Reis Magos para abraçar o Menino Jesus ora nascido. O elemento presente é explorado como uma forma simbólica de reviver a visitação ao menino com o que os foliões chamam de “agrado”.

Representando a cultura máxima do tempo dos Reis Magos, ao presentear Jesus, deram uma grande lição à humanidade. Baltasar, que era preto e viera da África, ofereceu-lhe a mirra, que simbolizava a mortificação; Gaspar, que tinha olhos longos e barba fina como um cavalheiro da Arábia, doou-lhe incenso, que significava oração; e Belchior, que era velho e já possuía longa barba cor de neve, deu-lhe ouro, traduzindo, com este gesto, o desprendimento das coisas da Terra (VIEIRA, 1989, p. 252)

A entrega de presentes (Figura 35) é bem significativa no ritual e faz, de certa forma, representar o mito<sup>34</sup> fundante das folias e sua alusão ao ato dos Reis Magos como uma das muitas formas de manutenção da tradição inventada.

Figura 35 – Presentes dados aos Foliões.

---

<sup>34</sup>[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo.



Fonte: MACHADO (2019-2022)

Ao se presentear nas folias, se retorna à ação inicial do ritual, igualando ao momento primeiro, em que Belchior, Gaspar e Baltazar levavam ouro, incenso e mirra para presentear o Menino Jesus, revivido em todo o giro no rito das folias, nas ações quando se repartem presentes ou quando se cantam lembrando o mito fundante da visitação, e, para, além disso, o presente passa a ser um símbolo ritual no processo das folias. Entender que as folias têm suas diretrizes e normas, regras e formas, é compreender que todas as suas ações-rituais têm uma razão tradicional de existir. Em Morrinhos, pôde-se notar que, de diversas formas, não só com apego religioso, mas de uma forma para se criar afetividade, os presentes oferecidos aos folhoes são simbologias que remontam à primeira da visitação dos Reis Magos ao Menino Jesus.

Em uma das folias visitadas durante a pesquisa de campo, um dos festeiros preparou o presente final dos folhoes de forma inusitada. Havia em uma pequena caixa coberta por um tecido: os três presentes que foram dados pelos Reis Magos. Ouro (em uma folha, como uma filigrana), incenso e mirra (líquida/óleo e sólida), que fora trazida de Jerusalém, de acordo com sua fala ao entregar para os folhoes, por um padre expedicionário, conforme pode ser conferido na Figura 36.

Figura 36 – Presente aos Foliões: Ouro, Incenso e Mirra.



Fonte: MACHADO (2019-2023)

Os presentes são uma forma de representação. É muito comum nas saídas e chegadas, ou pousos e almoços, os donos da casa prepararem algo como presente. As lembrancinhas são variadas: vão desde chocolates, toalhas de rosto para uso no giro da folia a até alguns presentes mais elaborados como facas e kits de churrasco.

Durante o giro, há muitos presentes que os foliões vão recebendo. Em algumas folias é comum os festeiros visitarem o giro da folia, normalmente nos pousos, para que com isso eles possam convidar as pessoas para a chegada. Em linhas gerais, os festeiros propõem bingos, brincadeiras e entregam presentes.

Os presentes da chegada são mais simbólicos (Figura 37) pela pompa da festividade. Os festeiros ocupam-se de resguardar o melhor presente para a chegada, como na história da chegada dos Reis Magos ao local em que o Menino Jesus estava ao nascer. No arco, ao chegarem, eles tomam o vinho que é benzido pelo Guia da Folia, e recebem novas divisas/cravinhos pois estão entronizando em outro campo ritual: o do Festeiro.

Figura 37 – Presentes da Chegada da Folia.



Fonte: MACHADO (2019-2022)

Pode-se perceber que os presentes elaborados pelo Festeiro são: uma taça para tomarem o vinho benzido, uma réplica da bandeira de Santos Reis, como divisa/cravinho, e o cartucho (embalagem que funciona para os foliões como uma matula, com doces secos/cristalizados, que servirão de alimento em seu retorno para casa).

## 2.9: O terço

A recitação do terço é uma prática do Catolicismo Institucional, mas que o Catolicismo Popular aglutinou para si. Nas folias, a forma simbólica da reza do terço aproxima-se da religião Católica. Muitas manifestações acontecem em uma folia. Nelas, a Folia como religião tem como base a reza do terço<sup>35</sup>, como é apresentado na Figura 38 / Vídeo 7, que é o nome dado à terça parte do Rosário, feito da reza de 150 Ave-marias, 15 Pais-nossos e 2 Salve-rainhas. Em linhas gerais, é muito comum a reza do terço como uma forma de fazer pedidos e agradecimentos, rezar por graças alcançadas e outros momentos de devoção.

<sup>35</sup> Sua origem remete à recitação dos 150 salmos bíblicos. Pela dificuldade dos fiéis em decorá-los, estes foram substituídos por 150 Pais-Nossos, que eram rezados (e contados) com 150 pedrinhas numa bolsa de couro e, mais tarde, com 150 nós em um cordão.

Figura 38 – Reza do Terço, Comunidade Marcelânia, município de Morrinhos, GO; QR-Code para acesso ao Vídeo 7.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Há casos em que os terços são acompanhados por devotos pagando promessas: rezando de joelhos, segurando velas ou descalços. Tudo isso é parte de uma indumentária que acompanha essa forma de catolicismo popular. Geralmente quem tem algum cargo na festa fica com a coroa na cabeça durante a reza do terço: Foliões-Patrões, Festeiros e Procuradores.

O Santo Terço<sup>36</sup>, como chamam nas folias, é um momento de emoção e de devoção para os foliões e devotos. É após a recitação dele que se coroam novos Foliões-Patrões, Festeiros e Procuradores. No terço, há responsórios e ladainhas que ultrapassam uma hora de oração. Em uma das folias pesquisadas, o Festeiro preparou uma espécie de Kit para a reza do Terço (Figura 39) para que os devotos que fossem acompanhar o terço pudessem rezar.

---

<sup>36</sup> Reza do Terço, Comunidade Marcelânia. Disponível em: <https://youtu.be/yCv07IEncGE>. Acesso em 22 de março de 2023, às 2h05.

Figura 39 – Kit para a reza do Terço: vela, rosário e lenço. Ao lado, velas eletrônicas para cada santo do altar.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Percebe-se que em um envelope estava um rosário, uma vela e fora dele um lenço de tecido (para secar o suor). Alguns dos detalhes que pudemos captar com essa folia de zona rural nos fizeram ter um olhar muito cuidadoso sobre as folias e como elas se apresentam no seio do povo devoto.

O respeito ao sagrado é manifestado no cuidado ao tratar a reza do terço de forma particularizada. De todo o rito cuidadosamente preparado, o terço faz um elo para os participantes e as folias. Ao receberem o terço, o lenço e a vela, eles passariam a fazer parte daquele momento ritual.

## 2.10: As comidas das Folias: afetividade ao servir

Momento integrante das folias, a comida é a parte que mais chama a atenção pelo formato em que acontece. Há todo um preparo tradicional: desde o abate dos animais que servirão para o banquete à feitura e manuseio dos alimentos, de forma voluntária, tradicional. As fomalhas e estruturas montadas para atender parte do ritual são parte integrante das folias. As festas populares<sup>37</sup> são um importante espaço de

<sup>37</sup>Comida e festas populares estão intrinsecamente ligadas, pois muitas vezes as celebrações são acompanhadas por pratos típicos que são preparados especialmente para a ocasião. Esses pratos muitas vezes possuem uma relação simbólica com a festa, podendo ser uma homenagem a um santo, uma tradição ou uma cultura específica. Além disso, em muitas culturas as comidas são vistas como um elemento de união entre as pessoas, sendo

celebração da cultura e das tradições de um povo, e a culinária é um elemento fundamental dessas celebrações. No caso das Folias de Reis, uma das mais importantes manifestações culturais populares do Brasil, a comida é uma parte integrante da celebração, como pode ser visto na Figura 40.

Figura 40 – Preparação das Refeições.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Durante as Folias de Reis, os foliões fazem o seu giro e, em cada casa que visitam, são recebidos com grande festa e recebem uma série de oferendas, que incluem alimentos e bebidas. Entre as comidas típicas das Folias de Reis, destacam-se quando de passagem: quitandas, salgados e refrigerantes. Quando há ponto de almoço ou pouso da folia, o cardápio varia - na cidade ou no campo. Cada região do país tem suas próprias variações desses pratos, e muitas vezes as receitas são passadas de geração em geração. Tão importante quanto serem conseguidos os insumos e a mão-de-obra (geralmente voluntária) é a questão da comida, que compõe

---

oferecidas em compartilhamento com outros membros da comunidade. Esse compartilhamento pode ter um significado simbólico importante na criação de laços sociais e no fortalecimento da identidade coletiva.

uma forte representação na culinária das folias. É necessário compreendê-la como parte integrante do patrimônio da cultura material e imaterial<sup>38</sup> de uma festividade:

a distinção entre bens materiais e imateriais não é pacífica. (...) uma bandeira é um pedaço de tecido, ao qual os habitantes de uma nação atribuem um significado igualmente sagrado. A comida é material, mas a culinária é imaterial. Como separar ambas? Assim, questões pertinentes ao patrimônio histórico e artístico quando se reporta aos bens materiais e imateriais também chamados hoje de intangíveis, são discutíveis. “Como tratar daqueles bens que são imateriais e que constituem o que é hoje chamado de patrimônio intangível? Desejamos que um ritual uma vez registrado nunca mais se modifique? Um prato típico definido pode ser alterado? ” (OLIVEN, 2003, p.79).

Isso posto, compreendemos as folias para além de toda a parte musical, ritual e de representação. Ela passa, em todo esse conjunto de símbolos, que são particulares das festividades, a ser um patrimônio da cultura material e imaterial. A comida servida, geralmente com cardápio que varia muito pouco entre campo e cidade, passa a receber a luz do que alertamos sobre os entendimentos teóricos do capítulo anterior: somente algumas variações são vistas, causadas por conta da sociabilidade moderna - leia-se poder do capital sobre a vida e a articulação das pessoas. Algumas com mais ou menos convidados. Cardápio mais ou menos elaborado. Decoração mais ou menos variada.

Na culinária, podemos comprovar as questões trazidas sobre a memória, o que se faz salutar ressaltar. Sua capacidade de agir sobre o presente contribui para a afirmação sobre a identidade que afirmamos ser presente nas folias. Compondo esse mesmo raciocínio, a busca da memória passa a ser uma questão vital ante as transformações provocadas pela globalização e seus reflexos na sociedade. Nora (1993) faz uma ressalva de que esses fenômenos conhecidos como mundialização, e outros causam uma “ruptura de um elo de identidade com o passado e a substituição da memória pela efemeridade da atualidade”.

Abib (2007) alerta para o perigo da crise de identidade e diz que o processo de revitalização é pontual, trazendo ao entendimento que os “defensores da preservação das tradições populares” ficam assustados ao ver que o passado não pode vigorar

---

<sup>38</sup> A noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, incluindo não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos” (BARRETTO, 2002, p.11).

com tanta força no presente, causando assim um desconforto que deve provocar uma ação de cuidado com a memória dessas manifestações.

Essas construções da identidade identificadas na culinária das folias merece um destaque importante, uma vez que as festas populares, com todo seu aparato, constroem traços culturais e identidades através de sua representação. E, no caso das folias, há uma série dessas comprovações, inclusive pelo ato de servir e do conagraçamento contido no ato de repartir a comida aos presentes, ato notório de sociabilidade, de convivência.

Os valores tradicionais contidos na culinária das folias são salutaras. São, de certa forma, reatores das relações humanas: comida gratuita, servida com fartura, sem ressalvas e convites formais, se configurando atividades do passado que reverberam nas folias de forma constituinte.

Nas folias, a liberdade de participação e todas as simbologias são compostas de muitos processos. Trigueiro afirma que

São essas práticas do passado que chegam ao presente, com as suas diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades (TRIGUEIRO, 2005, p. 107).

As folias são uma manifestação de fé traduzidas numa festa popular múltipla de elementos simbólicos, plural em sua concepção e diversa na aceitação de reelaborações. Para os agentes das folias, a fé é festa e a festa é fé. Mais ainda, cada região apresenta o seu formato, como bem afirma-nos Friedman (1999, p. 330) “cada região tem para si um modo de fazer e saber fazer”.

Dentro do que propõe Hobsbawm (1997, p.9) o efeito da tradição inventada precisa ser lembrado aqui, de modo a se pensar que

o termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram em enorme rapidez.

Logo, pensar as práticas da culinária das folias é altamente vinculante a determinados valores que são concepções de continuidade em relação ao passado,

nas gerações passadas e que persistem e são reforçadas por se tratar de uma festividade que se mantém repetidora de códigos comportamentais que caminham com as folias. O cardápio com duas carnes, pelo menos, é uma prova, por exemplo, do que, ao que se tem registros, acontece desde os primórdios da tradição inventada nesse formato que temos atualmente.

Lody (2004, p. 150) afirma que “comer é antes de tudo um ato simbólico, tradutor de sinais, de reconhecimentos formais, de cores, de texturas, de temperaturas, entre outros. Consiste num ato que une memória, desejo, fome, significado, sociabilidade e ritualidade” de que aqui fazemos uma associação ao que esta pesquisa promove diálogos: em todas as dimensões, as folias conseguem comprovar que seus atos simbólicos são perfeitamente aceitáveis na concepção da invenção das tradições, e que isso dá a elas o feito de problematizar os ambientes rituais a que se propõe.

Além de ser uma forma de celebrar a cultura e as tradições locais, as comidas das Folias de Reis também têm um significado simbólico importante (Figura 41). O Bolo de Reis, por exemplo, é uma referência aos presentes que os Três Reis Magos trouxeram para o menino Jesus, enquanto o café simboliza a hospitalidade e a comunhão entre as pessoas.

Figura 41 – Mesas dos Foliões.



Fonte: MACHADO (2023)

Após toda a comida ser preparada, chega o momento de ser servida. Há a prática, pelo menos nas Saídas e Chegadas das folias, da separação de mesas: a mesa do povo e a mesa dos foliões.

As comidas das Folias de Reis são uma parte essencial da celebração desta importante manifestação cultural brasileira, e ajudam a reforçar a identidade e as tradições dos povos que as celebram. Muitas vezes, as comidas em festas populares são preparadas de forma coletiva, envolvendo toda a comunidade. Isso contribui para a valorização da cultura local e para a construção de laços de solidariedade entre os participantes. Além disso, essas comidas também são utilizadas como meio de oferecer hospitalidade e acolhimento aos visitantes. As mesas dos foliões, exemplificadas na Figura 42, são postas com a comida benzida pela cantoria, conforme o Vídeo 8, que mostra como é realizada a benzeção dos alimentos.

Figura 42 – Benzeção da Comida na Mesa dos Foliões; QR-Code para acesso ao Vídeo 8.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Entender os passos que constituem a dimensão das Folias de Reis em todo o seu ritual é uma proposta para articular as concepções centrais das quais elas são uma composição. Saber que as festas tradicionais são tão cheias de simbologias e ritualística faz clarear a compreensão do porquê de sua circularidade cultural, numa perspectiva de sociabilidade moderna.

As questões que envolvem a gastronomia, parte importante das Folias de Reis, ganham espaço no ritual : toda a comida servida é benzida em cantoria, e os foliões cantam ao redor das mesas postas. Na cidade, muitas vezes, todo o banquete (é essa a expressão usual entre os foliões) é servido em única fila, na qual primeiramente se servem os foliões e em seguida os convidados presentes. Acompanhamos muitas formas de refeições que foram servidas, mas, em linhas gerais, são servidas como em *buffet* em recipientes do tipo *rechauds*, conforme Figura 43.

Figura 43 – Mesa servida em Folia na cidade



Fonte: MACHADO (2022-2023)

A Circularidade Cultural<sup>39</sup> presente no processo de reelaboração da gastronomia das folias fica evidente quando há uma proposta de adaptação para uma festividade na cidade, com maior comodidade e conforto para os convidados: os pratos são de louça, talheres de metal e taças para bebidas. A refeição servida por mulheres, com vestimenta sinalizada (aventais padronizados) dão ao ritual uma espécie de organização cidadina circular.

O conceito de circularidade permite problematizar a influência recíproca entre a cultura popular e da elite e perceber a imprecisão de suas fronteiras, sugerindo, assim, um fluxo regular de permeabilidade entre elas. Permite abordar a cultura de uma perspectiva social, privilegiando sua dimensão de complexidade e de diversidade de valores e sentidos. Partindo do princípio de circularidade, Bakhtin revelou que a cultura popular e de elite compartilham padrões e signos. O conceito também permite perceber a existência de uma intensa relação de permuta contínua e permanente entre as diversas culturas presentes numa determinada sociedade. As culturas transitam em vários sentidos, estabelecendo incessantes interações, determinadas

---

<sup>39</sup> É um conceito que geograficamente permite identificar as relações de diferentes culturas em suas próprias regiões, ora atuando como agentes, ora distanciando-se em uma mesma região.

por realidades históricas específicas. Elas não são puras e secularizadas, estando em transformação ao mesmo tempo em que permanecem em espaços e tempos definidos.

Segundo Chartier,

deixou de ser sustentável estabelecer correspondências estritas entre clivagens culturais e hierarquias sociais, relacionamentos simples entre objetos ou formas culturais particulares e grupos sociais específicos. Não parece ser possível identificar a absoluta diferença e a radical especificidade da cultura popular a partir de textos, de crenças de códigos que lhe seriam próprios. Todos os materiais, portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições, cultura letrada e base folclórica. A posição macroscópica entre popular e letrado, perdeu a sua pertinência (1994, p. 121).

Com as composições teóricas aqui trazidas, fica-nos claro que a composição e riqueza dos ajustes no campo e na cidade não são passíveis de classificação como alta e baixa cultura, compreendendo campo e cidade como representação. A circularidade cultural faz com que essa dicotomia se transforme em intersecções em que há uma mistura de ambos e permite também que não haja uma classificação preconceituosa, por exemplo.

Nas folias do campo há algumas clivagens muito pontuais. Como dito anteriormente, os ambientes são preparados de forma mais simples e muitas vezes são adaptados para receberem as festividades nas fazendas. Na Figura 44, demonstra-se essa adaptação. A casa de engenho e a serraria dão lugar a mesas feitas com cavaletes para a comida ser servida aos foliões e convidados em que eles mesmos se servem. Pode-se notar ainda a presença de duas mesas: a dos foliões e a dos convidados em geral.

Figura 44 – Antes Casa de Engenho e Serraria, adaptadas, ambiente para servir refeições aos foliões e convidados.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

A concepção que aproxima as clivagens nas festividades do campo ainda permanece com uma identidade associada à concepção inicial e pode ser verificada quando se observa uma mesa posta em 1986, de uma Folia de Santos Reis, no campo, na Figura 44. Nesse sentido Hall (1990, p. 14) afirma que

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Isso nos faz compreender que as identidades que foram se firmando das folias no atual momento foi uma resposta a essas reelaborações dos indivíduos<sup>40</sup>, desembocados nas identidades dos contrários, formando uma unidade que faria sentido para os agentes que buscam pelas folias, repito, múltipla, diversa e muitas

<sup>40</sup> Hall (2003, p. 255), em meio às tensões e embates com os valores, costumes e práticas dos grupos dominantes: “Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação.”

vezes reafirmada por uma série de fatores sociais. Esse conjunto de informes (rituais, lugares, pessoas, cantos, comida) constitui a identidade das folias.

Há elementos muito próximos e que dialogam na Figura 43 e na Figura 45, confirmando que no campo, mesmo com todas as interferências do Capitalismo tardio, ainda se conservam aspectos tradicionais iniciais, com pratos descartáveis (de papel), e comida servida em lavadeiras e gamelas.

Figura 45 – Mesa servida, festa de Folia de Reis, no campo.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Normalmente as festas de folia têm a sobremesa: via de regra, são servidos doces e sorvetes, e o que é alterada é a forma de serem servidos tais alimentos - o que faz com que, mais uma vez, os pontos que ligam as representações sejam reelaborados na cidade.

No campo, ainda permanecem os doces de frutos do campo vistos na Figura 46 (doces servidos: de leite, de ovos, mamão com figo, de pau de mamão com leite e queijo e sorvete caseiro feito com coalhada). De outro lado, na cidade, os doces são, em sua maioria, industrializados, e são servidos de forma mais requintada, com vasilhames decorativos, podendo ser identificado na Figura 47.

Figura 46 – Sobremesa, folia do campo.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Figura 47 – Sobremesa, folia da cidade.



Fonte: MACHADO (2022-2023)

Ainda ao perceber as clivagens existentes entre campo e cidade, pode-se ressaltar, pelo Quadro 5, a questão gastronômica (cardápio) e a quantidade de refeições/por pessoa das Folia no campo e na cidade.

Quadro 5 – Cardápio, quantidades de refeições servidas, Folia de Santos Reis da cidade, 06 de janeiro de 2022.

Folia 1	
Cardápio	Arroz com frango, Arroz com guariroba, Feijão com legumes, Mandioca, Carne de Porco, Macarronada, Salada de repolho, Refrigerantes
Quantidade de refeições preparadas	Foram preparadas 250 refeições
Quantidade de participantes (foliões e convidados)	Estiveram presentes mais de 300 pessoas

Fonte: MACHADO (2022-2023)

As diversas variantes da vida na cidade fazem com que as folias tenham maior dificuldade de se manterem ativas e com mesmo formato das folias do campo, mas, mesmo assim, levando em consideração os gastos e as próprias condições de manutenção das tradições na cidade, e tem se reelaborado em suas possibilidades de atuação.

No campo do Quadro 6, mesmo com as contingências impostas pelo êxodo rural, a falta de residências e moradores, as folias têm se mantido muito fortes graças a uma rede, do que entendemos ser, de proteção à tradição. Doadores, foliões-

patrões e festeiros fazem com que a tradição inventada das Folias de Reis se fortaleça, chegando a alguns casos a ter uma lista de foliões-patrões e festeiros para até 2027, o que difere das folias da cidade, em que foi identificada a dificuldade durante o intervalo para início da reza do terço para se encontrar o folião-patrão e festeiro do ano seguinte, 2024.

Quadro 6 – Cardápio, quantidades de refeições servidas, Folia de Santos Reis do campo, 06 de janeiro de 2023.

Folia 2	
Cardápio	Arroz Branco, Molho de guariroba, Tutu de feijão, Carne de vaca recheada, Carne de porco frita, Frango ao molho com açafraão, Almôndega, Mandioca, Farofa, Carne de Porco, Macarronada, Molho de abóbora, Salada de repolho com tomate, Salada de alface Vinho e cachaça
Quantidade de refeições preparadas	Foram preparadas 2500 refeições
Quantidade de participantes (foliões e convidados)	Estiveram presentes pouco mais de 2000 pessoas*

Fonte: MACHADO (2022-2023)

\*Trata-se de uma estimativa, pois a expectativa era a de contarmos a quantidade de pratos distribuídos, porém, ao iniciar as filas, percebemos que as pessoas pegavam dois pratos: com um serviam a comida e com o outro cobriam a refeição, tornando-se muito complicada a contagem por esse mecanismo.

Ao se pensar nas inúmeras problemáticas aqui apresentadas, há que se refletir na força das folias, que circulam, e fazem com que essa manifestação de cultura popular saia fortalecida a cada encontro, mesmo diante de tantas situações. Somente ao acompanhar as folias é que se pode constatar tal força, que vem de algo arraigado dos agentes que saem do campo, mas que não perdem o contato com suas origens (mesmo na cidade, reafirmamos), por conta dos pressupostos teóricos da memória e da tradição. Segundo Hall (2003, p. 255),

em meio às tensões e embates com os valores, costumes e práticas dos grupos dominantes: Creio que há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular; para cercá-la e confinar suas definições e formas dentro de uma gama mais abrangente de formas dominantes. Há pontos de resistência e também momentos de superação.

Quando Hall compromete o uso do termo superação, o mesmo está intimamente ligado a uma questão de, inclusive, tentativa de silenciamento de uma cultura popular com a envergadura das folias. Sem nenhum fatalismo cultural, quando a Igreja faz condicionamentos para o giro das folias ou quando as dificuldades impostas a agentes dessa festividade ou outro sem fim de impeditivos, quando as folias conseguem sair<sup>41</sup>, há uma superação. Há uma quebra na ordem do evento ritual. As influências do campo e da cidade vão balizar as ações das folias. Influências formativas dos agentes das folias, de igual modo, vão sofrendo as contradições de uma sociedade.

Ajudando a iluminar essas questões aqui trazidas, podemos ultimar um aspecto importante para o ritual: seus ambientes de realização. Em seu livro *O Sagrado e o Profano*, Mircea Eliade<sup>42</sup> contempla uma discussão que aqui cabe ser ressaltada. Estabelecer uma conexão sobre o que Eliade trata como sagrado e profano requer integrar ambos os debates teóricos para construir uma linha condutora. Para Eliade (1992, p.65),

(...) manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa, e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do seu meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (com maior exatidão: de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, a sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Por outros termos, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos na sua totalidade pode tornar-se uma hierofania.

---

<sup>41</sup> Quando a folia inicia seu giro é normal se dizer “sair” ou “saída” da folia

<sup>42</sup> Mircea Eliade foi um filósofo, historiador e escritor de ficção romeno. Conhecido por seu trabalho sobre a história das religiões, seus paradigmas nos estudos religiosos ainda são importantes na academia moderna. Diretor do departamento de "História das Religiões" na "Universidade de Chicago" por cerca de três décadas. Ele é altamente considerado por seu trabalho em xamanismo, alquimia e ioga. Seus quatro principais trabalhos acadêmicos ('*Traité d'histoire des religions*', 1949; '*Le Mythe de l'éternel retour*', 1949; '*Le Chamanisme et les Techniques Archaïques de l'extase*', 1951; '*Le Yoga: Immortalité et liberté*', 1954) estão em francês. O trabalho acadêmico mais notável do escritor prolífico é '*Histoire des croyances et des idées religieuses*' (1978-85). No entanto, seu romance de 1955, '*Forêt interdite*', é considerado a obra-prima de Eliade. A maioria de seus escritos é de gêneros fantásticos ou autobiográficos.

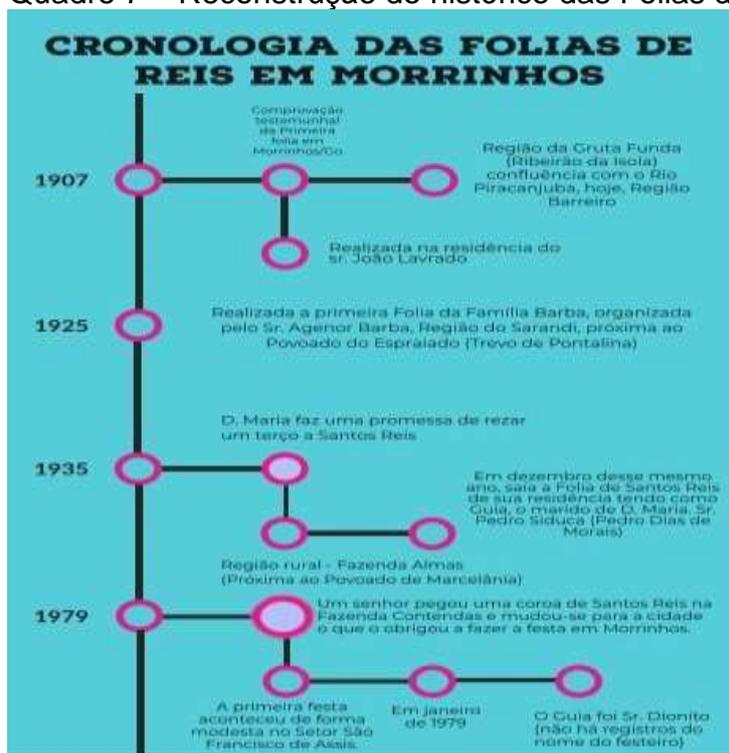
Em todo caso, afirma-se que o objeto Folias de Reis continua sendo uma perspectiva de sagrado, mesmo que haja em seus ritos a comida como forma de confraternização e festa, a bebida representada pela cachaça servida antes das refeições e do ritual do vinho - como um presente no arco do encontro entre os festeiros e a companhia de folia. Frisamos: fatos que parecem ser somente pertencentes ao profano se misturam nos rituais das folias e ganham uma redesignação.

No Quadro 7, há a construção da história das Folias em Morrinhos, chegada inicialmente em 1907 e depois difundida para mais regiões do município. Morrinhos era um grande centro para a época, isso comprovado pelo Censo de 1912<sup>43</sup>, que oferece uma série de elementos que comprovam a força do campo em detrimento da cidade. Essa força do/no campo fazia com que a expectativa dos moradores de tais lugares buscasse por uma completude no lugar: criavam vendas (espécie de comércio da época), mecanismos de desenvolvimento intelectual (os fazendeiros contratavam professores para as primeiras letras de seus filhos e dos funcionários das propriedades rurais) e também buscavam por completar o aspecto religioso de um país altamente católico, frisamos, à época.

---

<sup>43</sup>O Censo de 1920 apresenta estatísticas detalhadas sobre a economia agropecuária em Morrinhos – na época, o município com o maior número de estabelecimentos rurais do Estado (1.172), seguido por Catalão (945) e Rio Verde (798). Dos estabelecimentos rurais existentes em Morrinhos, 1.073 eram ocupados por proprietários, 72 por administradores e apenas 27 por arrendatários. Estes resultados indicam que os proprietários estavam fixados à terra, mais interessados em ocupar-se pessoalmente de suas propriedades e fazê-las produzir do que em entregá-las nas mãos de terceiros. Os 1.172 estabelecimentos recenseados variavam de uma área de até 40 hectares (39,33%) a mais de 25 mil hectares (0,17%), sendo que a área média dos primeiros, era de 10 hectares e a dos segundos de 38.720 hectares. Mais de 50% destas propriedades mediam até 100 hectares. Juntos, os 1.172 estabelecimentos totalizavam 489.085 hectares, e os dois maiores mediam sozinhos quase 80.000 hectares. Além destes existiam outros latifúndios (FONSECA, 1998, p. 145-146).

Quadro 7 – Reconstrução do histórico das Folias de Reis em Morrinhos/GO.



Fonte: MACHADO (2023)

Mesmo antes das folias começarem de fato com giro, no modelo que temos hoje, em 1902, conforme o livro *A Folia de Reis Centenária*, memórias de Gabriel da Silva (2020) conta que Lindolfo Laura, recém chegado de Minas Gerais, em 1902, já começava a movimentar-se para trazer a tradição para o município. Em 1979 a primeira folia foi realizada totalmente em Morrinhos/GO, com saída, giro e festa. Essa cronologia consegue demonstrar as clivagens das folias no campo e na cidade ainda hoje, comprovando a força de uma tradição inventada, numa festividade que resiste, se reelabora e se mantém no decorrer do tempo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quisemos dar foco, nesta tese, nos aspectos circundantes das Folias de Reis em Morrinhos/GO. Ao nos depararmos com a infinidade de possibilidades que a interação das Ciências Humanas nos permite permear, tivemos um foco especial nas folias, na cidade de Morrinhos/GO, cuja devoção a muitos santos vem, há décadas, agregando valores tradicionais, simbólicos e constituintes das comunidades onde ocorrem. Essa perspectiva interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais fez com que fossem levantadas muitas atitudes da pesquisa.

Os métodos, instrumentos pelos quais a pesquisa se perfaria, precisaram ser modificados: os foliões começaram a negar-se oferecer seu fazer: havia uma pesquisa que tinham transformado em “*flocore*” o que eles tratavam com devoção<sup>44</sup>. Foi aí que nossa pesquisa precisou, cuidadosamente, ser repensada, para que, mesmo sem a riqueza das falas de seus agentes, não perdesse a significação do tema. Isso posto, o amparo na etnografia fez com que o texto se equilibrasse de forma eficiente nas imagens, ritos e atividades, o que levou o tema a um crescimento substancial. Passei, como pesquisador, a colaborar nas festividades, como ajudante de cozinha, cozinheiro, rezador de terços, arrumador dos ambientes rituais, serviços gerais de limpeza de banheiros e salão de festas, decorador, folião-patrão, procurador, colaborador financeiro e festeiro.

De tal modo, problematizamos a pesquisa num intenso debate da tradição das folias e sua pujança no estado de Goiás, o que nos fez ter um olhar específico para algumas variações que pairavam sobre a memória coletiva dos goianos. Concluímos que as folias participam da ação coletiva de muitas comunidades estado de Goiás afora, e foi pensando nisso que discutimos os aspectos do diálogo entre o homem, seu fazer e suas narrativas.

Foi nesse momento que entendemos atitudes dos agentes e ambientes rituais para trazer campo e cidade para as discussões que nos eram pertinentes. E foi nesse momento que pudemos ver a força e consolidação de uma tradição inventada,

---

<sup>44</sup> Essa pesquisa foi feita com um tratado entre os agentes das folias e o pesquisador numa particularidade: a não distorção de sua representação de fé. Durante os levantamentos iniciais e a resistência em participar da pesquisa, os agentes somente se dispuseram a colaborar e deixar a participação se os termos de cooperação fossem estabelecidos, e o primeiro deles foi pedido pelo Sr. Miguelim, guia de folia por mais de 55 anos, em não transformar a pesquisa sobre folias como folia folclore.

mantida pela atividade de seus agentes, pela riqueza de seus rituais e pela simbologia devocional, inclusive, frente à manutenção de uma cultura popular.

Conseguimos, nessa pesquisa, analisar as clivagens das/nas performances das folias nos dois *loci*: campo e cidade; e para isso utilizamos conceitos afinados com as ciências da Antropologia, História, Geografia encampadas pelas Performances Culturais, razão lógica da interdisciplinaridade entre os diálogos e reflexões possíveis nessa pesquisa. Nos levantamentos, foi importante cumprir com esse objetivo geral para que, enfim, se pudessem mostrar as possíveis diferenças, similaridades e determinações no ritual, nos corpos performáticos dos foliões e seu corpo lúdico, considerando o capitalismo tardio como influenciador da (des) continuidade, contribuindo para a transformação da tradição.

Com o juízo sobre quais as visões as Folias de Reis em Morrinhos foram apresentados os levantamentos sobre as folias de cidade e campo, verificados em seus ritos comuns, discrepantes e convergentes, contribuíram para que fossem apuradas as filigranas que dariam o tom e colaborassem para a finalização desse momento, desta pesquisa.

Ao captar indícios marcadores singulares das atividades das folias, do campo e da cidade (canções, rituais, tensões e personagens), pudemos exemplificar num estado da arte, muito específico, como as canções e trovas poderiam ser observadas na transição de seu uso no Capitalismo tardio que passa a se manifestar nas lides, inclusive culturais, de um povo (do povo de Morrinhos/GO), do campo e da cidade - razão que norteou o nosso problema de pesquisa.

Assim que foram realizados esses levantamentos teóricos, passamos a preparar as pesquisas de campo. O envolvimento que as folias possibilitam fizeram com que passássemos a uma atuação intensa de vivências e participações, fazendo-se distante para comprovar os *corpora* de sua pesquisa - e foi isso o que fizemos. Participei ativamente de um número muito grande de festividades de folias (e ainda nesse momento de escrita tenho participado) para colher o máximo de argumentos para comprovar a hipótese de que muitos aspectos das folias foram alterados com o Capitalismo tardio e, para além dele, foi necessário observar toda uma comunidade, do campo e da cidade, que comungavam de um mesmo rito tradicional: as Folias de Reis.

Trouxemos um estado da arte com os símbolos e diversos constituintes de uma folia a fim de trazê-los agora para uma discussão. Isso posto, passamos a analisar as Folias de Reis no município de Morrinhos/GO e compreender uma comunidade que é atravessada por esse símbolo cultural, ano a ano, há mais de um século, em que toda uma dinâmica social é alterada quando acontecem os festejos.

Ao dialogamos com todas essas alterações incidiu-se dizer que, no decorrer dos anos, as tradições inventadas das Folias de Reis, assim como outras representações, foram altamente afetadas pelos aspectos culturais e políticos. Deste último, compreendamos, inclusive, questões financeiras que passaram a interagir com toda uma perspectiva de realização das festividades.

Ao observarmos as teorias aqui trazidas no primeiro capítulo, conseguimos ver que a legitimidade cultural das folias faz com que campo e cidade passem a ser uma base simbólica e material das mesmas. O campo e a cidade deixam de ser lugares físicos para se transformar em ambientes representativos que passarão, após a realização do ritual, a pertencer a uma memória coletiva.

Levantamos muitos dados que conseguem comprovar esse fato. Aqui demonstramos o quanto o capitalismo tardio<sup>45</sup> impactou nas Folias de Reis em Morrinhos, trazendo uma espécie de reelaboração para as realizações - propondo as questões que envolvem o dinamismo oriundo da temporalidade histórica de que é constituída, por conta da sociabilidade moderna e também da circularidade cultural encontrada nas folias.

Até que ponto, numa festa tradicional religiosa, havia o profano? Entendemos na pesquisa que sagrado e profano se misturam o tempo todo, uma vez que os ambientes têm uma preparação, e que a se pensar por exemplo, as flores feitas para adornar os espaços-rituais e altares são objetos que pertencem ao campo do sagrado, “(...) o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história” (ELIADE,

---

<sup>45</sup> Marcuse caracteriza o capitalismo norte-americano – tomado como modelo do capitalismo tardio – como o caminho para o que denomina de sociedade *unidimensional* (1982, p. 18): uma sociedade que controla e integra todas as dimensões da existência, privada e pública, que assimila forças e interesses antes opostos, que administra metodicamente os instintos humanos; uma sociedade na qual toda força de negação está reprimida e se converte, por sua vez, em fator de coesão e afirmação. Este processo de integração, tão característico desta sociedade, se desenvolve, além disso, sem um terror aberto: a democracia consolida a dominação mais firmemente do que o absolutismo. A liberdade administrada e a repressão dos instintos se transformam em instrumentos fundamentais para o aumento incessante da produtividade.

1992, p.32). Logo, quando as pessoas começam a adentrar nos ambientes em que as festividades estão acontecendo e começam a retirar as flores e colocá-las nas roupas e cabelos vemos, por exemplo, símbolos/objetos que participam, para uns, dos rituais do sagrado, enquanto se fazem profanos, para outros participantes. Diferentemente do que acontece em outras tradições, isso é muito comum nas folias.

O fato de ser distribuída cachaça e vinho aos convidados e devotos, por exemplo, sob a luz da sociabilidade moderna, não altera o fato da identidade de acolhimento das folias, cujo apelo é religioso: todos participam ativamente da bebida e da comida, mesmo que não professem a mesma fé e devoção nas Folias de Reis. Há um movimento importante de inclusão dos participantes, marca pontual que podemos identificar em outras tradições populares inventadas.

As teorias defendidas por Williams (2011b), e por nós reforçadas, mesmo tendo como pano de fundo a Inglaterra e suas ligações com a cultura literária, reforçaram estereótipos que são aceitos/permitidos até hoje: a ideia da "involução para o campo" e "evolução para a cidade" e a criação de um linguajar adequado em detrimento de outro, o que é comprovável ao se ouvir a cantoria das folias.

Conseguimos responder aos objetivos da pesquisa quando compreendemos que outro aspecto importante nas Folias de Reis é ligado ao giro da folia que compreende-se a peregrinação dos agentes pelas casas dos devotos com seus cantos. A quantidade de dias é sempre em quantidade de dias ímpares, desde a ideia fundante da tradição, não se sabendo ao certo o porquê desse costume, mas acreditamos ser uma contagem simples que exatamente relembra os dias que perpassam de 26 de dezembro, após nascimento do Menino Jesus, até o dia 06 de janeiro (11 dias), que inclusive está no calendário Católico como o dia de comemoração à memória de Santos Reis.

Outra adaptação imposta pelo capitalismo tardio é que o giro das folias no campo ainda conserve esse quantitativo de dias, que variam em 7, 9 e 11 dias. As folias em Morrinhos/GO só têm giros em quantidades ímpares de dias. Porém, na cidade, já houve uma interferência que careceu de adaptações. Um exemplo claro é trazido pelas folias que mudaram os giros atendendo a um aspecto que a vincula à necessidade de trabalho dos foliões. No sentido também de comprovar que a globalização e a terceirização da mão-de-obra conseguiram precarizar ainda mais as relações dos países mais pobres e de seu povo.

Há que sejam observadas as interferências do capitalismo tardio nos dias de giro das folias, pois, a relação entre os dias de envolvimento com os festejos são dias a menos de mão-de-obra no trabalho formal dos agentes das folias, impactando inclusive nesses atravessamentos: diminuição de dias dos giros das folias, e, em casos extremos de apagamento das folias, que no meio das folias eles dizem “enterrar a folia”, ou seja, colocar fim a suas atividades.

Acontecimento pontual que envolve as folias é que, nos finais de ano, de dezembro a janeiro, calendário regulado para o acontecimento das folias, a mão-de-obra para o trabalho na cidade é intensificada pelo aquecimento do comércio e necessidades diversas, fazendo com que a mudança para o período de férias escolares de julho e a quantidade de dias ficando entre 3 e 5 dias (no máximo) seja uma realidade. Estes são reflexos amplos do capitalismo tardio sobre a festividade, criando para a sociabilidade moderna uma resposta para suas recepções.

É salutar considerarmos que essas clivagens externas às festividades sejam aqui apresentadas como forma de comprovação de que as questões da modernidade afetam o ritual alterando os dias de acontecimentos do mesmo, fazendo com que a intensidade das atividades seja colocada de forma a deixar que as ressignificações aconteçam. Para além disso, há também as folias, tanto do campo quanto da cidade, que preferem datas fora do calendário religioso de comemoração das folias por se tratar de período chuvoso, evitando-se assim mais gastos com a estruturação de ambientes rituais.

Outro ponto observado foi o do transporte das folias, nas cidades, os giros são menores, passam em menos residências. As questões de emprego impactam na recepção das folias/foliões. No campo as pessoas estão mais disponíveis para o mesmo fato. A parte gastronômica também precisa ser retomada. Os cardápios e as formas de preparo na cidade são discrepantes e fazem com que as reelaborações aconteçam num ato de resistência.

Há, em todos esses continentes de estudo, uma provocação que ajudou a comprovar o problema central da pesquisa: as folias sofreram mudanças significativas em sua atuação ritual no campo e na cidade por conta do Capitalismo tardio, e conseguiram, com isso, uma reelaboração nos ambientes, rituais, indumentárias e participação de seus agentes. Tais clivagens puderam ser identificadas na Sociabilidade Moderna em que os agentes precisaram se adaptar a alterações

externas ao ritual para que pudessem fazer com que sobrevivesse essa Tradição Inventada. Campo e cidade, em suas mudanças, clivagens significativas para que se possa observar o fato das folias enquanto tradição inventada, sofrem por seu lugar de atuação, mecanismos de acesso e outras implicações históricas, inclusive.

Compreendemos como se deram essas dimensões é dizer que as Folias surgem num processo de circular desde sua criação, e, por agora, resistiram num processo vital para a permanência do credo religioso popular. Como já elucubrado anteriormente, as Folias de Reis ocuparam um papel de necessidade de um povo distante dos centros institucionais de acesso.

Percebemos que todas as reelaborações por que passaram e muitas vezes são submetidas as Folias de Reis compreendem saber que os agentes, as comunidades que são modificadas pelas festividades passaram a cumprir um papel na perpetuação desse rito, seja no campo, seja na cidade.

Como pesquisador, passei a buscar e visitar Folias de Reis em outras cidades e outros estados para verificar também alguns pontos que pudessem fazer com que alguns caracteres surgissem para dar o tom a essa pesquisa. Comum a todos foi o processo de resistência dessa tradição inventada. Um esforço sobre-humano para a manutenção dessa tradição pode ser visto a cada encontro, uma vez que tanto no campo quanto na cidade esse empecilho é colocado de forma veemente: esse tipo de tradição inventada precisa de aportes financeiros altos e uma qualificação humana muito específica, o que tem sido escassa a cada ano que passa. O processo de renovação de foliões tem ficado cada vez mais distante da prática na cidade, enquanto no campo há essa preocupação.

Durante o período da pesquisa, muitas dificuldades foram surgindo. A vergonha e o medo dos participantes em falar ao gravador fizeram com que a metodologia das entrevistas precisasse ser revisada e abortada. Ao lidar com uma fração de guias de folias e foliões, vimos a dificuldade de compreensão sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), mesmo que por diversas vezes explicado. Assim, houve a necessidade de modificação da abordagem inicial e coleta da pesquisa.

Ouvir as histórias, cantos e muitas outras riquezas de informações sem poder de fato utilizá-las me trouxe frustrações, que depois foram superadas nas coletas de materiais simbólicos e ritualísticos demonstrados na pesquisa, e foi nas tentativas de tentar compreender os fatos é que chegamos a esse final. De uma forma muito

respeitosa e dedicada, o cuidado em comprovar que a sociabilidade moderna e o capitalismo tardio ante as folias provocasse as clivagens que elas têm apresentado.

Hoje, em meu lugar de fala, como pesquisador participante, posso atestar que as Folias de Reis em Morrinhos/GO mudam a dinâmica das comunidades que têm essa tradição inventada manifestada e fazem com que os agentes das folias interajam de forma a fortalecer, ano após ano, esse ritual. Como pesquisador, vi a força das folias agregando rituais. A força das folias na cidade, resistindo às intempéries do tempo, a questões do poder do capital, às muitas reelaborações necessárias para continuar existindo. A força das folias no campo lutando contra o êxodo rural, a mecanização no campo e a desnecessidade de mão-de-obra no lugar, provocando o esvaziamento do campo; aos efeitos das implicações da modernidade como mecanismos de apagamento da tradição e a força para continuar existindo, reelaborando práticas, ganhando adeptos, fortalecendo suas crenças e pactuando para o fortalecimento das Folias de Reis no município de Morrinhos/GO.

As Folias de Reis, em Morrinhos/GO são perenes. A força da tradição e de seus agentes confirmaram isso nessa pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Revitalização de manifestações populares tradicionais brasileiras: Re-significação da noção de cultura popular.** In: Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 23 e 24 de maio de 2007.

ÁGUAS, Carla Ladeira Pimentel. **Manifestações barrocas: Jongo e Folia no quilombo de Colônia do Paiol.** *Cadernos de Arte e Antropologia*, 2002. Vol. 2, N.º 2 | -1, 87-108.

ALVES, Aroldo Cândido. **Folia de Reis: Tradição e Identidade em Goiás.** In: 2º Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG, 2009, Goiânia. **Anais** [...] p. 1-11, set. 2009.

AMARAL, Thaís. **Entre a tradição e a modernidade** – permanência e transformações nos registros memoriais das Folias de Reis do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dialética, 2021.

ARIÑO, Antonio Villarroya. **La ciudad ritual: La fiesta de las Fallas.** Barcelona, España: Anthropos, 1992.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário.** São Paulo: Paulinas, 1977.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações.** 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2006.

Bakhtin, M. M. **The Dialogic Imagination.** Translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin, TX: University of Texas Press, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** 6. ed. São Paulo: Editora HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento.** 2 ed. São Paulo: Papirus, 2000. Coleção Turismo.

BAUMAN, Richard; SHERZER, Joel. **Explorations in the ethnography of speaking.** 2.ed. UK: Cambridge University Press, 1989.

BAUMAN, Richard. **Fundamentos da Performance.** Tradução David Harrad e Ana M. Collares. Na Sociedade e Estado, v. 29 n. 3, 2014

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BITENCOURT, Rosana F. M. **Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**. 2020. 157 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Alfredo. **Cultura e Culturas Brasileiras. In: Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BONESSO, Márcio. **Encontro de Bandeiras: as folias de reis em festa no Triângulo Mineiro**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense. 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

BURKE, Peter. **A cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. 1ª reimpressão. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global. 10.ed, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis**. São Paulo: Divisão do Arquivo Histórico, 1959.

CASTRO, Zaíde Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien**, *op. cit.*, p. 148. Paris: 1999.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. *In: A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 157-200.

CHARTIER, Roger. **Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. In: \_\_\_\_\_. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

\_\_\_\_\_. **Formação social e 'habitus': uma leitura de Norbert Elias**. In: A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 91-110.

\_\_\_\_\_. **O mundo como representação**. In: À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Daniel. **Histórias e memórias de Folias de Reis**. Ituiutaba: Egil, 2010.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2005.

CUCHE, Deys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia — paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas festividades**. 2011. 318 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Editora Contraponto, Rio de Janeiro. 1997.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. **Ethnography and language**. Norwood, NJ: Ablex Press. 1981.

FONSECA, Maria Lúcia. Coronelismo e cotidiano: Morrinhos (1889-1930). *In*: CHAUL, Nasr Fayad (Coord.). **Coronelismo em Goiás: estudo de casos e famílias**. Goiânia/GO: Mestrado em História/UFG, 1998.

FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos, de capela a cidade dos pomares**. Goiânia: Editora Oriente, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. *In*: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 72-133.

HALL, S. **Minimal Selves, in Identity: The Real**. Me.ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

HALL, S. Cultural identity and Diaspora. *In*: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

HALL, S. E GIEBEN, B. (orgs.) **Formations of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1992.

HALL, Stuart. **Notas sobre a desconstrução do 'popular'**, in: SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais – Stuart Hall. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Unesco, 2003, p. 247-264.

HOBSBAWM, E. **Introdução: a invenção das tradições**. *In*: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.

KODAMA, Katia M. R. O. **Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas**. 2009. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LODY, Raul. **Eparrei, Bárbara: fé e festas de largo do São Salvador**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004.

LOWENTHAL, David. **Como Conhecemos o Passado**. Projeto História – Revista do programa de estudos pós-graduados de história, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MACHADO, José Henrique Rodrigues. **Devoção e fé nas Folias em Morrinhos/GO: Resistência do Catolicismo Popular**. Goiânia: Kelps, 2020.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 13 ago. 2023.

MAHFOUD, Miguel. **Folia de reis: festa raiz ou experiência religiosa em comunidades da Estação Ecológica Jureia-Itatins na perspectiva da psicologia social fenomenológica**. 1996. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Acesso em: 13 ago. 2023.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. Apresentação de Paul Singer; tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os Economistas).

MOREIRA, Y. **De Folias de Reis e de Folias de Reis**. Goiânia: Revista Goiana de Artes, 1983.

NEVES, Lucas Vieira Baeta. **A fotografia como documento histórico**. In: Em Tempo de Histórias, n. 8, 2004. Publicação do Corpo Discente do PPGHIS-UnB.

NELSON, Cary, TREICHLER, Paula A. & GROSSBERG, Lawrence. **Estudos Culturais: uma introdução**. In: SILVA, T.T. (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. Petrópolis :Vozes, 1995. p. 7-38

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. In: Projeto História, n. 10, São Paulo: PUC-SP, 1993, p. 07-28.

NOVAIS, Fernando Antônio e MELLO, João Manuel Cardoso de. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Novaes\\_FA\\_12\\_1046614\\_CapitalismoTardioESociabilidadeModerna.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Novaes_FA_12_1046614_CapitalismoTardioESociabilidadeModerna.pdf). Acesso em: 16 março de 2023.

OLIVEN, R. G. **Patrimônio intangível: considerações iniciais**. In: Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. ABREU, R; CHAGAS, M. (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

**O QUE É a Covid-19?** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em: jul. 2023.

PARKER, C. Religiosidade **Populare Modernização Capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto Urbe, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>  
Acesso em: 02 mar 2022.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa**. Goiânia: Kelps, 2005.

PITKIN, Hanna Fenichel. **The concept of Representation**. Berkeley: University of California Press, 1967.

PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis no sul de Minas**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992

REILY, Suzel Ana. **Renuimo's fuliao**: um estudo etnomusicológico das companhias de reis na grande cidade. 1990. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. Acesso em: 13 ago. 2023.

RIOS, Aressa. **A performance do palhaço e da Folia de Reis no Vale do Paraíba**: jogo e ritual – a tradição em transformação. Rio de Janeiro: Unirio, 2009.

RUA, J. As crises vividas pelo Estado do Rio de Janeiro e a emergência das novas territorialidades em áreas rurais. *In*: MARAFON, G. J.; RUA, J.; RIBEIRO, M. A. (Org.). **Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 271-298.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 3.ed. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Daniele Luciano; VARGAS, Maria Augusta Mundim. (Re) invenções de tradições: apropriações políticas e econômicas nas cavalgadas, vaquejadas, pegas de boi e cavalhadas de Sergipe. **Revista Cerrados, Montes Claros – MG**, v. 20, n. 01, p. 255-278, jan./jun. 2022.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em **Performance studies, an introduction**, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. 2006

SCHECHNER, Richard. **Pontos de contato entre o pensamento antropológico e o teatral**. Cadernos de Campo, v. 20, n. 20, 2011.

SILVA, Affonso M. Furtado. **Reis Magos**: história, arte, tradições, fontes e referências. Rio de Janeiro: Léo Christiano, 2006.

SILVA, Gabriel da. **As Folias de Santos Reis e Nossa Senhora do Carmo em Morrinhos**: observações e anotações de um devoto. Goiânia: Kelps, 2020.

SINGER, M. **Traditional India: Structure and Change**. Philadelphia, Pennsylvania: American Folklore Society, 1972.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. *In*: MARTINS, J. S. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, 1981. p. 198-224.

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. *In*: SPOSITO, M. E. B. ; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. p. 111-130.

SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006. 248 p.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Tradução Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Revista Internacional De Folkcomunicação. Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Ano III, Número 5 - Junho/2005.

VIANNA, Letícia. Patrimônio imaterial: novas leis para preservar... o quê? *In*: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/SEED/ MEC, 2008.

VIGILATO, José. **Folia de Reis: Povo de Deus**. Goiânia: Kelps, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. por Paulo Henrique de Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989, 439p.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. Política do modernismo. São Paulo: Editora UNESP, 2011a.

\_\_\_\_\_. Cultura e materialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2011b.

\_\_\_\_\_. Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011c.

\_\_\_\_\_. O campo e a cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2011d.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido** – Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2.ed. 1989.

**MATERIAL AUDIOVISUAL CONSULTADO****FILME E DVD**

## Filme

Título: O Mistério de Santo Reis - 43 minutos.

( <https://www.youtube.com/watch?v=IOiLrBpwzU>)

Direção: Fábio Rodrigues

Roteiro e Produção: Maurício Cardoso

Trilha Sonora: João Arruda Produção e realização: Kinema Produções Cinematográficas

Documentário produzido na região de Araxá no estado de Minas Gerais entre 2007 a 2011.

Patrocínio: CBMM e Alimentos Wilson Lei de incentivo à Cultura do Governo Federal

Título: DVD Folia de Reis de Tucumã

([https://www.youtube.com/watch?v=y\\_zFXqX8KHc](https://www.youtube.com/watch?v=y_zFXqX8KHc))

DIREÇÃO: Márcio Martins

EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO: Rafael Rodrigues

ROTEIRO E APRESENTAÇÃO: Felipe Gall -Rafael Rodrigues

REPORTAGEM : Felipe Gall - Paulo Francis - Marcio Martins

FOTOGRAFIA :Wictor Marcos

FILMAGEM: Wictor Marcos - Rafael Rodrigues - Marcio Martins - Felipe Gall - Paulo Francis

ASSISTENTE DE VÍDEO : Antônio Rodrigues

TRILHA SONORA: Cinematic Adventure Epic - Cantoria de Folia de Reis

TEXTO : Folia de Reis: Uma festa profana/religiosa que demonstra a fé e as tradições populares emaranhadas nas ondas do progresso, da modernidade e que resiste ao tempo. Escrito por Elvira Soares

DISCOGRAFIA (CD)

**Folia de Reis Estrela de Ouro**

(<https://www.youtube.com/watch?v=RTRNC7TSb2s>.)

**APÊNDICES – FOTOGRAFIAS DAS PESQUISAS DE CAMPO**  
**A – Altares no campo e na cidade**













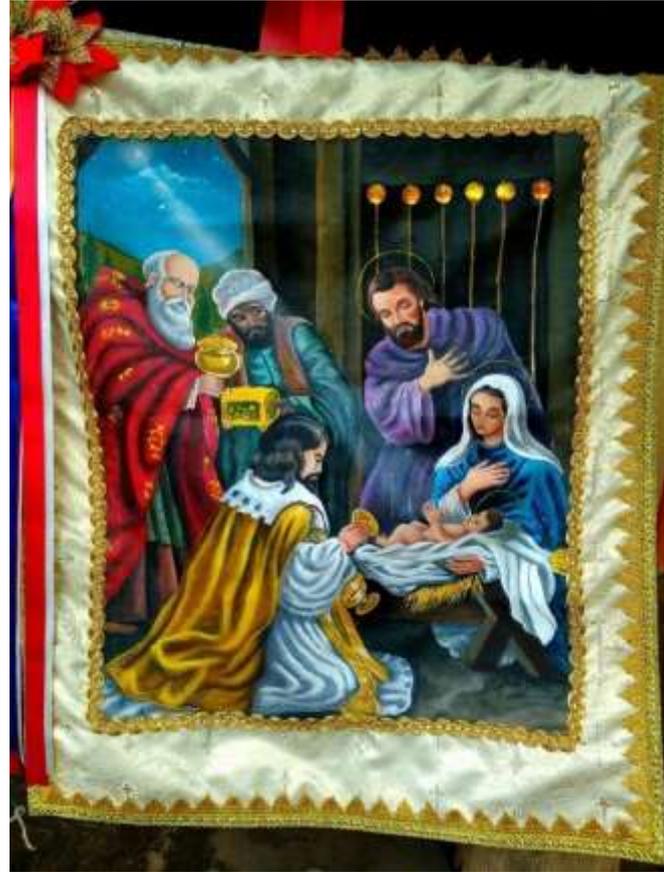












Apêndice C – Benzeção dos Terreiros





Apêndice D – Refeições









Apêndice E – Equipe de Cozinha



Apêndice F – Folia do Bom Jardim das Flores, campo





Apêndice G – Folia de Santos Reis na cidade





Apêndice H – Preparação de alimentos – Gastronomia das folhas









Apêndice I – Mutirão



Apêndice J – Palhaço







Apêndice K – Preparação para a Festa







Apêndice L – Presentes dados aos foliões: folia do campo





Apêndice M – Festa na cidade e festa no campo, respectivamente

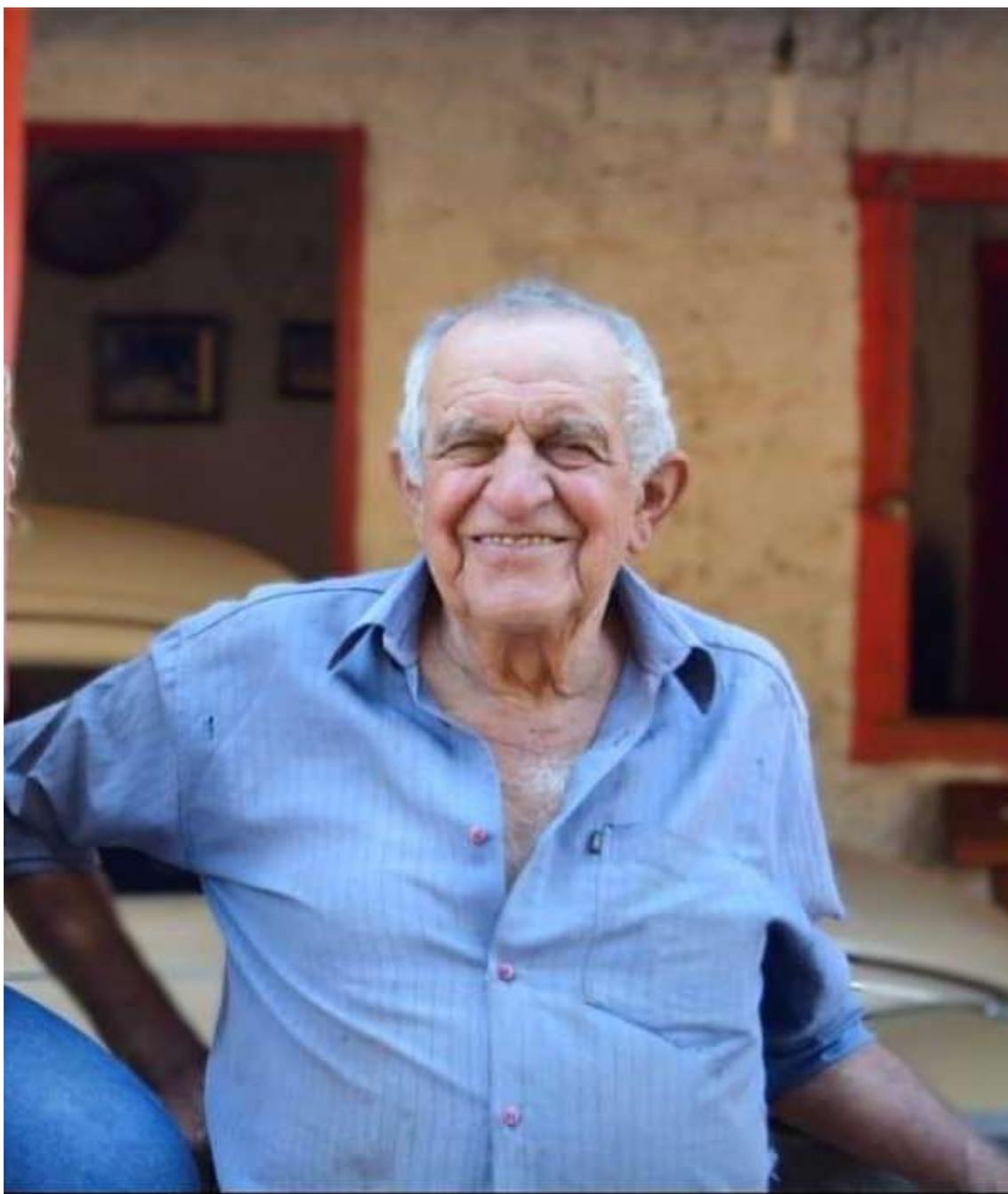




## Apêndice N – Homenagem aos foliões falecidos – Miguelim e Biela



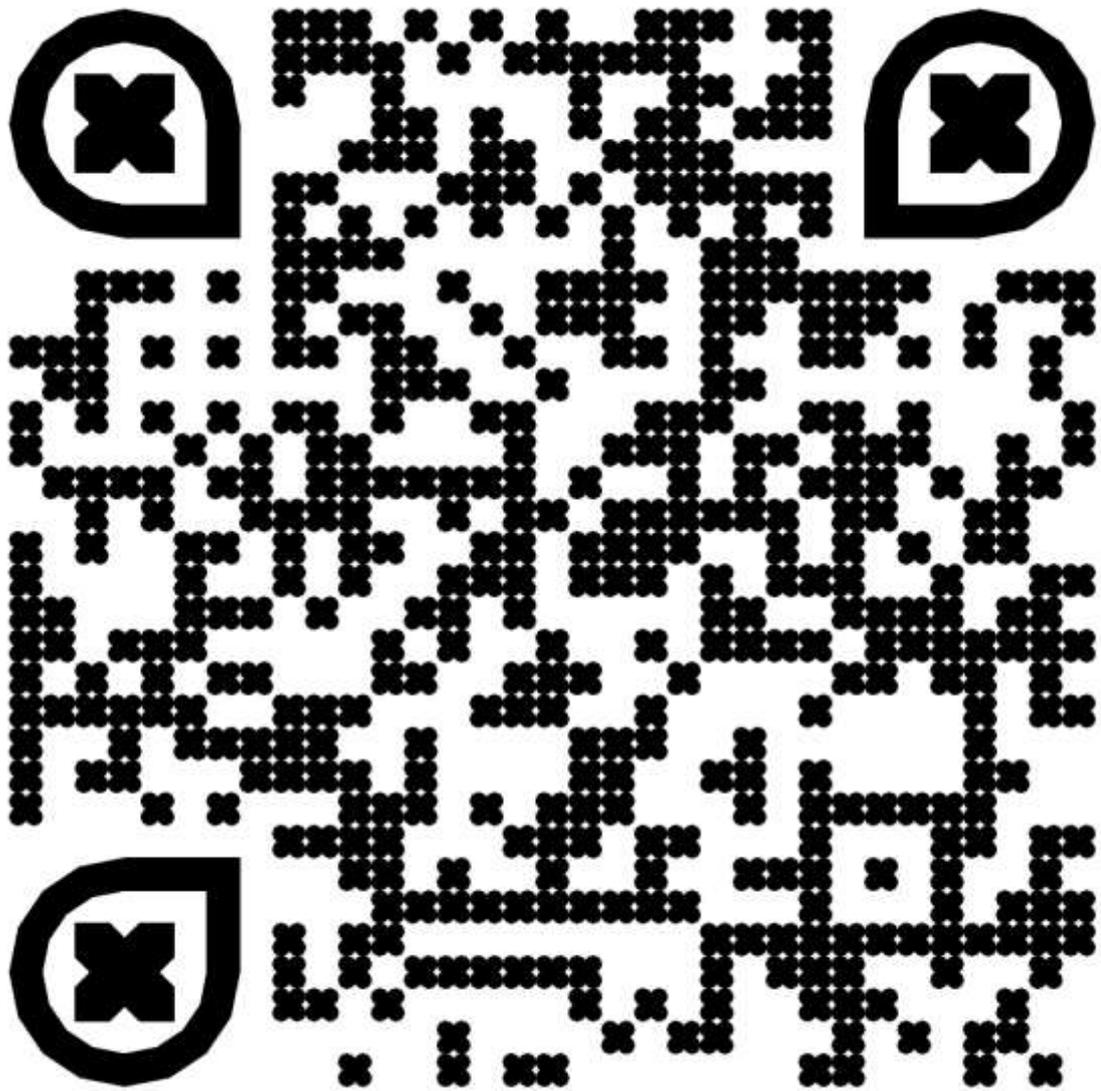
Gabriel da Silva, Biela. Devoto e folião de inúmera sabedoria e cultura das folias na cidade de Morrinhos/GO. Escreveu um livro sobre as folias, que eu tive a honra de organizar e prefaciá-lo! Todo o original datilografado. Nos deixou há poucas horas da defesa desse doutorado. Ele foi uma pessoa muito especial para mim, que me ensinou muito sobre as folias e com seus símbolos o amor e a amizade. Ele sempre esteve ao meu lado nos momentos bons e ruins dessa pesquisa, me apoiando, me dando conselhos, quando eu pensava em desistir: a negativa dos foliões em responder aos questionários me deixou transtornado e como ele era um homem de fé, de caráter e de bondade, contornou tudo e eu segui. Ele deixou um legado de alegria, generosidade e esperança para todos que o conheceram. Um grande amigo. De meu falecido pai, e, meu! A amizade é uma forma de amor que nos faz sentir bem, que nos apoia nos momentos difíceis, que nos alegra nas horas de festa, que nos ajuda a crescer e a evoluir, e é esse meu entendimento sobre você, Biela. Siga em paz, organizando as folias daí do céu!

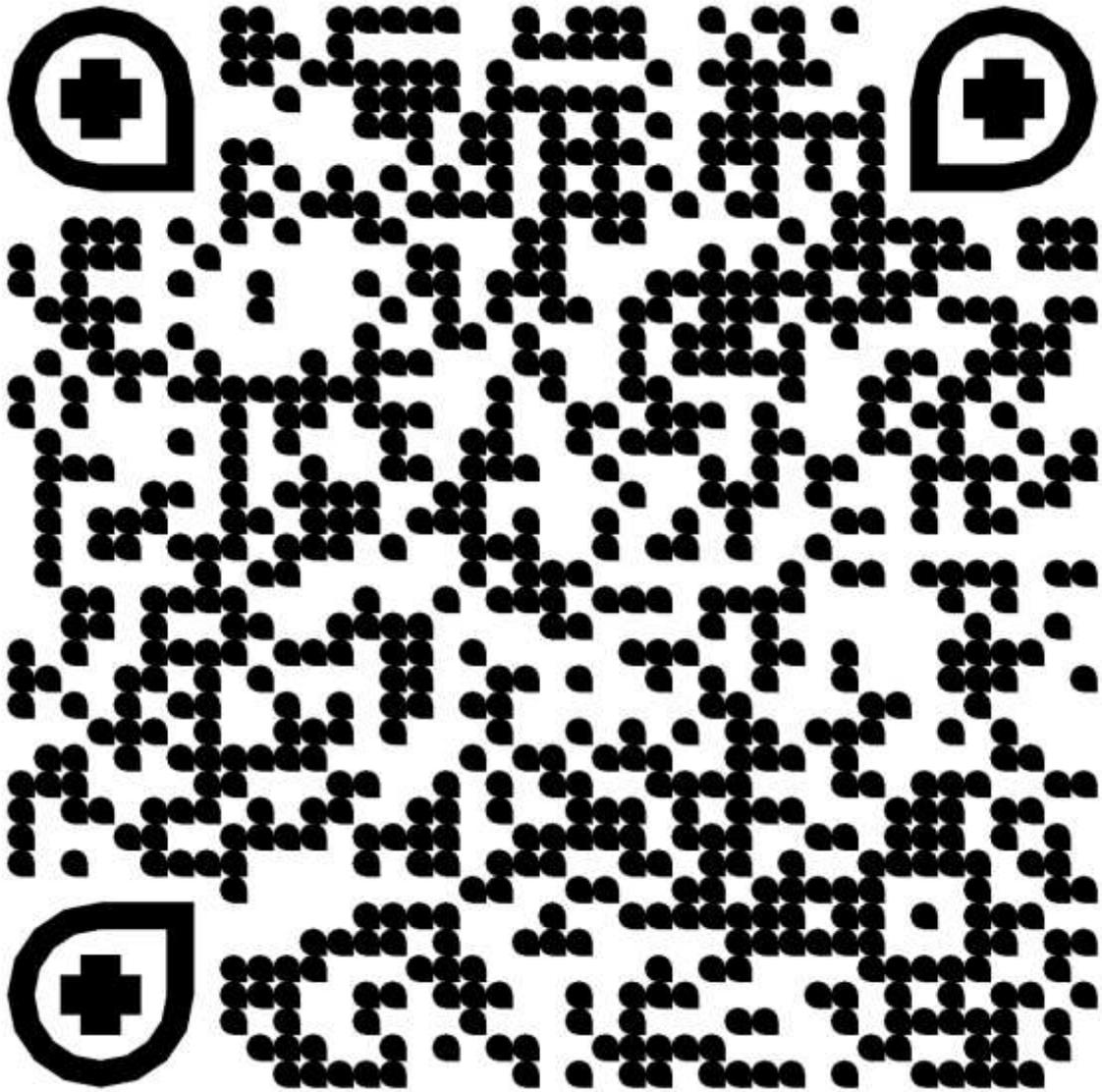


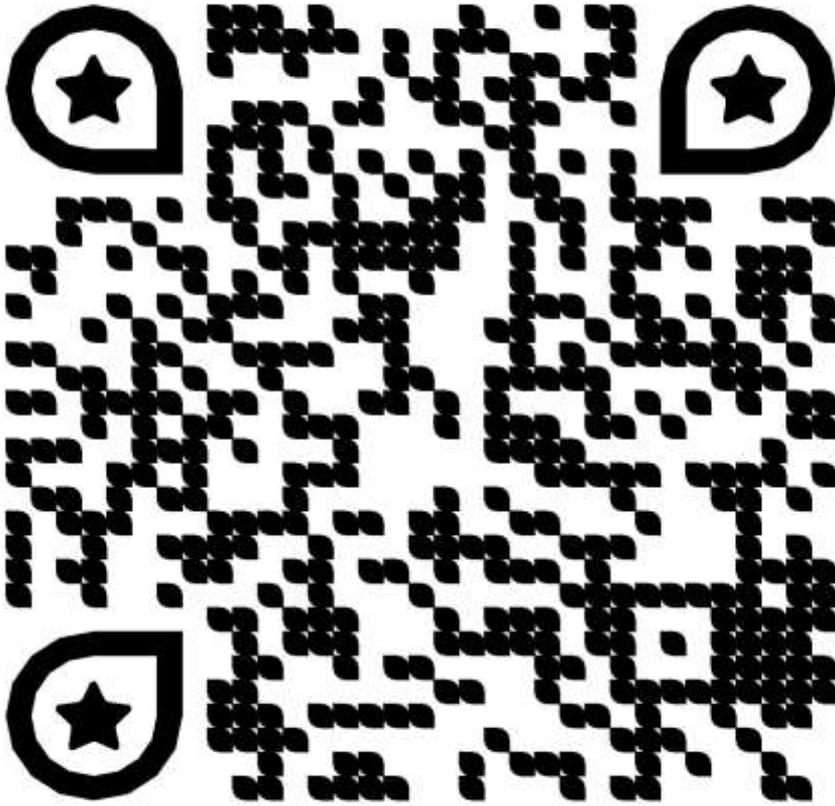
Guia de Folia Miguelim, dono de uma voz vibrante e forte. Grande recurso de versos. Minha homenagem, como pesquisador que usufrui de sua presença. Hoje, com lágrimas de gratidão nos olhos, quero prestar uma homenagem a um homem da cultura popular que faleceu recentemente. Ele se chamava Miguel, o “Seu Miguelim”. Ele dedicou sua vida à música e à preservação das tradições das folias, levando sua cultura de devoção e fé para diversos lugares. Ele era um exemplo de humildade, alegria e talento, que inspirou muitas gerações de foliões. Sua partida deixará uma lacuna imensa na cultura morrinhense, mas seu legado permanecerá vivo em sua amizade e feitos: Cada vez que uma viola pontear uma folia, ele será lembrado! Que ele descanse em paz e que sua voz, mesmo na lembrança, continue ecoando nos corações de todos que o conheceram e o respeitaram.

Apêndice P – Nos giros das folhas



















## Apêndice P – De pesquisador a devoto





